



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

“Envelheceste tu, envelhecerei eu: A relação entre avós e netos e a sua influência no idadismo e na perceção do próprio envelhecimento”

Marília Ferreira Massa

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Comunitária, Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Orientadora:

Professora Doutora Sibila Marques, Professora Auxiliar

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2019



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

“Envelheceste tu, envelhecerei eu: A relação entre avós e netos e a sua influência no idadismo e na perceção do próprio envelhecimento”

Marília Ferreira Massa

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Comunitária, Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Orientadora:

Professora Doutora Sibila Marques, Professora Auxiliar

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2019

*Ao meu avô Fernando,
partiste e deixaste uma eterna saudade,
mas as memórias ficarão para sempre.*

Agradecimentos

Ao meu avô, agradeço por ter sido a minha infância, pelos ensinamentos partilhados e pelas recordações deixadas. Do teu “cantinho” que estejas a olhar por mim e que te orgulhes do que consegui alcançar até esta fase.

À minha mãe, agradeço o amor e apoio incondicional, pois sempre acreditou ser possível e por me ter dado “asas” para remar para além do oceano.

Ao meu pai, agradeço por ter acreditado em mim e por ter-me dado força para continuar a realizar os meus sonhos em outro lugar.

À minha irmã, agradeço por ser a minha companheira de vida, no meio de tanta “tempestade e turbulência” e por estar sempre presente em todos os momentos.

À minha avó, agradeço o seu amor e apoio incondicional, os valores que me transmitiu e agradeço por estar presente em todas as etapas da minha vida, sendo considerada mesmo uma “segunda mãe”.

Aos meus avós, agradeço o apoio dado ao longo destes anos.

À Rita, Carlota, Filipa e Sara, minhas companheiras açorianas, agradeço por representarem a amizade verdadeira e que por mais distante que estejamos o “regresso” mostra que será sempre tudo igual.

À Dália, Lídia, Beatriz, Diana, Débora e Anna, agradeço por terem sido a minha “bagagem” ao longo desta estadia, onde cada uma com as suas “mil e uma características” deram origem a momentos gloriosos “empacotados” com muitas gargalhadas, aventuras e memórias que irei levar comigo, principalmente os momentos no “Spot Marília” que irão ficar para sempre eternizados.

À Laís, minha companheira de casa, agradeço o suporte e o apoio fornecido ao longo deste período.

À professora Sibila Marques, agradeço pela orientação e transmissão de conhecimentos, de forma a tornar possível a construção desta tese.

A Deus, agradeço por me ter acompanhado ao longo desta jornada, pois segundo as palavras da minha avó “Quem anda com Deus, Deus acompanha!”.

“The future belongs to those who believe in the beauty of their dreams.”

Eleanor Roosevelt

Resumo

O envelhecimento da população transporta uma diversidade de desafios para a sociedade, nomeadamente o preconceito contra a idade, designado por idadismo. Este preconceito pode despoletar algumas consequências para os próprios indivíduos, levando ao aumento da ansiedade em relação ao seu próprio processo de envelhecimento. Combater este tipo de processos é essencial para garantir uma sociedade inclusiva para todas as idades. O contacto intergeracional, incluindo a relação entre avós-netos, tem um papel essencial neste sentido. O presente estudo pretendeu analisar, em contexto nacional, o efeito das variáveis relacionadas com o contacto entre avós e netos (i.e., frequência de contacto, qualidade do contacto, identidade familiar, autorrevelação e saliência de idade) no idadismo e na ansiedade face ao próprio envelhecimento. Participaram neste estudo 158 jovens adultos, com idades compreendidas entre os 18 e 35 anos. Relativamente aos resultados obtidos, verificou-se que tanto as medidas de contacto (i.e., frequência e qualidade do contacto), como as características específicas dos avós (i.e., identidade familiar e autorrevelação) estavam associadas a menores níveis de idadismo nos jovens adultos. Por outro lado, os efeitos de contacto na ansiedade face ao envelhecimento foram mais limitados. Estes resultados são discutidos tendo em consideração as implicações para a promoção do contacto entre as gerações.

Palavras-chave: Envelhecimento, Ansiedade do Envelhecimento, Idadismo, Relação Avós-Netos

Códigos e Categorias de Classificação:

2860 Gerontologia

2950 Casamento & Família

Abstract

Population aging brings a variety of challenges to society, including the prejudice against age, designated by ageism. This prejudice can trigger some consequences for individuals, leading to increased anxiety about their aging process. Dealing with such process is essential to ensure an inclusive society for all ages. Intergenerational contact, including the relationship between grandparents and grandchildren, plays an essential role in this issue. The present study aimed to analyze, in a national context, the effect of contact related variables between grandparents and grandchildren (e.g., frequency of contact, quality of contact, family identity, self-disclosure, and age salience) on ageism and anxiety towards one's aging process. 158 young adults, aged between 18 and 35 years old, participated in this study. Regarding the results obtained, it was found that both contact measures (e.g., frequency and quality of contact), and grandparents' specific characteristics (family identity and self-disclosure) were associated with lower levels of ageism on young adults. On the other hand, contact effects on aging anxiety were more limited. These results are discussed taking into account the implications for the promotion of intergenerational contact.

Keywords: Aging, Aging Anxiety, Ageism, Grandparents-Grandchildren Relationship

Classification Categories and Codes:

2860 Gerontology

2950 Marriage & Family

Índice

Introdução	1
I. Enquadramento Teórico	3
1.1. Envelhecimento	3
1.1.1. Envelhecimento demográfico e as suas consequências	3
1.1.2. Processo de Envelhecimento	5
1.2. Ansiedade face ao envelhecimento	6
1.2.1. Ansiedade face ao envelhecimento nos jovens adultos	9
1.3. Idadismo	10
1.4. Contacto entre as gerações como forma de diminuir a ansiedade face ao envelhecimento e o idadismo: o caso especial da relação avós-netos	14
1.5. Relação avós-netos e a sua influência no idadismo e na ansiedade face ao envelhecimento	17
II. O presente estudo: objetivo e hipóteses	25
III. Método	27
3.1. Delineamento do estudo	27
3.2. Participantes	27
3.3. Instrumentos	28
3.3.1. Questões sociodemográficas.....	28
3.3.2. Frequência do contacto.....	29
3.3.3. Qualidade de contacto.	29
3.3.4. Relação e participação com os avós.....	29
3.3.5. Identidade Familiar.....	29
3.3.6. Autorrevelação.	30
3.3.7. Saliência de idade.	31
3.3.8. Percepção de competência e afetuosidade das pessoas idosas.	31
3.3.9. Estereótipos positivos e negativos das pessoas idosas.	32
3.3.10. Emoções face às pessoas idosas.....	32
3.3.11. Ansiedade face ao envelhecimento.....	33
3.4. Procedimento	34
IV. Resultados	37
4.1. Variáveis Sociodemográficas	37
4.2. Frequência do contacto	38
4.3. Qualidade do contacto	39
4.4. Relação e Participação com os avós	39
4.5. Identidade Familiar.....	41

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

4.6. Autorrevelação	41
4.7. Saliência da Idade.....	42
4.8. Percepção de Competência e de Afetuosidade das Pessoas Idosas	42
4.9. Estereótipos Positivos e Negativos das Pessoas Idosas.....	43
4.10. Emoções face às Pessoas Idosas	44
4.11. Ansiedade face ao Envelhecimento	44
4.12. Relação entre as variáveis	46
4.12.1. Relação com os avós e idadismo	46
4.12.1.1. Quantidade e qualidade do contacto com os avós e idadismo.....	46
4.12.1.2. Características da relação com os avós e idadismo.	48
4.12.2. Relação com os avós e ansiedade face ao envelhecimento	51
4.12.2.1. Quantidade e qualidade do contacto com os avós e ansiedade face ao envelhecimento. 51	
4.12.2.2. Características da relação com os avós e ansiedade face ao envelhecimento.	52
4.13. Mediações entre as variáveis.....	53
4.13.1. O medo de pessoas idosas medeia a relação entre a identidade familiar e a emoção admiração	53
4.13.2. O medo de pessoas idosas medeia a relação entre a autorrevelação e a emoção admiração	55
4.13.3. As preocupações psicológicas medeiam a relação entre a identidade familiar e a percepção de competência.....	56
4.13.4. As preocupações psicológicas medeiam a relação entre a autorrevelação e a emoção pena	58
V. Discussão	61
5.1. Limitações do presente estudo e Sugestões futuras	66
Conclusão.....	69
Referências.....	73
Anexos	81

Índice de Quadros

Quadro 3.1. Caracterização Sociodemográfica dos Participantes.....	28
Quadro 4.1. Medidas Descritivas da Identidade Familiar, Autorrevelação e Saliência da Idade.....	42
Quadro 4.2. Medidas Descritivas da Ansiedade face ao Envelhecimento.....	45
Quadro 4.3. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar a Afetuosidade.....	47
Quadro 4.4. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar a emoção “Admiração” e “Pena”.....	48
Quadro 4.5. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar a percepção de Competência e a Afetuosidade.....	49
Quadro 4.6. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar os Estereótipos Positivos.....	50
Quadro 4.7. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar a emoção “Admiração” e “Pena”.....	51
Quadro 4.8. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar o Medo de Pessoas Idosas	51
Quadro 4.9. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar o Medo de Pessoas Idosas e Preocupações Psicológicas.....	52
Quadro 4.10. Resultados de regressão na relação entre a Identidade Familiar e a emoção Admiração mediado pelo Medo de Pessoas Idosas.....	54
Quadro 4.11. Resultados de regressão na relação entre a Autorrevelação e a emoção Admiração mediado pelo Medo de Pessoas Idosas.....	56
Quadro 4.12. Resultados de regressão na relação entre a Identidade Familiar e a percepção de Competência mediado pelas Preocupações Psicológicas.....	57
Quadro 4.13. Resultados de regressão na relação entre a Autorrevelação e a emoção Pena mediado pelas Preocupações Psicológicas.....	59

Índice de Figuras

Figura 4.1. Frequência do Contacto entre os Jovens Adultos e seus Avós.....	38
Figura 4.2. Qualidade do Contacto entre os Jovens Adultos e seus Avós.....	39
Figura 4.3. Relação e Participação com os Avós.....	40
Figura 4.4. Relação e Participação com os Avós.....	41
Figura 4.5. Concordância média sobre os traços “Competentes” e “Afetuosos” em relação às Pessoas Idosas.....	43
Figura 4.6. Concordância média sobre os Estereótipos Positivos e Estereótipos Negativos face às Pessoas Idosas	43
Figura 4.7. Média das Emoções face às Pessoas Idosas.....	44
Figura 4.8. Efeito da Identidade Familiar na emoção Admiração mediado pelo Medo de Pessoas Idosas.....	53
Figura 4.9. Efeito da Autorrevelação na emoção Admiração mediado pelo Medo de Pessoas Idosas.....	55
Figura 4.10. Efeito da Identidade Familiar na percepção de Competência mediado pelas Preocupações Psicológicas.....	56
Figura 4.11. Efeito da Autorrevelação na emoção Pena mediado pelas Preocupações Psicológicas...57	

Introdução

Os estudos em Psicologia Social demonstram que tendemos a categorizar as pessoas em função de três grandes atributos (sexo, a cor de pele e a idade) (North & Fiske, 2012), sendo que a estas categorias se associam normalmente representações que podem influenciar o modo como interagimos com os outros (Coelho, 2013). Neste sentido, os investigadores têm procurado compreender as causas e consequências que derivam desta categorização (Nelson, 2005).

No que consta ao racismo, este tem sido e continua a ser um dos principais focos de investigação em diversos estudos. Do mesmo modo, um grande número de estudos investigou o preconceito com base no sexo. No entanto, pouca atenção tem sido dada à discriminação com base na idade por parte dos investigadores, o que proporciona que esta temática esteja em desvantagem em comparação com as outras (Nelson, 2005). Nesta perspetiva, o conceito de idadismo surgiu pela primeira vez pela voz do Dr. Robert N. Butler, em 1969 (Nelson, 2005), que o designou como um conjunto de práticas e atitudes negativas em relação aos indivíduos, tendo em conta uma única particularidade, a sua idade (Marques, 2011).

De acordo com uma pesquisa realizada na base de dados PsycINFO, é evidente a discrepância em relação a estas temáticas, no sentido em que se verificou que para o racismo a pesquisa encontrou um total de 8,941 documentos, enquanto para a temática do sexismo foram encontrados 2,836 documentos. Por sua vez, ao pesquisar o termo idadismo, apenas surgiram 750 documentos (North & Fiske, 2012). Isto pode ser explicado pelo facto deste conceito ainda ser considerado bastante aceite na sociedade, como também pode derivar da falta de conhecimento que os indivíduos apresentam do mesmo (Marques, 2011).

Apesar disto, esta forma de preconceito é mais prevalente do que o racismo e o sexismo em diversos países europeus (Abrams, Russel, Vauclair, & Swift, 2011), ao qual Portugal não é exceção. Neste contexto, o idadismo diferencia-se das outras duas formas de preconceito, na medida em que potencialmente todos poderão vir a ser alvo dele, uma vez que o processo de envelhecer é natural e universal (Bojanić & Nedić, 2015).

No entanto, sendo o processo de envelhecimento uma realidade ainda muito presente na nossa sociedade, ele acarreta uma diversidade de desafios, o que pode levar a que os indivíduos demonstrem ansiedade face ao mesmo. Apesar de muitos sujeitos abordarem este acontecimento com ansiedade, são principalmente os jovens adultos quem mais sentem ansiedade face ao próprio envelhecimento, por considerarem que esta etapa de vida é constituída somente por declínios ou perdas a vários níveis, daí que muitas vezes atribuam

comentários negativos face à população idosa, ao anteciparem estes acontecimentos para si próprios no futuro (Berger, 2017).

No seguimento, uma forma de combater o idadismo, e consequentemente reduzir a ansiedade face ao envelhecimento, é através do contacto intergeracional, que pode ser encontrado principalmente no contexto familiar, dado que na família os indivíduos têm a oportunidade de se relacionar com diferentes gerações (Harwood, Hewstone, Paolini, & Voci, 2005). Nesta perspetiva, a relação entre avós e netos integra os elementos necessários para alcançar a redução do idadismo, e ainda diminuir a ansiedade face ao próprio envelhecimento.

As alterações que ocorrem atualmente na sociedade, nomeadamente o envelhecimento da população e a inclusão da mulher no mercado de trabalho, proporcionaram a muitos avós a oportunidade de participar de forma ativa na vida dos netos por muito mais tempo. De acordo com o estudo europeu “A prestação de cuidados pelos avós na Europa” (Glaser, Price, Montserrat, di Gessa, & Tinker, 2013), Portugal é considerado um dos países europeus onde os avós mais prestam cuidados e apoio diário aos seus netos, devido à elevada percentagem de pais que trabalham a tempo inteiro.

Neste contexto, o presente estudo é inovador no contexto português, na medida em que pretende analisar de que forma a relação entre os jovens adultos e seus avós influencia o idadismo face às pessoas idosas em geral, assim como a ansiedade face ao próprio envelhecimento, uma vez que em Portugal não existem estudos que abordem simultaneamente estes dois fenómenos. Assim, esta investigação irá seguir parte do trabalho desenvolvido por Soliz e Harwood (2006), introduzindo algumas modificações, bem como irá ter na sua base outros estudos (Allan & Johnson, 2009; Brunton & Scott, 2015; Harwood et al., 2005) de forma a tornar-se em mais um contributo para aumentar os conhecimentos acerca desta área.

Após esta breve introdução, seguir-se-á o enquadramento teórico onde se irão abordar as temáticas principais deste estudo, nomeadamente o idadismo, a ansiedade face ao envelhecimento e a relação entre avós e netos. Posteriormente, à secção dos objetivos e hipóteses, será descrita a metodologia a ser implementada, seguindo-se a análise dos resultados alcançados com este estudo. De seguida, passar-se-á para a discussão dos resultados, na qual estão também incluídas as limitações existentes do presente estudo, bem como sugestões de futuras pesquisas. Por fim, na secção de conclusão, será realizada uma reflexão acerca da totalidade do trabalho.

I. Enquadramento Teórico

1.1. Envelhecimento

1.1.1. Envelhecimento demográfico e as suas consequências

É de destacar que o envelhecimento populacional constitui um dos grandes desafios do século XXI, visto que nas últimas décadas se registou um aumento contínuo da população idosa, sendo este fenómeno característico não só dos países desenvolvidos, como também dos países em desenvolvimento (Fundo de População das Nações Unidas, 2012).

Neste seguimento, o envelhecimento advém não só da diminuição do número de nascimentos e da redução da mortalidade (Dias, Carvalho, & Araújo, 2013; Fundo de População das Nações Unidas, 2012), como também do aumento da esperança média de vida, o que leva a que estas mudanças afetem de forma direta e significativa a estrutura etária da população, intensificando assim os problemas da sociedade. Neste sentido, as projeções demográficas não preveem modificações para este padrão demográfico do envelhecimento (Cabral, Ferreira, Silva, Jerónimo, & Marques, 2013; d'Araújo, Alpuim, Rivero, & Marujo, 2015), uma vez que os dados do EUROSTAT de 2015 mostram que a população com 65 ou mais anos abrange 18,9% da população, sendo que este valor poderá ampliar para 23,9% em 2030 e para 28,7% em 2080 (Marques, 2011).

O relatório “Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio” analisa a situação da população idosa a nível mundial e assinala o facto de o envelhecimento ser um triunfo do desenvolvimento, dado que o aumento da longevidade é considerado uma das maiores conquistas da humanidade em termos económicos, sociais e biomédicos (Cabral et al., 2013). Isto permitiu aos indivíduos viverem por mais tempo devido a melhores condições de vida em determinados domínios (e.g., na nutrição e nos avanços da medicina), tendo em conta que a expectativa de vida em todo o mundo aumentou, sendo superior a 80 anos em alguns países (Fundo de População das Nações Unidas, 2012).

Sendo o envelhecimento da população um fenómeno de grande amplitude mundial, Portugal não é exceção a este panorama, tendo vindo a sofrer profundas transformações demográficas (Serviço Nacional de Saúde, 2017), pois tem-se verificado que a população está a envelhecer a um ritmo acelerado sem que haja nascimentos suficientes para renovar as gerações. Seguindo esta perspetiva e comparando os censos de 2001 e 2011, Portugal apresenta um quadro de duplo envelhecimento bastante acentuado, uma vez que foi possível constatar que a proporção de pessoas idosas aumentou de 16% em 2001 para 19% em 2011, enquanto no

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

grupo etário mais jovem (0-14 anos) se verificou o inverso, recuando de 16% em 2001 para 15% em 2011 (Instituto Nacional de Estatística, 2012).

Com o passar dos anos, estes valores foram-se acentuando cada vez mais, mantendo assim a tendência do envelhecimento demográfico. De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (2017), as projeções revelam que se irá manter o agravamento do envelhecimento demográfico. Neste sentido, estima-se que, entre 2015 e 2080, Portugal perderá população dos atuais 10,3 milhões para 7,5 milhões de residentes, ficando abaixo do limiar de 10 milhões em 2031. Quanto ao número de jovens, diminuirá de 1,5 milhões para 0,9 milhões, enquanto que a população idosa passará de 2,1 para 2,8 milhões. Adicionalmente, o índice de envelhecimento passará de 147 para 317 pessoas idosas, por cada 100 jovens em 2080, e ainda ocorrerá a diminuição da população em idade ativa, entre 15 e 64 anos, que passará de 6,7 para 3,8 milhões (Instituto Nacional de Estatística, 2017).

Com base nestes dados, Portugal é considerado um dos países mais envelhecidos da Europa (Marques, 2011), com tendência a manter-se, ocupando assim o 4º lugar entre os restantes países da União Europeia (Pereira, Ponte, & Costa, 2018). Isto vai ao encontro da pirâmide etária, na medida em que esta tem vindo a sofrer alterações nos últimos tempos (Coelho, 2013), verificando-se um estreitamento na base da pirâmide etária, que traduz a redução da população jovem, e consequentemente um alargamento do topo da pirâmide etária, que corresponde ao acréscimo no número de pessoas idosas. Esta tendência vem comprovar o contínuo declínio das taxas de natalidade e fecundidade e o progressivo aumento da esperança média de vida (Rodrigues, 2011).

Tendo em consideração estas projeções demográficas, o envelhecimento da população acarreta um conjunto de desafios tanto para os indivíduos como para a sociedade que não podem ficar indiferentes às suas consequências (Mateus & Alves, 2018). Estes desafios englobam o declínio da população ativa, o envelhecimento da mão-de-obra, bem como a pressão colocada sobre os regimes de pensão e finanças públicas provocadas pelo acréscimo do número de reformados. Para além disso, o aumento da esperança média de vida levou à imposição de uma maior atenção para com os cuidados de saúde e assistência às pessoas idosas, como também se observaram mudanças a nível do seio familiar e social, e ainda se verificaram implicações económicas (Instituto Nacional de Estatística, 2002; Pocinho, 2014).

Deste modo, surge a necessidade de criar estruturas sociais e estratégias que respondem às necessidades deste grupo etário, de forma a contribuir para uma melhor qualidade de vida e bem-estar, apostando assim na integração das pessoas idosas na comunidade, por forma a criar uma sociedade inclusiva (Dias et al., 2013). Seguindo esta perspetiva, é importante promover

um envelhecimento ativo e saudável em resposta ao problema do envelhecimento da população (Marques, Batista, & Silva, 2012). Assim, diversas organizações têm potenciado iniciativas no sentido de alertar as sociedades para os problemas do envelhecimento e de apontar medidas políticas e programas que visam responder a essas problemáticas (Cabral & Ferreira, 2014; Marques et al., 2012).

1.1.2. Processo de Envelhecimento

Se por um lado se verificam melhorias nas condições de vida (e.g., avanço científico e médico) da população envelhecida, por outro poderão existir fatores que levem os indivíduos a não saber lidar com o envelhecimento da sociedade da melhor forma (Pereira et al., 2018; Santos, 2012).

Assim, vários estudos caminharam no sentido de aprofundar o conceito de envelhecimento, visto que a perspetiva acerca deste conceito sofreu grandes alterações ao longo dos anos, evoluindo de acordo com atitudes, crenças, culturas, conhecimentos e relações sociais de cada época (Drago & Martins, 2012). Anteriormente, envelhecer não era considerado um problema, pois era visto como um fenómeno normal, sendo as pessoas idosas vistas como símbolo de sabedoria, conhecimento, respeito, apresentando alto estatuto social onde ocupavam um papel importante para a sociedade e com grande poder económico. No entanto, com o avançar dos anos, as pessoas idosas passaram a ser encaradas como frágeis, dependentes e vulneráveis, pelo facto de o conceito de envelhecimento remeter para um conjunto de perdas significativas e irreversíveis, tais como o declínio das forças físicas e possíveis alterações psíquicas, visto que a sociedade passou a desvalorizar as aptidões das pessoas idosas, considerando-as pouco produtivas, em detrimento da produtividade, rentabilidade e lucro que podiam advir das pessoas mais novas (Amaro, 2012; Drago & Martins, 2012).

Neste seguimento, importa ilustrar que este fenómeno não deve ser encarado apenas como um conjunto de perdas, mas também como uma etapa natural da vida que também inclui ganhos (e.g., maturidade, sabedoria e experiência de vida) (Vicente & Afonso, 2012). Assim, este processo é definido como um fenómeno complexo, natural e universal, comum a todos os seres humanos, caracterizado por mudanças biológicas, psicológicas e sociais que se processam ao longo da vida (Drago & Martins, 2012; Organização Mundial de Saúde, 2015).

No que concerne às mudanças biológicas, estas decorrem de alterações orgânicas, morfológicas e funcionais, que resultam numa perda gradual da capacidade dos sistemas vitais do organismo humano, bem como mudanças visíveis na imagem corporal (e.g., cabelo grisalho

e pele enrugada), sendo que este domínio também se encontra associado a uma vulnerabilidade crescente de a pessoa idosa vir a falecer. A nível psicológico, verificam-se alterações das rotinas, das atividades, das motivações e das funções cognitivas, onde se apura também a capacidade do indivíduo para se autorregular face às perdas decorrentes do processo de envelhecimento. No que diz respeito às alterações sociais, observam-se mudanças de estatuto e papéis sociais que os indivíduos desempenham relativamente à sociedade a que pertencem, como é o caso da transição para a entrada da reforma (Mateus & Alves, 2018), que pode implicar no indivíduo sentimentos de tristeza e inutilidade, que se encontram na base de um quadro depressivo (Drago & Martins, 2012).

Contudo, é necessário especificar que as alterações que resultam deste processo de envelhecimento não são iguais para todos os indivíduos, uma vez que cada um apresenta especificidades únicas, tendo assim o seu próprio ritmo de envelhecimento consoante a sua genética, fisiologia e capacidade psicológica (Sequeira & Silva, 2002). Deste modo, o grupo das pessoas idosas não deve ser percecionado de forma homogénea, mas sim enquanto grupo composto por indivíduos que apresentam distintas reações no que concerne ao próprio processo de envelhecimento (Amaro, 2012).

No seguimento, a sociedade ao considerar esta fase de desenvolvimento como uma condição desfavorável, demonstra não estar preparada para encarar o seu próprio envelhecimento, mostrando assim atitudes negativas para com a população idosa. No entanto, estas atitudes podem advir da ausência de conhecimento que a sociedade tem acerca do processo de envelhecer (Pereira et al., 2018).

1.2. Ansiedade face ao envelhecimento

O facto de o envelhecimento transportar diversos desafios para a sociedade pode conduzir a que a população evidencie ansiedade face ao seu próprio envelhecimento, o que por sua vez pode explicar os comentários negativos para com a população idosa, por perceberem esta etapa como uma fase negativa (Berger, 2017).

Uma forma de as pessoas evitarem sentir esta ansiedade face ao seu próprio envelhecimento é ocultar os sinais físicos do mesmo, recorrendo a procedimentos estéticos que retardam as transformações deste processo. Assim, é cada vez mais frequente os indivíduos comprarem produtos, tais como cremes ou maquilhagem para esconder as marcas visíveis do envelhecimento, e.g., eliminar rugas presentes na pele, pintar o cabelo para encobrir a cor cinza, como também as cirurgias estéticas que se tornaram cada vez mais usuais, numa tentativa de

parecerem mais jovens, podendo-se tornar mesmo numa obsessão, o que gera uma preocupação a nível mundial (Mcconatha, Schnell, Volkwein, Riley, & Leach, 2003; Nelson, 2011). Isto ocorre pelo facto de na sociedade estarem enraizados os estereótipos negativos acerca do envelhecimento, que fazem com que as pessoas recorram a estes tratamentos por temerem ser vítimas de atitudes idadistas por parte da sociedade.

No entanto, a sociedade ao tecer comentários negativos está a esquecer-se de que a maior parte da população também irá pertencer ao grupo das pessoas que envelhecem, como também está a negar pensamentos e sentimentos sobre a sua própria mortalidade que são evocados ao pensar em pessoas mais velhas. Ou seja, o simples facto de se pensar numa pessoa idosa tende a despertar ansiedade e medo face ao próprio envelhecimento, o que provoca um certo distanciamento dos indivíduos para com o grupo das pessoas idosas (Nelson, 2004).

De acordo com a literatura existente acerca desta temática, é possível verificar que a ansiedade face ao próprio envelhecimento tem sido negligenciada em diversas pesquisas, devido às suas dimensões ainda serem pouco compreendidas. Como também é importante referir que a ansiedade face ao envelhecimento pode transportar consigo uma variedade de consequências que poderá afetar a maior parte dos indivíduos, e.g., pode ter implicações na saúde, no bem-estar, e ainda pode incentivar cada vez mais o aumento da discriminação contra as pessoas idosas (Bergman & Bodner, 2015). Assim, nos tempos que decorrem, este conceito não pode ser ignorado, uma vez que tende a tornar-se cada vez mais importante, na medida em que a população está a envelhecer, sendo essencial averiguar o que faz despoletar nos indivíduos a ansiedade face ao próprio envelhecimento (Lynch, 2000).

Neste seguimento, a ansiedade face ao envelhecimento é definida como uma preocupação e antecipação de perdas físicas, mentais e pessoais que decorrem do processo de envelhecimento (Sargent-Cox, Rippon, & Burns, 2014). Embora as preocupações com as consequências físicas inerentes ao processo de envelhecimento possam estar relacionadas com preocupações somáticas, o medo da deterioração mental futura pode estar associado a manifestações de ansiedade, bem como preocupações com futuras perdas pessoais (e.g., pele enrugada) podendo originar um quadro depressivo (Bodner, Shrira, Bergman, & Cohen-Fridel, 2015).

Segundo um estudo realizado por Lasher e Faulkender (1993 citados por Sargent-Cox et al., 2014), a ansiedade face ao envelhecimento pode ser analisada de acordo com quatro dimensões, sendo estas o medo de pessoas idosas (i.e., refere-se ao receio de estar com pessoas idosas e não a aspetos do envelhecimento pessoal), preocupações psicológicas (incorpora questões relacionadas com o sentido da vida, propósito e satisfação), aparência física (i.e.,

avalia a ansiedade sobre possíveis mudanças que ocorrem no corpo) e medo de perdas (associa-se às perdas das relações familiares, sociais e da saúde) (Brunton & Scott, 2015). Adicionalmente, outras pesquisas identificaram a existência de indicadores que refletem as principais preocupações face ao processo de envelhecimento, como preocupações com declínios na saúde e funcionamento físico, bem-estar financeiro, capacidade cognitiva, mudanças na aparência física e perdas sociais (Lynch, 2000).

Além disso, a ansiedade face ao envelhecimento deve ser distinguida de outras formas de ansiedade, por estas não representarem todas as preocupações das pessoas sobre o envelhecimento, como é o caso da ansiedade geral que se foca mais em preocupações atuais e não futuras e específicas do envelhecimento, e a ansiedade da morte, que se foca exclusivamente com as inquietações associadas à finitude da vida (Lynch, 2000; Sargent-Cox et al., 2014).

De acordo com diversos estudos, existem vários fatores que parecem estar associados à ansiedade face ao envelhecimento, nomeadamente a idade, o sexo, o estatuto socioeconómico, a saúde, o conhecimento geral sobre o envelhecimento e o contacto com as pessoas idosas. Segundo Sargent-Cox et al. (2014), a idade é possivelmente o fator mais importante que afeta a ansiedade face ao envelhecimento. Neste aspeto, os estudos de Abramson e Silverstein (2006) e Lynch (2000) verificaram que os jovens adultos eram mais propensos a expressar ansiedade face ao próprio envelhecimento quando comparados com diferentes grupos etários (e.g., 40 – 49 anos, 50 – 65 anos e mais de 65 anos).

Relativamente ao fator da saúde, indivíduos que consideram a sua saúde mais debilitada provavelmente terão maiores níveis de ansiedade face ao próprio envelhecimento (Brunton & Scott, 2015) quando comparados com aqueles que a consideram boa. Já o estatuto socioeconómico, pode provocar um aumento da ansiedade face ao envelhecimento, se o indivíduo apresentar um nível socioeconómico baixo, que se reflete no medo de não se conseguir sustentar após a reforma ou não conseguir pagar os serviços ao nível da saúde (Lynch, 2000). Por outro lado, um nível socioeconómico elevado está associado a uma menor ansiedade face ao envelhecimento, devido à obtenção de recursos suficientes que oferecem os meios necessários para lidar com os vários desafios do envelhecimento (Abramson & Silverstein, 2006).

Em relação ao sexo, as pesquisas não são consensuais, sendo que algumas indicam que o sexo masculino evidencia níveis mais altos de ansiedade, enquanto outras referem ser o sexo feminino (Berger, 2017; Lasher & Faulkender, 1993 citados por Lynch, 2000). É de salientar ainda que o processo de envelhecimento pode levar ao surgimento de diferentes medos

dependendo do sexo da pessoa, e.g., no caso do sexo feminino, os fatores mais relevantes estão relacionados com a aparência física e o funcionamento cognitivo, enquanto para o sexo masculino, os aspetos que suscitam mais ansiedade estão relacionados com o nível socioeconómico e funcionamento físico (Brunton & Scott, 2015).

No que diz respeito ao conhecimento sobre o envelhecimento, é possível verificar um efeito significativo deste sobre a ansiedade face ao envelhecimento, pois indivíduos que apresentam um maior conhecimento do envelhecimento tendem a ser menos ansiosos, o que indiretamente pode propiciar atitudes mais positivas em relação às pessoas idosas (Allan & Johnson, 2009). Pelo contrário, indivíduos que demonstrem ausência de conhecimento de como decorre o processo de envelhecer podem evidenciar perceções equivocadas sobre o grupo das pessoas idosas, e conseqüentemente podem expressar maior ansiedade face ao próprio envelhecimento por temer o que os aguarda no futuro, ignorando as oportunidades e benefícios do avanço da idade (Lynch, 2000). Assim, é essencial adquirir um conhecimento geral face a este processo, de forma a reduzir não só a ansiedade face ao próprio envelhecimento, como também diminuir as atitudes negativas face à população idosa (Allan & Johnson, 2009).

Por outro lado, observa-se que o contacto intergeracional pode reduzir a ansiedade face ao envelhecimento, e indiretamente reduzir o preconceito etário, dado que quanto mais contacto os jovens têm com as pessoas idosas, menos ansiosos eles estão sobre o próprio envelhecimento (Allan & Johnson, 2009). Neste sentido, Brunton e Scott (2015) referem que um contacto positivo e atitudes positivas em relação às pessoas idosas estão associados a menores níveis de ansiedade face ao seu próprio envelhecimento, sendo isto consistente para a maioria das vertentes pertencentes à ansiedade face ao envelhecimento, com exceção do medo de perdas, tendo em consideração que um maior contacto viabiliza a criação de laços afetivos, o que por sua vez conduz a um maior medo de perder estes indivíduos no futuro. Para além disso, a convivência com as pessoas idosas permite obter mais conhecimento acerca do envelhecimento, o que pode levar à eliminação de alguns preconceitos e estereótipos existentes (Chonody, Webb, Ranzijn, & Bryan, 2014).

1.2.1. Ansiedade face ao envelhecimento nos jovens adultos

Sendo o envelhecimento inevitável, constata-se que muitos abordam este processo com uma grande angústia, medo e ansiedade, principalmente os jovens adultos para quem a ansiedade face ao próprio envelhecimento se reflete num medo do desconhecido, devido à falta de conhecimento desta temática, como também da falta de interação com pessoas idosas (Lynch, 2000). Para além disso, é importante expor que a própria investigação já veio a

descobrir que mesmo as crianças com 9 anos apresentam medos moderados do envelhecimento, o que pode sugerir que as dimensões da ansiedade face ao envelhecimento estão presentes desde o início da vida (McGuinn & Mosher-Ashley, 2002).

Neste seguimento, estudos verificaram que jovens adultos com menos de 35 anos mostravam altos níveis de ansiedade face ao próprio envelhecimento (Abramson & Silverstein, 2006). Para este grupo etário, as pessoas idosas relembram-lhes a própria mortalidade, os declínios ao nível da saúde e envelhecimento do corpo, e ainda a diminuição nos padrões de beleza, produtividade e força (Grefe, 2011), o que pode explicar as reações negativas em relação às pessoas idosas, demonstrando assim mais preconceito face a esta população (Kite, Stockdale, Whitley, & Johnson, 2005).

Como supramencionado, o contacto com as pessoas idosas pode induzir a menores níveis de ansiedade face ao envelhecimento, como se pode verificar no estudo de Allan e Johnson (2009), onde se confirmou que os participantes que interagiam com pessoas idosas várias vezes ao dia, em contexto laboral, apresentavam níveis mais baixos de ansiedade face ao envelhecimento, o que indiretamente pode promover atitudes mais positivas em relação às pessoas idosas.

Por último, salienta-se a importância deste tipo de investigações, uma vez que permite identificar os receios específicos do envelhecimento, e assim trabalhar no sentido de conceber intervenções apropriadas de forma a combater a ansiedade face ao próprio envelhecimento em jovens adultos. Neste sentido, torna-se necessário dar formações a este grupo etário, por forma a conseguir obter um maior conhecimento acerca do processo de envelhecimento, com a intenção de promover um melhor bem-estar e saúde para estes jovens quando transitarem para a última fase do ciclo de vida (Barnett & Adams, 2018; Pereira et al., 2018).

1.3. Idadismo

Uma das principais formas pelas quais os indivíduos sofrem discriminação é com base na sua idade, sendo esta uma prática ainda muito enraizada nas sociedades e que pode influenciar a forma como se interage e se comporta em situações diárias, dado que uma das primeiras características que reparamos no outro é a sua idade, o que nos leva a inferir algo acerca desta pessoa (Marques et al., 2012; Vicente & Afonso, 2012). Neste sentido, verifica-se que a discriminação em relação à idade é considerada muito ou bastante grave em diversos países europeus (Abrams et al., 2011; Kahrel, 2016), ao qual Portugal não é exceção. Contudo, esta temática tem sido pouco abordada na sociedade portuguesa, o que pode ser explicado pela

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

escassez de conhecimento acerca deste tema e por esta razão torna-se pertinente o seu estudo e compreensão (Marques, 2011).

Neste aspeto, face às alterações estruturais ocorridas na sociedade, as pessoas idosas perderam a sua centralidade, passando a evidenciar papéis secundários. Alguns eventos históricos surgem igualmente como justificativa para esta perda de centralidade, como é o caso do surgimento da imprensa que veio substituir a tradicional partilha de histórias, experiências e a transmissão de sabedoria efetuada pelas pessoas idosas, do aparecimento da Revolução Industrial que impôs uma maior mobilidade por parte da família, e ainda das melhorias na área da educação que vieram reduzir o papel das pessoas idosas como principais fontes de conhecimento (Nelson, 2005; Nelson, 2011). Tais acontecimentos resultaram num distanciamento entre os diferentes grupos, o que provocou uma maior segregação e desconhecimento intergeracional (Nelson, 2005).

Neste sentido, esta distância possibilitou as condições necessárias para o surgimento de um novo fenómeno social, o idadismo que foi empregue pelo Dr. Robert N. Butler, em 1969 (em inglês, “*ageism*”) que o definiu como sendo a discriminação e o preconceito em relação a membros de um grupo, principalmente as pessoas idosas (Nelson, 2005; Sánchez, 2007).

Tendo em consideração a ampla escala deste fenómeno a nível mundial, foram surgindo novas conceptualizações acerca do idadismo (Bojanić & Nedić, 2015), sendo definido de forma mais abrangente como um conjunto de “atitudes e práticas negativas generalizadas em relação aos indivíduos baseadas somente numa particularidade, a sua idade” (Marques, 2011, p. 18). Assim, este conceito diferencia-se das outras formas de preconceito, como o sexismo e o racismo, por afetar todas as pessoas, uma vez que todos passam por um processo natural de envelhecimento que configura este conceito num problema universal (Sánchez, 2007), dirigindo-se assim a indivíduos de todas as idades (Swift, Abrams, Drury, & Lamont, 2016).

Seguindo esta linha de pensamento, o preconceito face à idade é mais frequentemente abordado quando se dirige ao grupo das pessoas idosas, embora também se verifique o inverso, com investigações a concluírem a existência de idadismo em relação às crianças (em inglês, “*childism*”) (Young-Bruehl, 2009) e aos jovens (Bratt, Abrams, Swift, Vauclair, & Marques, 2018), o que vem intensificar mais uma vez o carácter global deste conceito.

Segundo Marques (2011), as atitudes idadistas são formadas por três elementos fundamentais. O primeiro assenta numa componente cognitiva, em que o idadismo está articulado a um conjunto de crenças ou estereótipos que se tem acerca de uma pessoa ou grupo. O segundo refere-se a uma componente afetiva, em que o idadismo pode espelhar-se no preconceito ou nos sentimentos existentes relativamente a uma pessoa ou a um grupo. Por

último, uma componente comportamental, que envolve a discriminação e sucede quando se tem comportamentos discriminatórios.

Adicionalmente, o idadismo encontra-se presente em diversos contextos (Ayalon & Tesch-Römer, 2017), nomeadamente nos meios de comunicação, na saúde, no mercado de trabalho, na educação (Marques, 2011), em conversas e piadas pejorativas, em discursos paternalistas (Grefe, 2011), e ainda em políticas legais e sociais, bem como em transações financeiras (Hagestad & Uhlenberg, 2005).

Estudos indicam que este fenómeno tem um desenvolvimento precoce, dado que crianças com idades compreendidas entre os 3 e 11 anos já possuem estereótipos de idade, sendo estes internalizados entre os 6 e 8 anos (Marques, 2011; Senior & Green, 2017). Desta forma, o crescimento num ambiente idadista leva a que as crianças caracterizem as pessoas idosas como frágeis, dependentes e doentes, o que se pode refletir num receio delas próprias serem confrontadas com a possibilidade do seu próprio envelhecimento, enquanto uma etapa natural da evolução humana (Babcock, MaloneBeach, & Woodworth-Hou, 2016).

Deste modo, não é surpreendente que este preconceito possa apresentar implicações negativas para os indivíduos, principalmente para as pessoas idosas, que são as mais afetadas, devido os estereótipos negativos existentes contra estes serem altamente prejudiciais. Neste seguimento, as pessoas idosas tendem a internalizar crenças sobre as suas competências dando origem a auto-estereótipos, o que conduz a que os próprios acreditem que de facto têm uma incapacidade geral (Babcock et al., 2016), podendo desta forma gerar consequências no seu bem-estar e qualidade de vida (Coelho, 2013). Isto é visível nos estudos realizados por Levy (2003) e seus colaboradores (Levy, Slade, & Kasl, 2002) que verificaram que pessoas idosas expostas a atributos negativos demonstraram ter um pior desempenho ao nível da memória, do controlo da caligrafia e da velocidade de caminhada, bem como uma menor vontade de viver, maior resposta cardiovascular ao stress e menor saúde funcional.

É importante ressaltar que o idadismo não pode ser apenas definido de modo individual, mas também a nível institucional e cultural, na medida em que o idadismo não é apenas uma atitude negativa, individualizada em relação às pessoas idosas, mas sim o reflexo dos nossos valores culturais, práticas e políticas institucionais (Marques, 2011).

Em sequência, este preconceito parece ainda adquirir um grande nível de aceitação por parte da sociedade (Marques et al., 2015). De acordo com um estudo sobre o idadismo em Portugal, no âmbito do *European Social Survey* de 2008/2009, verificou-se que Portugal é o 4º país da Europa a evidenciar a discriminação com base na idade como um problema social muito grave, dado que este tipo de discriminação é a mais sentida pelos portugueses (17%),

apresentando valores superiores ao racismo e ao sexismo (Marques, 2011), e dirigindo-se essencialmente às pessoas idosas (Abrams et al., 2011; Coelho, 2013).

Face ao exposto, e com o incremento da sua importância no contexto europeu, é fundamental intervir contra a discriminação etária. Neste sentido, o artigo 21º da Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia identifica a discriminação face às pessoas, em função da idade, como um atentado aos direitos fundamentais do ser humano, pelo que a maior parte dos países da União Europeia já adquiriram leis anti-discriminação em relação à idade (Marques et al., 2015).

Alguns estudos têm procurado compreender com maior detalhe os conteúdos associados aos estereótipos relativos às pessoas idosas (Nelson, 2005). Neste sentido, uma das teorias mais mencionadas que pode esclarecer este preconceito é o Modelo de Conteúdo Estereotípico (em inglês, “*Stereotype Content Model*”) (Fiske, Cuddy, Glick, & Xu, 2002), que designa como os grupos (e.g., pessoas idosas) são classificados numa determinada sociedade. Deste modo, este modelo categoriza os grupos com base em duas dimensões, a competência (i.e., o nível no qual um grupo é descrito como competente, confiante, capaz, eficiente, inteligente e habilidoso) e a afetuosidade (i.e., o nível no qual um grupo é indicado como afetuoso, amigável, bem-intencionado, de confiança, com boa-natureza e sincero). Estas duas dimensões deram origem a quatro quadrantes, onde dois avaliam os grupos de forma consistente (alta competência/alta afetuosidade e baixa competência/baixa afetuosidade) e os outros dois avaliam os grupos de modo inconsistente (alta competência/baixa afetuosidade e baixa competência/alta afetuosidade).

Neste contexto, foram realizadas investigações em diversas civilizações, nomeadamente na Bélgica, Coreia do Sul, Costa Rica, Hong Kong, Israel e Japão que concluíram a existência de uma forte consistência relativamente à forma como as pessoas idosas são representadas, i.e., como mais afetuosas e menos competentes, o que vem confirmar o facto de o idadismo se encontrar presente em várias culturas (Cuddy, Norton, & Fiske, 2005). A população idosa é avaliada de uma forma ambivalente, tendo em conta a posição social de como são percebidas pela sociedade, i.e., um grupo com estatuto inferior e não competitivo (Cuddy et al., 2005).

A estas quatro combinações estão associadas pelo menos uma das quatro emoções que permitem diferenciar os grupos, sendo estas a inveja, a pena, a admiração e o desprezo. Em relação ao grupo das pessoas idosas observaram-se reações afetivas ambíguas e contraditórias, uma vez que se verificou a pena e admiração como as emoções que provavelmente se sentiria face às pessoas idosas (Cuddy et al., 2005; Fiske et al., 2002).

Em suma, nestas secções procura-se refletir sobre o fenómeno do envelhecimento e de que modo este tem vindo a estar associado a imagens mais negativas face a este processo e às pessoas idosas. Neste sentido, destacam-se duas vertentes principais: a ansiedade que os indivíduos sentem em relação ao seu próprio envelhecimento e o idadismo que sentem em relação às pessoas idosas. Neste contexto, e dados os objetivos do presente trabalho, damos particular atenção às representações que os indivíduos jovens têm em relação a estas temáticas. A este respeito, é importante destacar que apesar de existirem estudos que abordam por um lado, a ansiedade face ao envelhecimento e, por outro, o idadismo, existe um número reduzido de estudos que incluem estes dois fenómenos de forma integrada (Allan & Johnson, 2009). Os poucos estudos que existem face a estes temas parecem demonstrar, contudo, uma relação positiva entre estes dois conceitos no sentido em que quanto maior a ansiedade sentida em relação ao próprio envelhecimento, maiores os níveis de idadismo (Allan & Johnson, 2009). Por outro lado, estes dois conceitos parecem ser influenciados de forma semelhante por alguns preditores importantes. Por exemplo, o contacto com pessoas idosas de referência parece ser uma via promissora para diminuir o idadismo e a ansiedade face ao envelhecimento (Allan & Johnson, 2009).

1.4. Contacto entre as gerações como forma de diminuir a ansiedade face ao envelhecimento e o idadismo: o caso especial da relação avós-netos

Dada a prevalência do fenómeno do idadismo, torna-se imperativo pensar na melhor forma de intervir nesta temática. A literatura neste domínio (Bales, Eklund, & Siffin, 2000) indica que uma das melhores formas de intervir contra este fenómeno é através dos programas intergeracionais que visam a integração dos diferentes grupos etários, dado que atualmente se verifica a existência de pouco contacto entre gerações.

Assim, estes programas podem ser considerados como uma estratégia de combate não só ao idadismo, como também à ansiedade face ao próprio envelhecimento, no sentido em que pretendem criar espaços interativos entre as gerações, por forma a desmistificar as representações que os indivíduos apresentam relativamente a estes aspetos, possibilitando ainda uma troca positiva de aprendizagens e conhecimentos entre ambos, sendo que muitos destes programas intergeracionais se focam principalmente na relação entre as pessoas idosas e crianças/jovens, onde se insere a relação entre avós e netos (Coelho, 2013; Teater, 2016).

Diversos estudos salientam que uma das principais variáveis presentes nos programas intergeracionais é o contacto intergrupar, que se revela eficaz na redução do preconceito entre grupos (Christian, Turner, Holt, Larkin, & Cotler, 2014). Neste sentido, a teoria de contacto de

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

Allport (1954) assinala que em condições ótimas o contacto entre os grupos leva a uma diminuição significativa do preconceito. No entanto, o contacto por si só não é suficiente para a obtenção de resultados positivos, na medida em que deve obedecer a determinadas condições, nomeadamente a igualdade de estatuto (i.e., a perceção de que os grupos têm o mesmo estatuto na situação de contacto), partilha de objetivos comuns (i.e., ambos grupos trabalharem em conjunto em direção a uma meta), cooperação intergrupar (permite desenvolverem um trabalho em conjunto para a consecução de um resultado significativo para todos) e suporte institucional (através do apoio de autoridade, normas e leis) (Christian et al., 2014).

Neste contexto, a relação entre avós e netos enquadra-se perfeitamente nestas condições, uma vez que contém os elementos necessários para a ocorrência de uma mudança de atitude, com os elementos da díade a apresentarem um estatuto igualitário, com interações a serem predominantemente positivas e com o apoio institucional proveniente dos pais, para além de permitirem o desenvolvimento e a manutenção de relações próximas e duradouras (Harwood et al., 2005; Lin & Harwood, 2003; Soliz, 2007; Soliz & Harwood, 2003), conduzindo a que as gerações mais novas contemplem o exogrupo como menos ameaçador.

Neste sentido, é importante dar a conhecer a forma como esta relação se tem vindo a desenvolver ao longo dos tempos. Seguindo esta perspetiva, a relação entre avós e netos tem ganho cada vez mais destaque, decorrente das sucessivas alterações presentes na sociedade (Dias et al., 2013; Geurts & van Tilburg, 2015; Glaser et al., 2013; Smorti, Tschiesner, & Farneti, 2012). Tais alterações permitiram a coexistência de várias gerações no mesmo sistema familiar, presenciando desta forma uma maior convivência intergeracional (e.g., a relação entre avós e netos), que possibilitou aos avós participarem mais ativamente e por mais tempo na vida dos netos, visto que hoje em dia conseguem estar presentes nas várias etapas do seu desenvolvimento, desde a infância até à idade adulta (Bornstein, 2018; Mainetti & Wanderbroocke, 2013; Mansson, 2016).

Assim, o papel dos avós ganhou maior relevância devido à crescente inclusão da mulher no mercado de trabalho que levou os mesmos a assumirem a criação e a educação dos netos (Geurts & van Tilburg, 2015; Kennison & Ponce-Garcia, 2012; Mansson & Booth-Butterfield, 2011). Além disso, estas alterações demográficas também serviram para desmistificar a imagem dos avós “velhinhos”, sentados numa cadeira a contar histórias, para passarem a serem vistos como mais ativos na sociedade, encontrando-se inseridos no mercado de trabalho e envolvidos em atividades sociais (Cunha & Matos, 2010; Glaser et al., 2013).

Comparando com outras relações familiares (e.g., pais), a relação entre avós e netos tem sido pouco estudada (Soliz, Lin, Anderson, & Harwood, 2006). No entanto, esta relação é

importante, considerando que, para além dos pais, os avós são provavelmente os membros da família que maior influência exercem na vida dos netos, podendo mesmo ser considerados como “segundos pais”, dado que os mesmos desempenham um papel essencial nas suas vidas por transmitirem vários aspetos relacionados com a história familiar e cultural, ensinarem as tradições, os valores e crenças da família, partilharem afetos e ensinamentos para a vida, convertendo-se numa preciosa fonte de apoio emocional, instrumental e financeiro para as famílias (Glaser et al., 2013; Soliz, 2007). Contudo, não são só os avós que ensinam algo novo aos netos, como também podem aprender com eles (e.g., tecnologia). Além disso, é importante salientar que os avós não interferem na educação que os pais dão aos seus netos, por forma a evitar conflitos que possam pôr em causa a relação entre ambos (Pais, 2013), assim é como se vivenciassem a parentalidade de novo sem as responsabilidades e obrigações inerentes à mesma.

Neste seguimento, verifica-se que muitos avós cuidam dos seus netos a tempo inteiro devido a situações que comprometem os pais de exercerem a sua função parental, tais como o envolvimento com abuso de substâncias, penas de prisão, presença de doenças mentais e a negligência. Embora educar os netos transporte sentimentos positivos como o orgulho e a satisfação, por outro lado pode acarretar consequências como o esgotamento físico, questões financeiras, mudanças nas redes sociais, entre outros aspetos que podem contribuir para o isolamento dos avós (Dias, Hora, & Aguiar, 2010; Glaser et al., 2013; Kennison & Ponce-Garcia, 2012). Para além disso, a relação entre avós e netos pode sofrer represálias, comprometendo a capacidade de os avós exercerem o seu papel devido a situações que envolvem quezílias com os filhos, divórcio ou a separação geográfica, implicando uma menor frequência de contacto nesta relação que pode levar ao condicionamento do bem-estar dos avós (Caldeira, 2010).

Uma teoria que pode explicar como se desenvolvem as relações dentro do contexto familiar é a Teoria da Solidariedade Familiar (Bengtson & Roberts, 1991) que pretende explorar de que forma se podem cultivar relações harmoniosas e produtivas entre as gerações. Embora inicialmente tenha sido desenvolvida para compreender as relações entre pais e filhos, é possível a sua aplicação na relação entre avós e netos. Assim, esta teoria engloba um conjunto de seis dimensões, nomeadamente a solidariedade estrutural (i.e., refere-se a fatores que facilitam ou dificultam a oportunidade de contacto entre as gerações, e.g., distância geográfica), a solidariedade consensual (i.e., indica a quantidade de concordância referente a crenças e valores compartilhados na relação), a solidariedade funcional (i.e., refere-se à quantidade de ajuda e assistência proporcionada dentro da relação intergeracional), a solidariedade associativa

(i.e., alude à frequência de contacto e atividades compartilhadas entre as gerações), a solidariedade afetiva (i.e., envolve a quantidade e qualidade de proximidade emocional percebida entre as gerações) e a solidariedade normativa (i.e., menciona os deveres e as obrigações sentidas para com o outro na relação).

Em suma, a relação positiva e afetiva entre avós e netos é mutuamente benéfica, contribuindo para o desenvolvimento do bem-estar emocional, psicológico, fisiológico, social e espiritual de ambos, para além de que esta relação promove a satisfação geral com a vida e a saúde mental dos avós (Mansson, 2013; Mansson, 2014; Mansson, 2016; Soliz, 2008).

1.5. Relação avós-netos e a sua influência no idadismo e na ansiedade face ao envelhecimento

Como se tem vindo a verificar, a relação avós-netos tem recebido maior atenção por parte dos investigadores (Soliz, 2008; Soliz et al., 2006), na medida em que estes começaram a observar comunicações intergeracionais muito frequentes e satisfatórias entre ambos (Soliz & Harwood, 2003), o que por sua vez pode influenciar as atitudes dos jovens em relação às pessoas idosas, bem como a ansiedade face ao seu próprio envelhecimento.

Deste modo, a discriminação com base na idade pode ser reduzida através do contacto positivo envolvendo as gerações mais velhas e as gerações mais novas (Caspi, 1984 citado por Tam, Hewstone, Harwood, Voci, & Kenworthy, 2006), como é o caso da relação entre avós e netos que vai ao encontro da teoria de contacto de Allport (1954).

Apesar da maior parte dos jovens apresentarem um nível baixo de contacto intergeracional, a interação com os avós é provavelmente o principal contacto que os mesmos têm com as gerações mais velhas (Harwood, 2000b; Lin & Harwood, 2003), sendo que tal interação é considerada mais satisfatória do que os restantes contactos intergeracionais, uma vez que o familiar proporciona efeitos mais fortes e benéficos sobre as atitudes idadistas (Harwood et al., 2005).

Desta forma, alguns investigadores têm procurado estudar o impacto que a relação avós-netos tem sobre as atitudes em relação às pessoas idosas, bem como as atitudes face ao próprio envelhecimento (Soliz & Harwood, 2006). Exemplo disso, são as investigações conduzidas por Lin e Harwood (2003) ou Soliz e Harwood (2003) que evidenciaram o desenvolvimento de atitudes positivas em relação ao envelhecimento, resultantes do contacto positivo com os avós. Estes resultados corroboram a ideia de que embora se observe a predominância de atitudes negativas para com as pessoas idosas na sociedade, o mesmo não se verifica quando se trata de

pessoas idosas específicas, como é o caso dos avós, colegas de trabalho mais velhos ou até mesmo quando se tem amizade com uma pessoa idosa.

Por sua vez, o estudo realizado por Harwood et al. (2005) forneceu a explicação para a dissociação entre atitudes positivas em relação a pessoas idosas de referência e atitudes negativas contra pessoas idosas no geral. Neste sentido, a proximidade relacional ostenta ter impacto no processo de estereotipagem, dado que a relação dos netos com os avós pode suscitar um aumento de estereótipos positivos, minimizando assim os estereótipos negativos, mesmo quando se verifica que esta relação não é próxima, uma vez que pode ser socialmente inadequado estereotipar negativamente os avós. Consequentemente, o nível de proximidade é baixo quando o jovem tem pouco contacto com pessoas idosas fora do círculo familiar, o que pode suscitar a presença de estereótipos negativos para com esse grupo. No entanto, a relação entre avós e netos pode facilitar a mudança de estereótipos, uma vez que pode influenciar a atribuição de características mais positivas face às pessoas idosas (Pecchioni & Croghan, 2002).

Para além disso, o contacto que os jovens têm com os avós permite aumentar o conhecimento sobre o processo de envelhecimento (Lisboa, Miguel, Cabral, Pereira, & Carvalho, 2018). Neste sentido, isto vem reforçar mais uma vez que um contacto de alta qualidade com os avós proporciona não só o aumento de atitudes positivas em relação às pessoas idosas no geral, como também pode conduzir à diminuição da ansiedade face ao próprio envelhecimento (Brunton & Scott, 2015; Harwood et al., 2005), salientando que esta ansiedade pode funcionar como uma mediadora nesta condição.

Adicionalmente, as relações positivas entre avós e netos apresentam um cariz de grande importância na forma como influenciam o funcionamento familiar e as atitudes dos jovens para com as pessoas idosas e o envelhecimento. Deste modo, é essencial investigar que variáveis podem influir de forma significativa esta relação (Lin & Harwood, 2003). Assim, com recurso à literatura, apurou-se a existência de inúmeras variáveis que cultivam a relação entre ambos, e que indiretamente atingem a população idosa e a ansiedade face ao envelhecimento. Neste sentido, encontram-se variáveis como a idade, saúde e apoio dos avós, a proximidade geográfica, a linhagem familiar, a frequência de contacto, a qualidade do contacto, a saliência de idade, a identidade familiar, o incentivo parental, a autorrevelação, entre outras (Bornstein, 2018; García & Veja, 2013; Griggs, Tan, Buchanan, Attar-Schwartz, & Flouri, 2010; Harwood & Lin, 2000), sendo que algumas destas variáveis ingressaram o estudo de Soliz e Harwood (2006), o qual acabou por dar maior destaque às medidas de contacto (i.e., frequência e qualidade do contacto), identidade familiar, saliência de idade e autorrevelação, sendo esta última variável abordada também nos estudos de Harwood et al. (2005).

Como supramencionado, Allport (1954) ressaltou que o mero contacto por si só não resulta na diminuição do preconceito, defendendo que devem existir determinadas condições para que o contacto seja positivo, nomeadamente com a integração de medidas de contacto.

Neste sentido, a frequência de contacto (i.e., medida de quantidade) é considerada um fator importante para aumentar os efeitos positivos da relação entre avós e netos (Oliveira, Gomes, Tavares, & Cárdenas, 2009), no entanto esta frequência tende a sofrer declínios consoante a fase do desenvolvimento em que os netos se encontram, como é o caso de quando os netos ingressam na fase da adolescência, onde passam a dar mais atenção aos seus pares ou quando transitam para a idade adulta que envolve restrições de tempo à medida que assumem novos papéis (Bornstein, 2018; Geurts & van Tilburg, 2015).

No entanto, não quer dizer que esta relação deixe de ser significativa para ambos, pelo contrário, fortes vínculos construídos na infância entre avós e netos tendem a permanecer a longo prazo (Kennison & Ponce-Garcia, 2012), independentemente da menor frequência de contacto. Esta menor frequência de contacto pode derivar de três fatores: i) os pais não incentivarem os filhos a comunicarem e a desenvolverem relacionamentos com os avós como o faziam na infância (Soliz & Harwood, 2006), ou seja, à medida que os netos transitam para as outras etapas, adquirem já alguma autonomia e responsabilidade, podendo desta forma decidir que tipo de relação desejam ter com os avós, o que induz a que o incentivo parental já não seja tão importante (Cunha & Matos, 2010; Geurts & van Tilburg, 2015). Consequentemente, para a manutenção de uma relação saudável entre avós e netos, o mesmo deve ocorrer na relação dos pais e avós (Cunha & Matos, 2010); ii) a relutância de os avós entrarem em contacto com os netos, pelo facto de não quererem intervir nas suas vidas, principalmente quando os netos adultos estão inseridos na faculdade, sendo que se verificou que os netos adultos por vezes utilizam desculpas relacionadas à ocupação das suas vidas para não contactar os avós; e iii) os avós não terem recursos ou capacidades de fornecer o tipo de apoio ou afeto que os jovens necessitam (Mansson, Floyd, & Soliz, 2017).

Por outro lado, averigua-se que a frequência de contacto está relacionada com a proximidade geográfica, i.e., os netos tendem a perceber e a descrever existir uma melhor relação, quanto mais próximos se encontram dos avós que vivem perto do que aqueles que vivem longe (Pinazo & Montoro, 2004), pela possibilidade de usufruírem de um convívio contante (Lisboa et al., 2018). Contudo, quando esta proximidade é praticamente inexistente, acaba por dificultar a interação entre ambos, diminuindo sobretudo o contacto presencial, o que pode culminar no isolamento para os avós (Oliveira et al., 2009). Desta forma, uma alternativa para aumentar esta frequência de contacto é através de outros meios de comunicação que

permitem preservar o contacto e a proximidade (Bornstein, 2018; Holladay & Seipke, 2007), nomeadamente o telefone ou o e-mail. Neste aspeto, as pesquisas apontam que as conversas telefónicas sejam mais frequentes na interação quando os netos frequentam a faculdade (Harwood, 2000a), sendo uma forma de conservar este contacto intergeracional.

Finalmente, no que se refere à importância da frequência de contacto, o estudo de Tam et al. (2006) descobriu que a quantidade de contacto com as pessoas idosas, além dos avós, apresenta uma relação positiva direta com as atitudes implícitas em relação às pessoas idosas, o que indiretamente pode conduzir a menor ansiedade face ao próprio envelhecimento.

Por outro lado, pesquisas observaram que a qualidade do contacto é mais impactante do que a frequência de contacto, na medida em que a consideram um fator eficaz na mudança de atitudes e estereótipos (Allan & Johnson, 2009; Bousfield & Hutchison, 2010), como expresso no estudo de Schwartz e Simmons (2001) que demonstraram que o contacto de alta qualidade com pessoas idosas previa atitudes mais favoráveis em relação a estas, enquanto a frequência de contacto não.

De acordo com Ensari e Miller (2002 citados por Soliz & Harwood, 2006), a autorrevelação é considerada uma medida da qualidade do contacto com os avós, encontrando-se associada a relacionamentos positivos. Assim, a autorrevelação, definida como o ato de fornecer voluntariamente informações a outra pessoa, de natureza íntima ou pessoal, é importante para o desenvolvimento e manutenção da relação, porque não só reduz a ansiedade intergrupar, como também aumenta a empatia pelo outro, reduzindo assim o favoritismo endogrupal (Omarzu, 2000).

Além disso, a autorrevelação tem efeitos positivos nas atitudes em relação aos membros do exogrupo, sendo este um passo importante para a redução do preconceito. Alguns estudos mencionaram a autorrevelação como potencial mediadora entre a qualidade do contacto e as atitudes em relação às pessoas idosas no geral (Drury, Hutchison, & Abrams, 2016; Harwood et al., 2005), dado que esta variável, ao estabelecer confiança mútua e conhecimento detalhado sobre o outro, permite minimizar as atitudes negativas, ou seja, um contacto próximo e íntimo com um membro externo (e.g., membro de família ou amigo) resulta numa maior capacidade de compreensão e empatia para com este, o que por sua vez pode conduzir a atitudes positivas em relação aos membros do exogrupo como um todo (Drury et al., 2016). Como também o estudo de Tam, Hewstone, Harwood e Voci (2004 citados por Soliz et al., 2006) demonstraram que a autorrevelação na relação entre avós e netos pode ser particularmente importante, uma vez que pode ter influência sobre as atitudes em relação ao envelhecimento, ou seja, netos que experienciam uma autorrevelação recíproca nas conversas com os avós tendem a expressar

atitudes mais positivas em relação ao envelhecimento no geral, como também esta partilha de informação entre ambos pode ocasionar uma diminuição na ansiedade face ao próprio envelhecimento.

Neste sentido, níveis elevados de autorrevelação recíproca entre netos e avós são esperados devido à natureza pessoal, íntima e familiar que concebe esta relação (Anderson, Harwood, & Hummert, 2005), o que permite reforçar o vínculo afetivo ente avós e netos, quando estes percebem que os avós falam de forma voluntária sobre diversos tópicos, envolvendo-se assim numa autorrevelação genuína e honesta (Harwood et al., 2005; Mansson et al., 2017).

Adicionalmente, o consecutivo aumento de interesse nas interações entre avós e netos contribui para o surgimento de teorias e modelos que permitem explicar as interações desta comunicação intergeracional. Neste sentido, a Teoria de Acomodação da Comunicação (Giles & Ogay, 2007) aplica-se a este contexto, na medida em que tenta perceber de que forma os indivíduos ajustam a sua comunicação, tendo em conta as necessidades, capacidades e expectativas percebidas dos parceiros de comunicação (Lin & Harwood, 2003). Esta teoria incorpora três elementos essenciais, tais como a acomodação, a sobre-acomodação e a sub-acomodação.

De acordo com esta teoria, a acomodação refere-se ao ajustamento da comunicação para com o outro; por outro lado, os intervenientes sobre acomodam-se ao interagirem uns com os outros, quando dependem excessivamente dos seus estereótipos, ou seja, alteram a comunicação mais do que é necessário (e.g., jovens utilizando um discurso condescendente para com as pessoas idosas), enquanto se sub-acomodam quando não prestam atenção às necessidades reais dos seus parceiros, ou seja, não ajustam a comunicação entre um e o outro, existindo presença excessiva de autorrevelações dolorosas por parte das pessoas idosas acerca dos seus problemas de saúde ou solidão (Soliz, 2007; Soliz & Harwood, 2003). Assim, esta teoria sugere que o contacto com membros específicos do exogrupo (e.g., avós) pode ter efeitos positivos nas atitudes em relação ao exogrupo no geral (Harwood, 2000b), podendo concluir que a acomodação adequada da comunicação está relacionada com uma relação mais satisfatória (Soliz & Harwood, 2006).

Neste sentido, a família integra uma natureza intragrupo e intergrupo, uma vez que todos os membros da família compartilham uma identidade coletiva comum que os vincula fortemente como endogrupo (Soliz & Harwood, 2006), o que vai ao encontro do modelo “*Common Ingroup Identity*” (Gaertner, Dovidio, Anastasio, Bachman, & Rust, 1993) que indica que o preconceito é menor quando os indivíduos percebem o grupo a que pertencem e o

grupo a que não pertencem como parte integrante da mesma comunidade, daí as famílias serem tipicamente percebidas como entidades homogêneas. Porém, os membros da família também podem apresentar limites intergrupais que variam consoante a relação que têm em função de algumas características, nomeadamente o estilo de comunicação ou o contexto físico (Soliz & Harwood, 2006).

Ainda assim, ao haver transmissão da história familiar potencialmente aumentar-se-á a importância da identidade familiar compartilhada com os avós, estreitando-se os laços afetivos entre ambos. Para além disso, as interações familiares positivas podem influenciar a forma como se comunica e percebe os membros do exogrupo. Neste contexto, Soliz e Harwood (2006) realçaram o facto de tanto o incentivo parental, como o suporte de comunicação e a autorrevelação estarem associados a um maior grau de identidade familiar, que por sua vez pode ter influência sobre atitudes positivas em relação às pessoas idosas, bem como nas atitudes face ao próprio envelhecimento. Neste sentido, Soliz e Harwood (2006), no seu estudo previam que a identidade familiar compartilhada com os avós estaria positivamente associada a atitudes positivas em relação às pessoas idosas e a percepções do seu próprio envelhecimento, o que proporciona que muitas das concepções gerais sobre envelhecer são formadas tendo por referência a relação com os avós (Soliz et al., 2006). No entanto, os resultados demonstraram algum apoio para o facto de a identidade familiar estar associada a atitudes mais positivas em relação às pessoas idosas, mas não verificaram efeitos para as atitudes face ao próprio envelhecimento.

Embora, a identidade familiar e a saliência de idade desempenham papéis nas interações familiares, verifica-se que ambas dimensões se encontram negativamente correlacionadas, devido à saliência de idade se associar a percepções negativas na relação (e.g., evocar estereótipos de idade), enquanto a identidade familiar apresenta percepções positivas da relação, o que pode serenar alguns dos efeitos negativos resultantes da saliência da idade (Harwood et al., 2005). Neste sentido, é essencial compreender como estes construtos funcionam por forma a averiguar as suas implicações nas atitudes idadistas.

Por outro lado, a saliência de idade adquire uma característica única na relação entre avós e netos que resulta na diferença de idades percebida entre ambos, o que pode indicar um sinal de alerta para a obtenção de uma relação íntima e satisfatória entre os avós e os netos (Harwood et al., 2005; Soliz et al., 2006). Nesta perspetiva, é importante superar os desafios presentes nas relações marcadas pela saliência de idade. Particularmente para os jovens adultos, a diferença de idades pode desempenhar um papel fulcral na relação conduzindo a que as interações com os avós “mais velhinhos”, onde a idade é proeminente, tendam a ser tipicamente

mais negativas do que as relações em que a idade não é saliente (Soliz, 2007). De facto, quando uma ou ambas as partes estão conscientes da diferença de idades durante as suas interações (e.g., avós e netos), a experiência de interação é menos provável de ser considerada positiva, dado que altos níveis de saliência de idade ativam estereótipos negativos das pessoas idosas (Harwood et al., 2005).

Porém, há estudos que salientam o facto de a saliência de idade apresentar efeitos paradoxais (Soliz & Harwood, 2006), na medida em que por um lado está associada a avaliações negativas que podem ser prejudiciais para uma relação íntima e satisfatória entre avós e netos, sendo que por outro, a saliência de idade é considerada um pré-requisito para a conexão entre o contacto com os avós e as atitudes em relação ao envelhecimento. Deste modo, é fundamental investigar com mais profundidade este conceito de forma a compreender quais as consequências que a saliência de idade pode ter nas atitudes dos jovens adultos em relação às pessoas idosas e também face ao próprio envelhecimento (Soliz et al., 2006).

Seguindo esta linha de pensamento, os netos referiram estar cientes das diferenças de idade entre eles e seus avós quando envolvia a história pessoal dos avós e lembranças de eventos passados, quando os avós revelavam a sua idade, quando os netos sentiam a necessidade de repetir aspetos da conversa com os avós, quando sentiam que os mesmos não compreendiam o uso de gírias evocadas pelos netos e quando percebiam o estado de saúde dos avós (Harwood, Raman, & Hewstone, 2006).

De acordo com o seu estudo, Soliz e Harwood (2006) previram que a saliência de idade estava negativamente associada a atitudes em relação às pessoas idosas, bem como ao próprio envelhecimento. Neste sentido, os resultados verificaram que a saliência de idade ao ser alta, implica atitudes mais negativas face ao próprio envelhecimento, enquanto para as atitudes em relação às pessoas idosas não se apurou estarem relacionadas à saliência de idade.

Para além disso, a saliência de idade pode funcionar como uma variável moderadora na associação entre o contacto com os avós e as atitudes em relação às pessoas idosas, bem como esta dimensão pode moderar a relação entre a qualidade do contacto e as atitudes dos avós com os quais os netos têm contacto frequentemente (Harwood et al., 2005; Harwood et al., 2006).

Por último, apesar do seu interesse, que seja do nosso conhecimento, não existem em contexto nacional estudos sobre o modo como as relações entre os avós-netos afetam simultaneamente o idadismo e a ansiedade face ao próprio envelhecimento dos jovens. Neste sentido, torna-se imperativo apostar no estudo desta temática também no nosso país. Como já foi referido, Portugal é neste momento o 4º país mais envelhecido da Europa (Marques, 2011) e é um dos países onde a prestação de cuidados aos netos pelos avós assume maior relevância

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

(Glaser et al., 2013). Neste contexto, fomentar a relação com os avós enquanto forma de combate ao idadismo e ansiedade face ao envelhecimento assume uma importância crucial.

II. O presente estudo: objetivo e hipóteses

A discriminação contra as pessoas idosas é responsável por provocar danos nesta população que pode afetar de forma significativa o seu bem-estar e estado de saúde.

Neste sentido, a teoria de contacto de Allport (1954) propõe que o contacto com membros individuais de um grupo externo, em circunstâncias apropriadas, pode melhorar as atitudes intergrupais, e por sua vez reduzir o preconceito (Bousfield & Hutchison, 2010). Neste contexto, esta teoria sugere que as experiências adquiridas ao longo da relação com os avós são particularmente poderosas, uma vez que podem influenciar as percepções dos netos em relação às pessoas idosas no geral, bem como as percepções face ao próprio envelhecimento (Soliz & Harwood, 2006). Para além disso, alguns estudos (e.g., Allan & Johnson, 2009; Brunton & Scott, 2015; Harwood et al., 2005; Soliz & Harwood, 2006) demonstram ainda que tanto um contacto positivo, como aspetos específicos da relação entre avós e netos (e.g., identidade familiar, autorrevelação e saliência da idade) têm um papel significativo no idadismo e na ansiedade face ao envelhecimento.

Neste seguimento, a presente investigação tem como objetivo primordial investigar em contexto nacional de que forma a relação entre os jovens adultos e seus avós influencia as atitudes em relação às pessoas idosas no geral, bem como a ansiedade face ao próprio envelhecimento. Assim, é importante realçar que este estudo irá seguir, em parte, o trabalho desenvolvido por Soliz e Harwood (2006), apresentado algumas modificações no que concerne à forma de medição relativa às atitudes em relação às pessoas idosas, bem como a ansiedade face ao próprio envelhecimento, tendo em conta que o estudo de Soliz & Harwood (2006) se focou apenas nas atitudes em relação ao próprio envelhecimento. A presente investigação, ainda irá ter como referência os estudos de Allan e Johnson (2009) e Brunton e Scott (2015).

Deste modo, pretendemos verificar o efeito das variáveis frequência de contacto, qualidade do contacto, identidade familiar, autorrevelação e saliência de idade em duas variáveis: i) no idadismo face às pessoas idosas (i.e., medido pela percepção de competência e afetuosidade, estereótipos positivos e negativos e emoções relativas às pessoas idosas) (Fiske et al., 2002); ii) na ansiedade face ao próprio envelhecimento (e.g., medido em cada uma das suas vertentes, nomeadamente o medo de pessoas idosas, preocupações psicológicas, aparência física e medo de perdas) (Lasher & Faulkender, 1993 citados por Sargent-Cox et al., 2014).

Assim sendo, as hipóteses formuladas para o presente estudo com base no enquadramento teórico foram as seguintes:

Hipótese 1: A quantidade e qualidade do contacto com os avós deverá estar associada a menores níveis de idadismo face às pessoas idosas no geral.

Hipótese 1a: Mais especificamente, a quantidade e qualidade do contacto com os avós deverá estar relacionada com maiores perceções de competência e afetuosidade, maiores níveis de estereótipos positivos, bem como um aumento da emoção admiração, enquanto levará a menores níveis de estereótipos negativos e uma diminuição na emoção pena.

Hipótese 2: As características da relação com os avós deverão estar relacionadas com os níveis de idadismo em relação às pessoas idosas no geral.

Hipótese 2a: Mais especificamente, maior identidade familiar, maior autorrevelação e uma menor saliência de idade deverão estar associadas a maiores perceções de competência e afetuosidade, estereótipos mais positivos, bem como um aumento da emoção admiração, enquanto estarão relacionadas com menores níveis de estereótipos negativos e uma diminuição na emoção pena.

Hipótese 3: A quantidade e qualidade do contacto com os avós deverá associar-se a menor ansiedade face ao próprio envelhecimento.

Hipótese 3a: Mais especificamente, a quantidade e qualidade do contacto com os avós deverá estar relacionada com menores níveis de ansiedade para as dimensões, medo de pessoas idosas, preocupações psicológicas e aparência física, com exceção do medo de perdas que poderá estar relacionado com maior ansiedade.

Hipótese 4: As características da relação com os avós deverão estar associadas aos níveis de ansiedade face ao próprio envelhecimento.

Hipótese 4a: Mais especificamente, a identidade familiar, a autorrevelação e uma menor saliência de idade deverão associar-se a menores níveis de ansiedade para as vertentes, medo de pessoas idosas, preocupações psicológicas e aparência física, com exceção do medo de perdas que poderá estar associado a maior ansiedade.

Hipótese 5: A ansiedade face ao envelhecimento deverá mediar a relação entre as características dos avós e os níveis de idadismo.

III. Método

3.1. Delineamento do estudo

Tendo em consideração a questão de investigação inicialmente colocada e por forma a dar resposta às hipóteses desta investigação, este é um estudo correlacional, visto que pretende analisar a relação existente entre as diversas variáveis.

3.2. Participantes

Inicialmente participaram no questionário 235 indivíduos, desses 45 foram excluídos por não preencherem na totalidade o questionário. Neste sentido, 190 completaram o questionário, sendo que 32 (16.8%) foram excluídos por não preencherem os critérios relativos à questão de investigação, que pretende apenas focar nos participantes que têm avôs presentes na sua vida, assim no total foram considerados 158 (83.2%) questionários completos.

Como se pode verificar no Quadro 3.1., a amostra foi constituída por 133 participantes do sexo feminino (84.2%) e 25 participantes do sexo masculino (15.8%), tendo o participante mais novo 18 anos e o participante mais velho 35 anos, correspondente a uma média de idades de 23 anos ($M = 23.21$, $DP = 3.497$) e apresentando na totalidade nacionalidade portuguesa.

Respeitante ao estado civil observou-se que a maior parte dos participantes se encontram solteiros (88.6%), casados (6.3%), em união de fato (3.8%) e outros estados civis (1.3%). No que concerne às habilitações literárias verifica-se que a maior parte dos participantes apresenta a Licenciatura (48.1%), sendo também expressivo o número de respondentes que assinala o Ensino Secundário (25.3%), seguindo-se com percentagens mais baixas o Mestrado (20.9%), o Ensino Básico (2.5%) e Pós-graduação (1.9%). De salientar que dois participantes referiram ter outros cursos e formações (1.3%), nomeadamente o curso profissional.

Quando pedido aos participantes para referirem o avô ou a avó com que se dão melhor, a maioria dos participantes, indicou a avó materna (57%), seguindo-se a avó paterna (23.4%), apresentando percentagens mais baixas o avô paterno (10.8%) e avô materno (5.1%). De destacar que seis (3.8%) referiram ambos os avós paternos, a avó materna e paterna de igual modo, outro mencionou que apenas tinha um avô vivo, enquanto outra participante referiu ter uma relação próxima tanto da avó materna, como dos avós paternos.

Relativamente à questão sociodemográfica “Este(a) avô/avó criou-o?”, a maior parte mencionou que sim (52.5%), enquanto que os restantes (47.5%) indicou não ter sido criado por este(a) avô/avó (Quadro 3.1.).

Quadro 3.1. Caracterização Sociodemográfica dos Participantes

Variáveis Sociodemográficas		%
Sexo	Feminino	84.2%
	Masculino	15.8%
Idade	[18 – 21]	36.1%
	[22 – 23]	24.1%
	[24 – 25]	19.0%
	[26 – 35]	20.9%
Nacionalidade	Portuguesa	100.0%
Estado Civil	Solteiro	88.6%
	Casado	6.3%
	União de facto	3.8%
	Outro	1.3%
Habilitações Literárias	Ensino Básico	2.5%
	Ensino Secundário	25.3%
	Licenciatura	48.1%
	Pós-graduação	1.9%
	Mestrado	20.9%
	Outras	1.3%
Grau de Parentesco	Avó Materna	57.0%
	Avó Paterna	23.4%
	Avô Materno	5.1%
	Avô Paterno	10.8%
	Outro	3.8%
Criação pelos avós	Sim	52.5%
	Não	47.5%

3.3. Instrumentos

3.3.1. Questões sociodemográficas. Por forma a obter uma melhor caracterização dos participantes foram efetuadas questões de cariz pessoal, tais como o sexo, a idade, a nacionalidade, o estado civil, as habilitações literárias, se tem algum(a) avô/avó presente na sua vida, a relação de parentesco que este(a) tem consigo e como descreve este(a) avô/avó e se foi criado por este(a) avô/avó (Anexo A).

3.3.2. Frequência do contacto. A frequência de contacto foi avaliada através de um único item do *Grandparent Relationship Questionnaire* de Soliz e Harwood (2006), sendo este “Com que frequência está com esse(a) avô/avó?”, pontuado em uma escala tipo *Likert* de 6 pontos, em que 1 significa “Todos os dias” e 6 “Menos de uma vez por ano” (Anexo A).

3.3.3. Qualidade de contacto. Por sua vez, a qualidade de contacto foi avaliada com apenas um único item do *Grandparent Relationship Questionnaire* de Soliz e Harwood (2006), “Quão satisfeito está com o relacionamento com esse(a) avô/avó?”, expresso numa escala tipo *Likert* de 5 pontos, em que 1 significa “Muito Insatisfeito” e 5 “Muito Satisfeito” (Anexo A).

3.3.4. Relação e participação com os avós. De forma a obter mais informações acerca da relação que os jovens adultos estabelecem com os seus avós foram apresentados 8 itens para este efeito, tais como “1 – Este(a) avô/avó pede-lhe ajuda com as tarefas que está a fazer?”, “2 – Ajuda este(a) avô/avó com os seus recados e tarefas domésticas?”, “3 – Pede ajuda a este(a) avô/avó com tarefas que esteja a fazer?”, “4 – Quando era mais novo, foi educado por este(a) avô/avó?”, “5 – Discute os seus problemas com este(a) avô/avó?”, “6 – Este(a) avô/avó dá-lhe conselhos?”, “7 – Com que frequência acha que os seus pais consultam este(a) avô/avó quando querem tomar uma decisão que o envolva?” e “8 – Com que frequência este(a) avô/avó o corrige quando faz alguma coisa que ele(a) desaprove?”, os primeiros 6 itens foram avaliados segundo uma medida dicotómica (1 = Sim e 2 = Não), enquanto que os últimos dois itens foram avaliados segundo um escala tipo *Likert* de 4 pontos (1 = Muitas vezes a 5 = Nunca), de salientar que estes itens correspondem a troca de ajuda e apoio existente na relação entre ambos. Estes itens foram retirados do *Grandparent Relationship Questionnaire* de Soliz e Harwood (2006) (Anexo A).

3.3.5. Identidade Familiar. Com o objetivo de avaliar a identidade familiar presente na relação entre os jovens adultos e os seus avós foram utilizados no total seis itens do *Grandparent Relationship Questionnaire* de Soliz e Harwood (2006), nomeadamente “1 – Tenho orgulho de pertencer à mesma família que este(a) avô/avó.”, “2 – A família que partilho com este(a) avô/avó não é assim tão importante para mim.”, “3 – Acima de tudo, penso neste(a) avô/avó como membro da minha família.”, “4 - Este(a) avô/avó é um membro importante da minha família.”, “5 – Sinto que somos membros de uma família.” e “6 – Sinto que somos membros de famílias diferentes.”. As respostas a estes itens foram dadas através da utilização

da escala tipo *Likert* de 5 pontos, em que 1 corresponde a “Discordo Totalmente” a 5 “Concordo Totalmente” (Anexo A).

Tendo em consideração a medida de adaptação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) para os itens que medem a identidade familiar é possível verificar a existência de uma boa adequabilidade dos itens (KMO = .815), como também o teste de Esfericidade de Bartlett indica que as variáveis estão significativamente correlacionadas ($\chi^2_{(15)} = 466.889, p < .001$). Assim, foi aplicado o método da Análise de Componentes Principais (ACP) onde se verificou segundo as comunalidades a eliminação de dois itens originais (itens 2 e 6) por apresentarem valores inferiores a 0.5. Neste sentido, recorreu-se novamente ao critério de Kaiser verificando uma adequabilidade média perante os restantes 4 itens em análise (KMO = .775), enquanto o teste de Esfericidade de Bartlett permitiu determinar que as variáveis estão significativamente correlacionadas ($\chi^2_{(6)} = 323.654, p < .001$). Assim, aplicou-se o método da ACP, com rotação ortogonal *Varimax*, aos 4 itens em análise, que verificou segundo o critério de Kaiser (eigenvalue > 1) e de acordo com o critério de *Scree Test*, a extração de uma componente que explica 70.763% da variância total, sendo esta a identidade familiar (itens 1,3, 4 e 5).

Respeitante à análise da consistência interna, esta revelou um bom coeficiente de correlação para a dimensão identidade familiar ($\alpha = .843$).

3.3.6. Autorrevelação. De forma a avaliar uma conversa típica entre os jovens adultos e seus avós foram utilizados seis itens do *Grandparent Relationship Questionnaire* de Soliz e Harwood (2006), tais como “1 – Com que frequência expressa os seus sentimentos a este(a) avô/avó.”, “2 – Quanta informação pessoal fornece a este(a) avô/avó.”, “3 – Quão pessoal é a informação que fornece a este(a) avô/avó.”, “4 – Quanto dos seus sentimentos é que este(a) avô/avó partilha consigo.”, “5 – Quanta informação pessoal é que este(a) avô/avó lhe fornece.” e “6 – Quão pessoal é a informação que este(a) avô/avó lhe fornece.”. Estes itens foram pontuados segundo uma escala tipo *Likert* de 5 pontos (1 = De modo nenhum a 5 = Muito) (Anexo A).

Recorrendo à medida de adaptação da amostragem de KMO para os itens que medem a autorrevelação, foi possível constatar uma boa adequabilidade dos 6 itens em análise (KMO = .816), bem como o teste de Esfericidade de Bartlett evidenciou que as variáveis estão significativamente correlacionadas ($\chi^2_{(15)} = 696.316, p < .001$). Assim sendo, foi aplicado o método da ACP, com rotação ortogonal *Varimax*, aos 6 itens em análise, o que permitiu segundo o critério de Kaiser (eigenvalue > 1) e em concordância com o critério de *Scree Test*, a extração

de uma componente que explica 67.982% da variância total. A consistência interna referente à dimensão autorrevelação, revelou um excelente coeficiente de correlação ($\alpha = .903$).

3.3.7. Saliência de idade. Com o intuito de avaliar o grau em que os jovens adultos percebem a idade como uma dimensão saliente na interação com os avós, foram utilizados quatro itens para medir esta dimensão do *Grandparent Relationship Questionnaire* de Soliz e Harwood (2006), nomeadamente “1 – Quão consciente está da diferença de idades entre si e este(a) avô/avó?”, “2 – Quantas vezes pensa na idade deste(a) avô/avó quando comunica com ele(a)?”, “3 – A idade importa muito quando está a comunicar com este(a) avô/avó?” e “4 – Até que ponto este(a) avô/avó é típico(a) de adultos mais velhos?”. Para a obtenção de respostas a estes itens recorreu-se a uma escala tipo *Likert* de 5 pontos (1 = De modo nenhum a 5 = Muito). (Anexo A).

De acordo com a medida de adaptação da amostragem de Kaiser-Meyer-Olkin, verificou-se uma adequabilidade média dos itens (KMO = .701), bem como o teste de Esfericidade de Bartlett salientou um $p < .001$ ($\chi^2_{(6)} = 145.593$, $p < .001$), o que mostra que as variáveis estão significativamente correlacionadas. Neste sentido, foi possível empregar o método da ACP, onde se verificou segundo as comunalidades a eliminação de dois itens originais (itens 1 e 4) por apresentarem valores inferiores a 0,5. Assim, recorreu-se de novo ao critério de KMO, embora este não tenha sido cumprido (KMO = .500). Ainda assim, observou-se que o teste de Esfericidade de Bartlett apresentou um $p < .001$ ($\chi^2_{(1)} = 79.692$, $p < .001$), o que permite determinar que as variáveis estão significativamente correlacionadas. Decorrente, aplicou-se o método da ACP, com rotação ortogonal *Varimax*, aos 2 itens em análise, que verificou segundo o critério de Kaiser (eigenvalue > 1) e de acordo com o critério de *Scree Test*, a extração de uma componente que explica 81.662% da variância total, sendo esta a saliência de idade (itens 2 e 3).

No que concerne à consistência interna, a saliência da idade ao abarcar apenas dois itens e ser de natureza ordinal foi realizado o coeficiente de Spearman-Brown que revelou ser aceitável ($r^s = .775$).

3.3.8. Percepção de competência e afetuosidade das pessoas idosas. Por forma a avaliar a opinião dos jovens adultos face às pessoas idosas, foi pedido a estes que proferissem em que grau concordavam ou discordavam que as pessoas idosas eram competentes e afetuosas. As respostas a estes itens foram dadas segundo uma escala tipo *Likert* de 7 pontos (1 = Discordo

Totalmente a 7 = Concordo Totalmente) (Anexo A). Este instrumento foi desenvolvido com base no Modelo do Conteúdo Estereotípico (Fiske et al., 2002).

3.3.9. Estereótipos positivos e negativos das pessoas idosas. De modo a avaliar os estereótipos positivos e negativos das pessoas idosas pediu-se aos participantes que determinassem em que grau concordavam ou discordavam que determinados traços que se aplicavam às pessoas idosas com mais de 65 anos, nomeadamente traços como sábios, dependentes, doentes, precipitados, maduros, criativos, saudáveis e irresponsáveis. As respostas a estes itens foram dadas segundo uma escala tipo *Likert* de 7 pontos (1 = Discordo Totalmente a 7 = Concordo Totalmente) (Anexo A). Este instrumento foi desenvolvido com base no estudo de Marques, Lima e Novo (2006).

Para tal, recorreu-se a uma ACP, de modo a verificar se era possível agrupar os traços “Sábios” e “Maduros” em estereótipos positivos, e “Dependentes” e “Doentes” em estereótipos negativos¹.

Apesar do critério de Kaiser não ter sido cumprido ($KMO = .503$), o teste de Esfericidade de Bartlett revelou um valor adequado, evidenciando um $p < .001$ ($\chi^2_{(6)} = 71.765$, $p < .001$), o que permite concluir que as variáveis estão significativamente correlacionadas. Assim sendo, foi aplicado o método da ACP, com rotação ortogonal *Varimax*, aos 4 itens em análise, o que permitiu segundo o critério de Kaiser (eigenvalue > 1) e em concordância com o critério de *Scree Test*, a extração de duas componentes que explicam 69.528% da variância total, sendo estas os estereótipos positivos (i.e., inclui os traços “Sábios” e “Maduros”) e os estereótipos negativos (i.e., compreende os traços “Dependentes” e “Doentes”).

Relativamente à consistência interna, utilizou-se o coeficiente de Spearman-Brown devido a estes traços serem de natureza ordinal e conter apenas dois itens. Assim, para o indicador estereótipos positivos verificou-se uma correlação positiva e significativa ($r^s = .596$, $p < .01$), tal como para o indicador de estereótipos negativos se apurou uma correlação positiva e significativa ($r^s = .191$, $p < .05$).

3.3.10. Emoções face às pessoas idosas. Ainda com o intuito de averiguar a opinião dos jovens adultos em relação às pessoas idosas, foi pedido aos respondentes que indicassem o que sentiam pelas pessoas idosas com mais de 65 anos com base em quatro emoções,

¹ Foram incluídos outros traços, nomeadamente “Precipitados”, “Criativos”, “Saudáveis” e “Irresponsáveis”, mas tendo em conta o presente trabalho, optou-se por dar primazia ao estudo do Modelo de Conteúdo Estereotípico (Fiske et al., 2002).

nomeadamente inveja, admiração, pena e desprezo. Estes itens foram medidos através de uma escala tipo *Likert* de 7 pontos, em que 1 significa “Discordo Totalmente” a 7 “Concordo Totalmente” (Anexo A). Este instrumento teve por base os estudos de Fiske et al. (2002) e Cuddy et al. (2005).

3.3.11. Ansiedade face ao envelhecimento. Para medir a ansiedade face ao próprio do envelhecimento utilizou-se a escala *Anxiety about Aging Scale* (Lasher & Faulkender, 1993 citados por Sargent-Cox et al., 2014), a qual está contemplada com quatro subescalas, contendo cinco itens cada uma. Deste modo, na subescala “Medo de Pessoas Idosas” integra estes itens: “1 – Aprecio estar com pessoas idosas.”, “2 – Gosto de ir visitar os meus familiares idosos.”, “3 – Gosto de conversar com pessoas idosas.”, “4 – Sinto-me confortável quando estou perto de uma pessoa idosa.” e “5 – Aprecio fazer coisas para as pessoas idosas.”. Por sua vez, a subescala “Preocupações Psicológicas” engloba os seguintes itens: “6 – Receio que vá ser muito difícil para mim encontrar felicidade quando for idoso.” (item invertido), “7 – Terei muito com que ocupar o meu tempo quando for idoso.”, “8 – Espero sentir-me bem com a vida quando for idoso.”, “9 – Acredito que ainda serei capaz de fazer a maioria das coisas para mim mesmo quando for idoso.” e “10 – Espero sentir-me bem comigo próprio quando for idoso”. Já a subescala “Aparência Física” inclui os respetivos itens: “11 – Nunca menti sobre a minha idade para parecer mais novo.”, “12 – Não me incomoda de forma alguma imaginar-me como sendo idoso.”, “13 – Nunca temi o dia em que me olharia no espelho e veria cabelos brancos.”, “14 – Nunca temi aparentar ser mais velho.” e “15 – Quando olho para o espelho, incomoda-me ver como a minha aparência mudou com a idade.” (item invertido). E, por último, a subescala “Medo de Perdas” é possível verificar os seguintes itens: “16 – Tenho medo que quando for idoso, todos os meus amigos tenham partido.”, “17 – Quanto mais velho me torno, mais me preocupo com a minha idade.”, “18 – Fico nervoso quando penso sobre outra pessoa a tomar decisões por mim.”, “19 – Preocupa-me que as pessoas me ignorem quando for idoso.” e “20 – Tenho medo que a vida não tenha significado quando for idoso.”. De salientar que esta subescala se encontra com os itens todos invertidos.

As respostas a estes itens foram avaliadas segundo uma escala tipo *Likert* de 5 pontos (1 = Concordo Totalmente a 5 = Discordo Totalmente) (Anexo A), pelo que pontuações mais elevadas refletem níveis maiores de ansiedade face ao envelhecimento, de acordo com o estudo de Sargent-Cox et al. (2014).

Neste seguimento, procedeu-se à realização da ACP (Anexo B), porém verificou-se que esta resultou numa alteração da estrutura da escala original. Devido a ser a primeira vez que

esta escala foi adaptada para Portugal, optou-se por manter a escala original e calcular a consistência interna para as quatro dimensões existentes. Desta forma, a consistência interna revelou um excelente Alpha de Chronbach para a dimensão “Medo de Pessoas Idosas” ($\alpha = .933$), aceitável para a dimensão “Preocupações Psicológicas” ($\alpha = .669$), aceitável para a dimensão “Aparência Física” ($\alpha = .719$), e por último aceitável para a dimensão “Medo de Perdas” ($\alpha = .690$).

3.4. Procedimento

Primeiramente, para a elaboração do questionário procedeu-se a uma vasta revisão de literatura por forma a verificar quais as escalas mais adequadas para integrar o questionário. Após esta pesquisa e seleccionadas as escalas a utilizar, recorreu-se a uma tradução das mesmas, sendo este processo realizado por dois juízes independentes. Posteriormente, foi feita uma retrotradução da versão acordada, por forma a averiguar se assemelhava com a versão original.

De seguida, passou-se à construção do questionário integrando as escalas necessárias para proceder à investigação. Antes de iniciar a recolha de dados, procedeu-se a um pré-teste do questionário com cinco participantes, com o intuito de verificar se o mesmo se encontrava adequado e perceptível para a posterior recolha. Desta aplicação resultaram pequenas alterações ao questionário, as quais foram feitas, tendo as respostas destes respondentes sido eliminadas.

Neste seguimento, iniciou-se a recolha de dados que decorreu de 5 de junho a 18 de junho de 2019, através da plataforma online: *Qualtrics – Online Survey Software & Insight Platform*. Os dados foram recolhidos através das redes sociais e contactos pessoais (e.g., Facebook e e-mail). O critério para participação era o de que os participantes tivessem idades compreendidas entre os 18 e 35 anos e fossem de nacionalidade portuguesa.

O questionário, com duração de 15 minutos, era constituído por três partes. Primeiramente, foi apresentado aos participantes um consentimento informado (Anexo C), que evidenciava a confidencialidade e o anonimato das respostas, bem como o seu carácter voluntário de participação, e ainda salientava o que se pretendia com o estudo. De seguida, o questionário incluía questões sociodemográficas, nomeadamente questões relativas ao sexo, à idade, à nacionalidade, ao estado civil, às habilitações literárias, e ainda questões relativas à presença dos avós (i.e., “Algum dos seus avós está presente na sua vida?”). Seguidamente, foram apresentadas aos participantes as variáveis relacionadas com os avós, sendo estas medidas

através da utilização do *Grandparent Relationship Questionnaire* (Soliz & Harwood, 2006)², com o objetivo de averiguar a relação dos jovens adultos com os seus avós. Posteriormente, foi apresentado aos participantes itens para medir o idadismo em relação às pessoas idosas, contemplando as dimensões de competência e afetuosidade, recorrendo ao *Stereotype Content Model* (Fiske et al., 2002), bem como itens referentes às emoções sentidas face às pessoas idosas. Para além disso, foram ainda medidos de um modo geral traços associados a estereótipos positivos e negativos, tendo por base o estudo de Marques et al. (2006). Por último, foram apresentados aos participantes itens referentes à ansiedade face ao próprio envelhecimento, sendo esta medida através da escala *Anxiety about Aging Scale* (Lasher & Faulkender, 1993 citados por Sargent-Cox et al., 2014), contemplando as suas quatro dimensões.

Por fim, foi disponibilizado aos participantes um endereço de e-mail (no consentimento informado e reforçado no fim do questionário), para a solicitação de informações adicionais ou para esclarecimento de quaisquer dúvidas relativas ao presente estudo.

² A versão do questionário de *Grandparent Relationship Questionnaire* (Soliz & Harwood, 2006) incluiu outras dimensões que não estão a ser alvo de análise no presente trabalho nomeadamente, o incentivo parental e o suporte de comunicação. Esta decisão prendeu-se, em primeiro lugar, com o facto destas variáveis não terem tanto suporte teórico de ligação com as variáveis dependentes em análise. Em segundo lugar, a não inclusão destas variáveis prendeu-se com a necessidade de apresentar uma análise mais parcimoniosa dos resultados obtidos já que estão em causa diversos fatores.

IV. Resultados

De forma a poder analisar algumas variáveis presentes no estudo foram utilizados testes estatísticos, para os quais foi necessário proceder à análise dos pressupostos. Contudo, em alguns casos verificou-se que as variáveis não seguiram o pressuposto da normalidade. No entanto, uma vez que os testes paramétricos, nomeadamente o teste t à igualdade de duas médias (amostras independentes), o teste t para uma média e o teste t à igualdade de duas médias (amostras emparelhadas), são robustos à violação do pressuposto da normalidade e tendo em conta que a amostra não é reduzida ($n > 30$), não foi necessário proceder a transformações matemáticas corretivas.

4.1. Variáveis Sociodemográficas

Inicialmente procurou-se explorar a existência de efeitos significativos das variáveis sociodemográficas nas variáveis presentes em estudo. Consoante as variáveis sociodemográficas em questão, surgiram panoramas distintos de resultados.

No que concerne à variável sociodemográfica “Sexo”, analisada através do teste t à igualdade de duas médias (amostras independentes), observaram-se efeitos significativos da mesma sobre a variável “Afetuosos” ($t_{(156)} = 2.444, p = .016$), o que demonstra que, em média, o sexo feminino ($M = 5.95, DP = 0.995$) considera as pessoas idosas mais afetuosas do que o sexo masculino ($M = 5.40, DP = 1.190$). Ainda no que toca a esta variável sociodemográfica, foi possível apurar outro efeito significativo na emoção “Admiração” ($t_{(156)} = 2.790, p = .006$), indicando que, em média, o sexo feminino ($M = 5.89, DP = 1.195$) sente maior admiração pelas pessoas idosas do que o sexo masculino ($M = 5.12, DP = 1.641$). Pertencente ainda a esta variável sociodemográfica, constatou-se apenas mais um efeito significativo sobre a subescala “Medo de Perdas” ($t_{(156)} = 2.870, p = .005$), no sentido em que, em média, o sexo feminino ($M = 3.76, DP = 0.718$) apresenta mais ansiedade para com esta subescala do que o sexo masculino ($M = 3.31, DP = 0.774$).

Em relação às variáveis sociodemográficas “Habilitações Literárias” e “Idade” os seus efeitos foram verificados através de uma correlação bivariada de Pearson (Anexo D). Verificou-se que as “Habilitações Literárias” apresentam correlações positivas e significativas com a “Identidade Familiar” ($r = .184, p < .05$), a “Autorrevelação” ($r = .172, p < .05$) e os “Estereótipos Positivos” ($r = .195, p < .05$), o que significa que quanto maior as habilitações literárias que os jovens adultos apresentam maior a identidade familiar, a autorrevelação e os estereótipos positivos para com os avós. Ainda referente a esta variável, verificou-se que a

mesma apresenta uma correlação negativa e significativa com a emoção “Pena” ($r = -.182, p < .05$), salientando que quanto maior as habilitações literárias dos participantes menor a pena sentida face às pessoas idosas. Já a “Idade” revelou apenas correlações positivas e significativas com as “Habilitações Literárias” ($r = .385, p < .01$) e com a “Identidade Familiar” ($r = .157, p < .05$), ou seja, quando mais idade têm os jovens adultos, maior as habilitações literárias e maior a identidade familiar. Por outro lado, esta variável apresentou correlações negativas e significativas com a “Pena” ($r = -.193, p < .05$) e o “Medo de Pessoas Idosas” ($r = -.162, p < .05$), o que permite concluir que quanto maior a idade menor a pena sentida face às pessoas idosas, bem como menor a ansiedade apresentada nesta subescala.

Respeitante à variável sociodemográfica “Nacionalidade”, dado que se revela constante, não possui qualquer efeito significativo sobre as variáveis analisadas em estudo. Por sua vez, a variável sociodemográfica “Estado Civil” também não apresentou qualquer efeito significativo sobre as variáveis presentes no estudo.

4.2. Frequência do contacto

De acordo com esta variável, a maior parte dos participantes revela encontrar-se com os seus avós “Todos as semanas” (32.3%) e “Todos os meses” (29.7%), seguindo-se “Algumas vezes por ano” (19%), “Todos os dias” (17.7%) e com uma menor expressão surgem as categorias “Uma vez por ano” e “Menos de uma vez por ano”, ambas com a mesma frequência (0.6%) (Figura 4.1.).

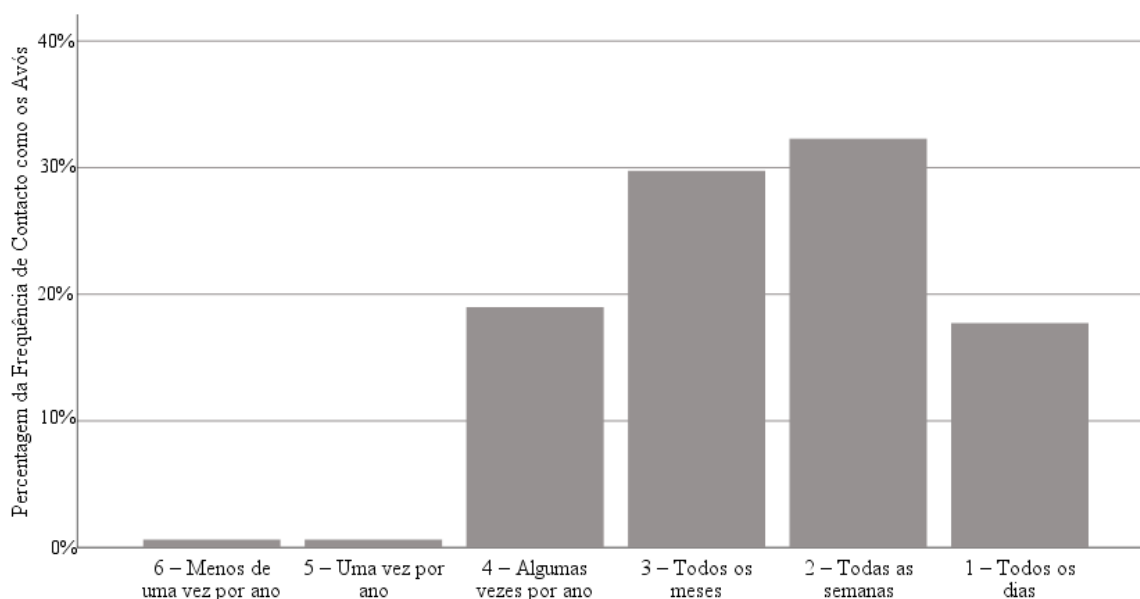


Figura 4.1. Frequência do Contacto entre os Jovens Adultos e seus Avós

4.3. Qualidade do contacto

No que concerne à qualidade do contacto, a maioria dos respondentes destacou estar “Muito Satisfeito” com a relação com os seus avós (48.1%), como também os jovens adultos realçaram estar “Satisfeito” com a mesma (35.4%), surgindo com menor expressão as categorias “Nem satisfeito, nem insatisfeito” (7.6%), “Insatisfeito” (5.7%) e, por último, uma pequena percentagem dos respondentes afirmou estar “Muito Insatisfeito” perante a sua relação com os seus avós (3.2%) (Figura 4.2.).

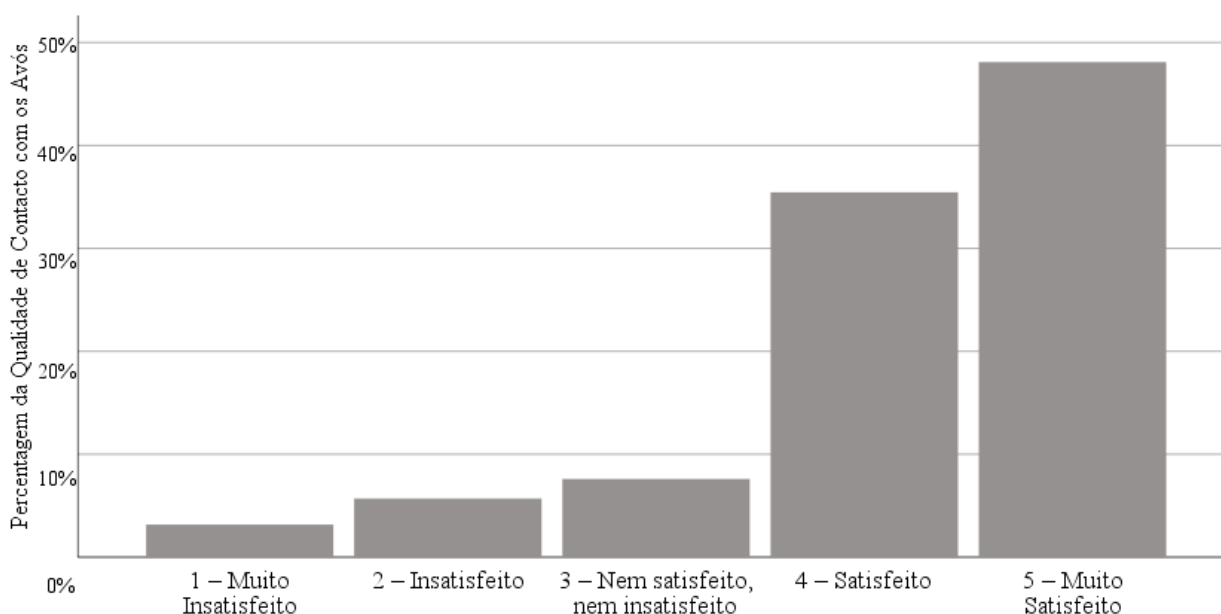


Figura 4.2. Qualidade do Contacto entre os Jovens Adultos e seus Avós

4.4. Relação e Participação com os avós

Por forma a compreender melhor a relação e a participação dos jovens adultos com os seus avós, foi efetuada uma análise de distribuição de frequências para verificar os efeitos dessa relação em cada um dos itens. Neste sentido, como se pode verificar na figura 4.3., quando solicitado aos jovens adultos se os seus avós lhes pediam ajuda nas tarefas que estavam a realizar, a maioria afirmou que “Sim” (67.1%). Na mesma linha, ao perguntar aos jovens adultos se ajudavam os avós a nível de recados e tarefas domésticas, uma grande percentagem de respondentes afirmou que “Sim” (72.8%). Ainda dentro do foco da troca de ajuda entre ambos, foi questionado aos participantes se eles próprios pediam ajuda aos seus avós com tarefas que estivessem a realizar, tendo sido “Não” a categoria que evidenciou mais respostas (50.6%), embora a diferença percentual tivesse sido mínima.

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

Para além disso, pretendia-se verificar de que forma os avós participavam na vida dos jovens adultos, pelo que foi perguntado aos mesmos se, quando mais novos, foram educados pelos seus avós, o qual a maioria revelou que “Sim” (64.6%). Acrescido, tentou-se apurar se estes jovens discutiam os seus problemas com os seus avós, e mais uma vez se verificou que a diferença de percentagem entre a categoria “Sim” e “Não” é mínima, sendo neste caso a categoria “Não” a mais evocada (50.6%). Além disso, averiguou-se se os participantes recebiam conselhos dos seus avós, sendo a categoria “Sim” a mais expressiva (81%).

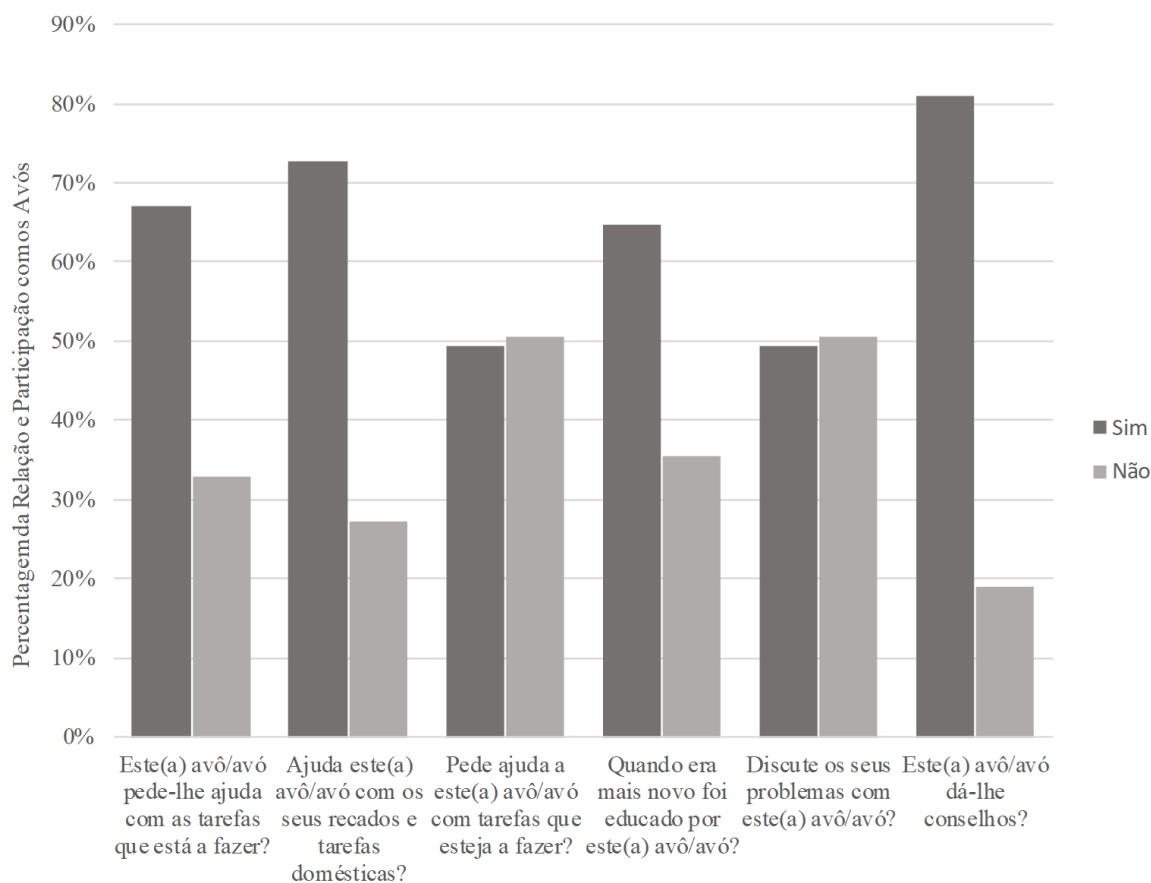


Figura 4.3. Relação e Participação com os Avós

Por outro lado, quando questionados se os pais consultavam os avós para tomarem alguma decisão a seu respeito, verificou-se que a categoria mais saliente foi “Às vezes” (34.2%), seguindo-se as restantes categorias face a esta questão “Raramente” (25.9%), “Muitas vezes” (19.6%), “Nunca” (12.7%) e “Uma ou duas vezes” (7.6%). Por fim, quando questionados sobre o facto de os avós os corrigem quando fazem algo que eles desaprovam, observou-se novamente que a categoria mais mencionada foi “Às vezes” (35.4%), seguindo-se “Muitas vezes” (25.3%), “Raramente” (19.6%), “Uma ou duas vezes por ano” (10.1%), e por fim “Nunca” (9.5%) (Figura 4.4.).

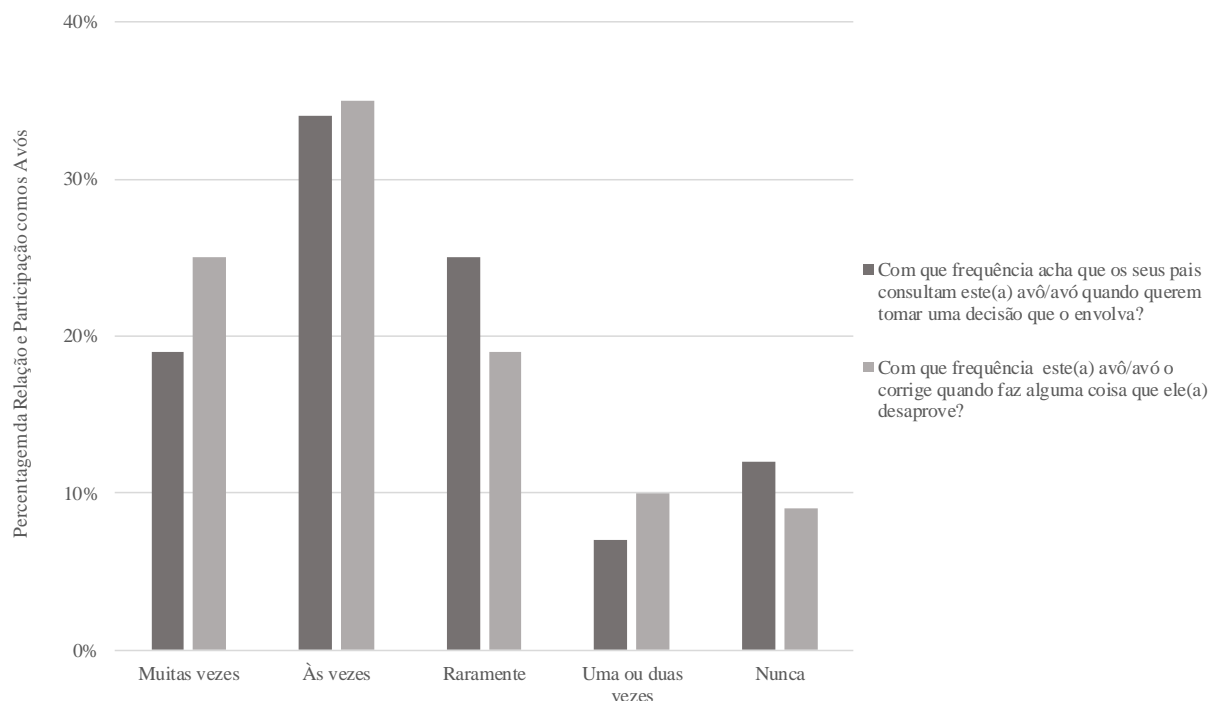


Figura 4.4. Relação e Participação com os Avós

4.5. Identidade Familiar

Segundo a análise de dados efetuada à dimensão “Identidade Familiar”, pode-se concluir que a maioria dos participantes responderam junto ao limiar da categoria “Concordo Totalmente”, sendo que a escala de tipo *Likert*, variava entre 1 “Discordo Totalmente” e 5 “Concordo Totalmente” ($M = 4.69$, $DP = 0.459$). Assim, é notório o posicionamento dos participantes acima do ponto médio da escala (i.e., 3 “Nem concordo, nem discordo”), o que revela não só uma concordância quanto a ter orgulho em pertencer à mesma família que este(a) avô/avó, como também os consideram membros importantes da família ($t_{(157)} = 46.319$, $p < .001$) (Quadro 4.1.).

4.6. Autorrevelação

De acordo com a análise de dados efetuada à dimensão “Autorrevelação”, pode concluir-se que os participantes responderam acima do centro da escala, dado que a escala tipo *Likert* variava entre 1 “De modo nenhum” e 5 “Muito” ($M = 3.46$, $DP = 0.903$). Assim, é perceptível o posicionamento dos participantes ligeiramente acima do ponto médio da escala (i.e., ponto 3), o que indica que a partilha de informação pessoal entre ambos não é muito saliente ($t_{(157)} = 6.440$, $p < .001$) (Quadro 4.1.).

4.7. Saliência da Idade

Com base na análise de dados concretizada à dimensão “Saliência da Idade”, constatou-se que os participantes responderam junto ao limiar do centro da escala, uma vez que esta variava entre 1 “De modo nenhum” e 5 “Muito” ($M = 2.98$, $DP = 1.251$). Deste modo, é notório a posição dos participantes perante o ponto médio da escala (i.e., ponto 3), o que mostra que a idade dos avós durante a interação com os jovens adultos não parece ser importante ($t_{(157)} = -0.159$, $p = .874$) (Quadro 4.1.).

Quadro 4.1. Medidas Descritivas da Identidade Familiar, Autorrevelação e Saliência da Idade

	Média	Desvio-Padrão	Teste t para uma média		
			t	df	p
Identidade Familiar	4.69	0.459	46.319	157	< .001
Autorrevelação	3.46	0.903	6.440	157	< .001
Saliência da Idade	2.98	1.251	-0.159	157	< .001

4.8. Percepção de Competência e de Afetuosidade das Pessoas Idosas

De forma a averiguar a opinião dos jovens adultos em relação às pessoas idosas com 65 ou mais anos, foi realizado um teste t à igualdade de duas médias (amostras emparelhadas).

Nesta perspetiva, verificou-se que os jovens adultos, em média, atribuem mais o traço “Afetuosos” ($M = 5.86$, $DP = 1.043$) às pessoas idosas do que o traço “Competentes” ($M = 5.30$, $DP = 1.192$), como demonstra a figura 4.5., o que permite concluir que os jovens adultos apresentam uma maior concordância quanto a considerarem as pessoas idosas como mais afetuosas do que competentes ($t_{(157)} = -6.490$, $p < .001$), indo ao encontro do Modelo do Conteúdo Estereotípico (Fiske et al., 2002).

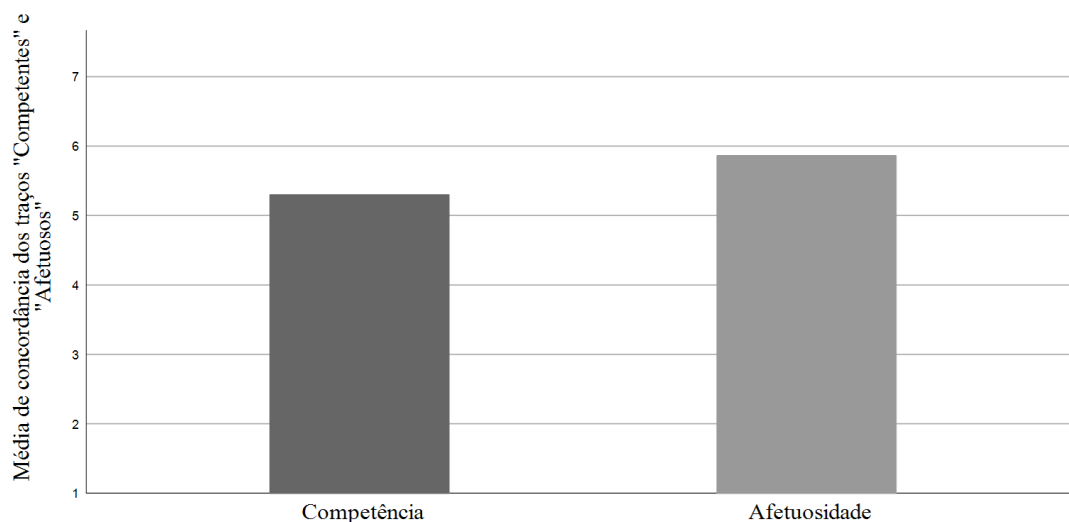


Figura 4.5. Concordância média sobre os traços “Competentes” e “Afetuosos” em relação às Pessoas Idosas

4.9. Estereótipos Positivos e Negativos das Pessoas Idosas

Por sua vez, verificou-se também que os jovens adultos, em média, tendem a conceder mais estereótipos positivos (i.e., sábios e maduros) ($M = 5.91$, $DP = 0.954$) do que estereótipos negativos (i.e., dependentes e doentes) ($M = 3.82$, $DP = 1.054$) às pessoas idosas, como se pode constar na figura 4.6., o que permite verificar que os jovens adultos apresentam uma maior concordância média quanto à atribuição de mais estereótipos positivos às pessoas idosas do que estereótipos negativos ($t_{(157)} = 18.240$, $p < .001$).

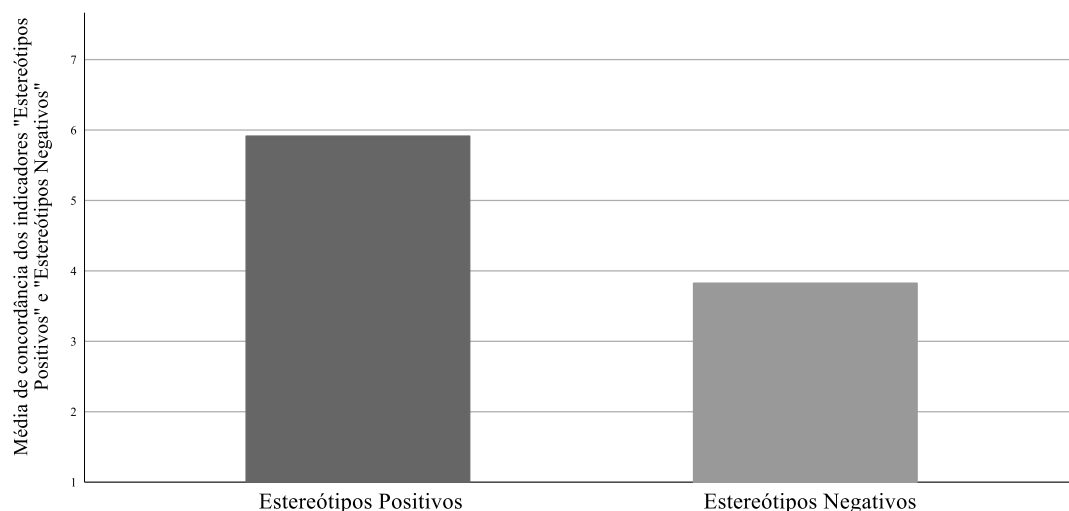


Figura 4.6. Concordância média sobre os Estereótipos Positivos e Estereótipos Negativos face às Pessoas Idosas

4.10. Emoções face às Pessoas Idosas

Com o intuito de avaliar as emoções que os jovens sentem face às pessoas idosas, fez-se uso de uma escala tipo *Likert* em que 1 significa “Discordo Totalmente” e 7 “Concordo Totalmente”. Para este efeito, comparou-se as respostas dadas pelos participantes nas quatro emoções expressas na questão, sendo estas a inveja, a admiração, a pena e o desprezo. Neste sentido, para analisar estes resultados recorreu-se a uma ANOVA de medidas repetidas, sendo que foi necessário verificar primeiro o pressuposto da esfericidade.

Deste modo, observou-se que a emoção mais mencionada pelos participantes foi a “Admiração” ($M = 5.77$, $DP = 1.301$), seguindo-se as restantes emoções “Pena” ($M = 2.89$, $DP = 1.685$), “Inveja” ($M = 1.60$, $DP = 1.064$) e “Desprezo” ($M = 1.29$, $DP = 0.751$) (Figura 4.7.).

Existem evidências estatísticas para afirmar que, pelo menos, uma das emoções se diferencia significativamente das restantes ($F_{(2,249, 353,152)} = 440.379$, $p < .001$, $\eta^2_p = 0.737$). O teste de comparação múltipla permitiu verificar diferenças significativas entre as quatro emoções.

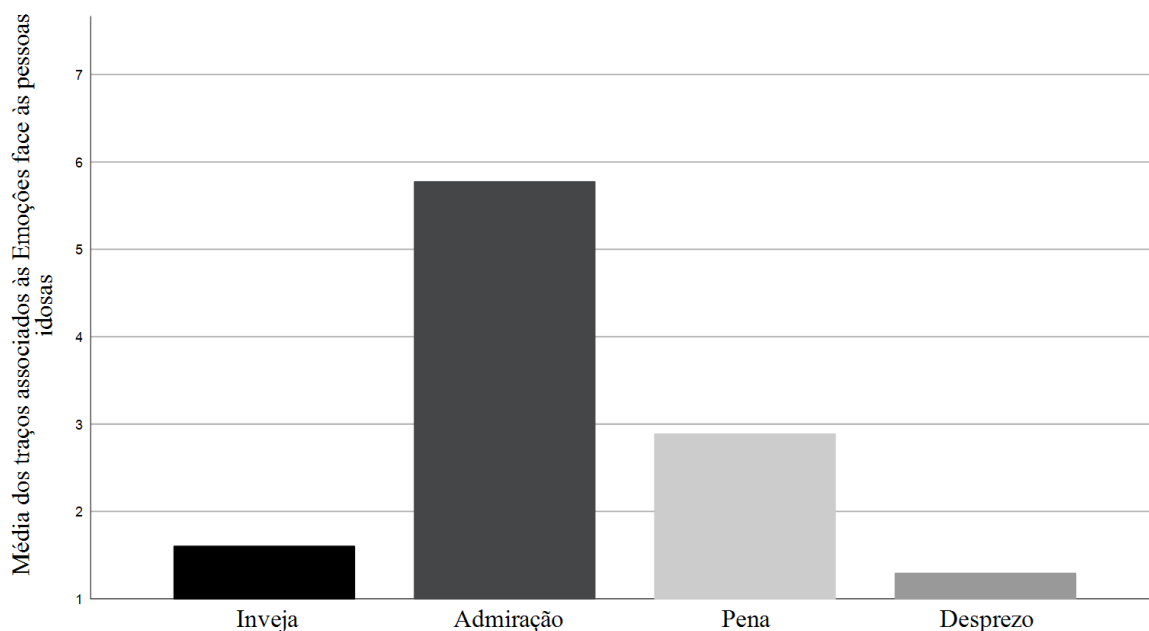


Figura 4.7. Média das Emoções face às Pessoas Idosas

4.11. Ansiedade face ao Envelhecimento

Neste sentido, a análise de dados realizada à subescala “Medo de Pessoas Idosas” (e.g., “Gosto de conversar com pessoas idosas.”), permite concluir que a categoria mais referida pelos participantes é a “Concordo”, tendo em consideração que a escala de tipo *Likert* variava entre

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

1 “Concordo totalmente” e 5 “Discordo totalmente” ($M = 2.00$, $DP = 0.838$). Neste sentido, é notório o posicionamento dos participantes abaixo do ponto médio (i.e., 3 “Nem concordo, nem discordo”) ($t_{(157)} = -14.909$, $p < .001$), o que revela que estes jovens adultos apresentam uma maior concordância com as afirmações expressas nesta subescala, indicando assim menores níveis de ansiedade face ao envelhecimento, dado que o estudo de Sargent-Cox et al. (2014) aponta que pontuações mais elevadas revelam maiores níveis de ansiedade face ao envelhecimento.

Relativamente à análise de dados efetuada à subescala “Preocupações Psicológicas” (e.g., “Espero sentir-me bem com a vida quando for idoso.”), verificou-se mais uma vez que a categoria mais mencionada pelos participantes foi a “Concordo” ($M = 2.12$, $DP = 0.609$). Assim, é perceptível o posicionamento destes abaixo do ponto médio ($t_{(157)} = -17.948$, $p < .001$), o que significa que ao mostrarem uma concordância com as afirmações alusivas a esta subescala, apresentam menores níveis de ansiedade face ao envelhecimento.

No que concerne, à análise de dados da subescala “Aparência Física” (e.g., “Nunca menti sobre a minha idade para parecer mais novo.”), foi visível que a categoria mais citada pelos respondentes foi a “Concordo” ($M = 2.25$, $DP = 0.805$). Desta forma, as respostas dos participantes concentraram-se abaixo do ponto médio ($t_{(157)} = -11.601$, $p < .001$), o que significa que ao concordarem com as afirmações da presente subescala, revelam sentir-se bem com a sua aparência, evidenciando assim menores níveis de ansiedade face ao envelhecimento nesta subescala.

Por último, e recordando que a subescala “Medo de Perdas” se encontra invertida (e.g., “Quanto mais velho me torno, mais me preocupo com a saúde.”), extraiu-se a conclusão de que os participantes responderam acima do ponto médio da escala (i.e., 3 “Nem concordo, nem discordo”) ($t_{(157)} = 11.744$, $p < .001$) em direção à categoria “Concordo” ($M = 3.69$, $DP = 0.743$). A maior concordância para com estas afirmações, indica níveis mais elevados de ansiedade face ao envelhecimento (Quadro 4.2.).

Quadro 4.2. Medidas Descritivas da Ansiedade face ao Envelhecimento

	Média	Desvio-Padrão	Teste t para uma média		
			t	df	p
Medo de Pessoas Idosas	2.00	0.838	-14.909	157	< .001
Preocupações Psicológicas	2.12	0.609	-17.948	157	< .001
Aparência Física	2.25	0.805	-11.601	157	< .001
Medo de Perdas	3.69	0.743	11.744	157	< .001

4.12. Relação entre as variáveis

Inicialmente realizou-se uma tabela de correlações (Anexo D) com o intuito de averiguar que variáveis se correlacionavam entre si. Posto isto, recorreu-se ao Modelo de Regressão Linear Múltipla, visto que este processo permite verificar quais variáveis (i.e., sociodemográficas, medidas de contacto e características dos avós) são capazes de melhor prever as variáveis dependentes.

Em primeiro lugar, explorou-se quais os fatores que afetam o idadismo em relação às pessoas idosas (i.e., percepção de competência e afetuosidade, estereótipos positivos e negativos, emoções em relação às pessoas idosas, nomeadamente admiração e pena). Neste sentido, estes modelos procuraram testar por um lado, os efeitos da quantidade e qualidade de contacto sobre as variáveis relativas ao idadismo face às pessoas idosas, e por outro lado, as características da relação com os avós (i.e., identidade familiar, autorrevelação e saliência de idade) sobre estas mesmas variáveis referentes ao idadismo. Importa referir que em todos os modelos foram controlados os efeitos das variáveis sociodemográficas que mostraram uma correlação significativa com a variável dependente em análise.

Para além disso, este procedimento acima mencionado, foi realizado novamente para cada uma das vertentes pertencentes à ansiedade face ao envelhecimento (i.e., medo de pessoas idosas, preocupações psicológicas, aparência física e medo de perdas), enquanto variável dependente.

Assim, para a construção do modelo, introduziu-se no mesmo bloco quer as variáveis sociodemográficas, concernentes à variável dependente em análise, quer as variáveis com fundamentação teórica, nomeadamente as medidas de contacto, por um lado e as características da relação com os avós, por outro, recorrendo ao método *Enter*, que incorpora todas as variáveis explicativas. Este método é adequado quando se está a lidar com um pequeno conjunto de variáveis preditoras, sendo também considerado o único método apropriado para testes teóricos, segundo os investigadores (Field, 2009).

Por outro lado, ao realizar as regressões foram tidos em consideração os pressupostos, principalmente o pressuposto referente à ausência de multicolinearidade.

4.12.1. Relação com os avós e idadismo

4.12.1.1. Quantidade e qualidade do contacto com os avós e idadismo. Primeiramente, analisou-se o efeito da quantidade e qualidade do contacto com os avós nas variáveis relativas

ao idadismo. Neste aspeto, verificou-se apenas efeitos significativos para a afetuosidade, admiração e pena.

Relativamente à afetuosidade, importa começar por referir a qualidade e adequabilidade do modelo. Assim, observa-se que o modelo indica que 5.2% da variação da afetuosidade é explicada por estas variáveis ($R^2 = .052$) e é significativo ($F_{(3, 154)} = 3.897, p = .010$), o que permite determinar que existe pelo menos uma variável que explica esta dimensão. De facto, apura-se que tanto o sexo, como a qualidade do contacto têm efeitos sobre a afetuosidade, sendo, no entanto, o sexo quem contribui mais para este efeito ($\beta = -.195, t = -2.504, p = .013$) o que permite concluir que o sexo feminino tende a considerar as pessoas idosas mais afetuosas do que o sexo masculino. Do mesmo modo, são os indivíduos com maior qualidade de contacto com os avós, os que percebem as pessoas idosas como mais afetuosas ($\beta = .162, t = 2.086, p = .039$) (Quadro 4.3.).

Quadro 4.3. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar a Afetuosidade

Variáveis explicativas	Afetuosidade
	Beta
Sexo	-.195*
Quantidade do contacto	.076
Qualidade do contacto	.162*
$R^2_{\text{ajustado}} =$.052*
	$F(3, 154) = 3.897$

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Em relação à emoção “Admiração”, mais uma vez é importante salientar a qualidade e adequabilidade do modelo. Assim, os resultados assinalam que 7.6% da variação da admiração é explicada por estas variáveis ($R^2 = .076$), bem como o modelo é significativo ($F_{(3, 154)} = 5.309, p = .002$), o que mais uma vez salienta a existência de pelo menos uma variável que colabora significativamente para a explicação desta emoção. Deste modo, apura-se que tanto o sexo, como a qualidade do contacto têm impacto sobre a “Admiração”, no entanto denota-se que é o sexo que mais contribui para a sua explicação ($\beta = -.220, t = -2.868, p = .005$), aferindo que o sexo masculino sente menos admiração pelas pessoas idosas do que o sexo feminino. Igualmente, são os jovens com maior qualidade de contacto com os avós que sentem mais admiração pelas pessoas idosas ($\beta = .159, t = 2.069, p = 0.040$).

Já para a emoção “Pena”, é possível verificar mais uma vez que o modelo no geral é significativo ($F_{(4, 153)} = 4.243, p = .003$), constando haver a existência de pelo menos uma

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

variável que explica significativamente esta emoção, como também o modelo aponta que 7.6% da variação da “Pena” é explicada por este conjunto de variáveis ($R^2 = .076$). Deste modo, confirma-se que somente a quantidade do contacto contribui significativamente para a explicação desta emoção ($\beta = -.215$, $t = -2.772$, $p = .006$), o que revela que quanto maior a frequência de contacto com os avós, menor a pena que os participantes sentem relativamente às pessoas idosas (Quadro 4.4.).

Quadro 4.4. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar a emoção “Admiração” e “Pena”

Variáveis explicativas	Admiração	Pena
	Beta	Beta
Sexo	-.220**	---
Habilitações Literárias	---	-.120
Idade	---	-.114
Quantidade do contacto	.135	-.215**
Qualidade do contacto	.159*	-.052
$R^2_{ajustado} =$.076**	.076**
	F (3, 154) = 5.309	F (4, 153) = 4.243

Nota. O tracejado significa que para aquela variável dependente a variável sociodemográfica não revelou efeitos significativos.

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Importa salientar ainda que não foram encontrados efeitos da qualidade e da quantidade do contacto com os avós na percepção de competência, nem nos estereótipos positivos e negativos (Anexo E).

4.12.1.2. Características da relação com os avós e idadeismo. Verificaram-se efeitos significativos das características da relação com os avós sobre a competência, afetuosidade, estereótipos positivos, admiração e pena.

Em termos da competência, o modelo indica que 8.9% da variação da competência é explicada por este conjunto de variáveis teóricas ($R^2 = .089$), como também o modelo é significativo ($F_{(3, 154)} = 6.114$, $p = .001$). Assim, observa-se que tanto a identidade familiar, como a autorrevelação explicam significativamente esta dimensão, contudo é a identidade familiar que mais impacto exerce ($\beta = .197$, $t = 2.314$, $p = .022$), o que permite concluir que quanto maior a identidade familiar compartilhada com os avós, mais competentes os jovens adultos consideram as pessoas idosas.

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

Por sua vez, a afetuosidade também apresenta um modelo significativo ($F_{(4, 153)} = 10.269, p < .001$), como os resultados indicam 19.1% da variação da afetuosidade é explicada por estas variáveis ($R^2 = .191\%$). De acordo com os resultados expressos, averigua-se que o sexo, a identidade familiar e a autorrevelação explicam significativamente esta dimensão, sendo, por sua vez a identidade familiar a mais relevante ($\beta = 0.271, t = 3.384, p = .001$), revelando que quanto maior a identidade familiar compartilhada com os avós, mais afetuosos os participantes percebem as pessoas idosas (Quadro 4.5.).

Quadro 4.5. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar a percepção de Competência e a Afetuosidade

Variáveis explicativas	Competência	Afetuosidade
	Beta	Beta
Sexo	---	-.169*
Identidade Familiar	.197*	.271**
Autorrevelação	.187*	.220**
Saliência de Idade	.006	.049
$R^2_{\text{ajustado}} =$.089**	.191***
	$F(3, 154) = 6.114$	$F(4, 153) = 10.269$

Nota. O tracejado significa que para aquela variável dependente a variável sociodemográfica não revelou efeitos significativos.

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Para o indicador de estereótipos positivos, verifica-se que o modelo indica que 11.2% da variação dos estereótipos positivos é explicada por este conjunto de variáveis ($R^2 = .112$), bem como o modelo é significativo ($F_{(4, 153)} = 5.946, p < .001$), garantindo a existência de pelo menos uma variável que explica significativamente este indicador. Assim, através dos resultados, confirma-se que somente a identidade familiar tem impacto sobre os estereótipos positivos ($\beta = .312, t = 3.685, p < .001$), registrando-se que quanto maior a partilha de identidade familiar com os avós, maior a atribuição de estereótipos positivos por parte dos jovens adultos face às pessoas idosas (Quadro 4.6.).

Quadro 4.6. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar os Estereótipos Positivos

Variáveis explicativas	Estereótipos Positivos
	Beta
Habilitações Literárias	.136
Identidade Familiar	.312***
Autorrevelação	.003
Saliência de Idade	-.034
$R^2_{\text{ajustado}} =$.112***
	F (4, 153) = 5.946

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Referente à emoção “Admiração”, o modelo na sua totalidade foi significativo, o que reforça que existe pelo menos uma característica da relação com os avós que contribui significativamente para a explicação desta emoção ($F_{(4, 153)} = 13.613$, $p < .001$), para além de que o modelo também mostra que 24.3% da variação da admiração é explicada por este conjunto de variáveis ($R^2 = .243$). Neste seguimento, observa-se que tanto o sexo, como a identidade familiar, como a autorrevelação têm impacto sobre esta emoção, sendo, entretanto, a identidade familiar a mais proeminente ($\beta = .322$, $t = 4.157$, $p < .001$), o que vem afirmar que quanto maior a identidade familiar compartilhada com os avós, maior a admiração dos respondentes face às pessoas idosas.

Contudo, ao analisar os resultados referentes à emoção “Pena” observou-se que o modelo é significativo ($F_{(5, 152)} = 4.300$, $p = .001$), o que à partida corrobora que existe pelo menos uma característica que exerce uma influência nesta emoção, no entanto o mesmo não se verifica. Neste seguimento, pode se atestar que de certo modo, no global, este conjunto destas variáveis têm efeito sobre esta emoção, porém nenhuma adquire força suficiente para se sobressair como a mais explicativa. Adicionalmente, ao examinar os resultados, certifica-se que o modelo assinala que 9.5% da variação da emoção “Pena” é explicada por estas variáveis ($R^2 = .095$) (Quadro 4.7.).

Quadro 4.7. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar a emoção “Admiração” e “Pena”

Variáveis explicativas	Admiração	Pena
	Beta	Beta
Sexo	-.189**	---
Habilitações Literárias	---	-.075
Idade	---	-.136
Identidade Familiar	.322***	-.107
Autorrevelação	.221**	-.163
Saliência de Idade	.010	.136
$R^2_{\text{ajustado}} =$.243***	.095**
	F (4, 153) = 13.613	F (5, 152) = 4.300

Nota. O tracejado significa que para aquela variável dependente a variável sociodemográfica não revelou efeitos significativos.

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

De mencionar que não se verificaram efeitos das características da relação com os avós nos estereótipos negativos em relação às pessoas idosas (Anexo E).

4.12.2. Relação com os avós e ansiedade face ao envelhecimento

4.12.2.1. Quantidade e qualidade do contacto com os avós e ansiedade face ao envelhecimento. Ao analisar os resultados empregues na subescala “Medo de Pessoas Idosas”, observa-se que o modelo é significativo ($F_{(3, 154)} = 2.949$, $p = .035$), pelo que se infere que alguma destas variáveis possui efeitos significativos sobre esta dimensão. Contudo, ao contrário do que seria esperado, individualmente nenhuma das variáveis se destacou enquanto explicativa da variável em estudo, pelo que, se constata que por si só nenhuma tem poder suficiente para se destacar. Adicionalmente, não é surpreendente que o modelo apenas explique 3.6% da variação desta subescala ($R^2 = .036$) (Quadro 4.8.).

Quadro 4.8. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar o Medo de Pessoas Idosas

Variáveis explicativas	Medo de Pessoas Idosas
	Beta
Idade	-.137
Quantidade do contacto	-.077
Qualidade do contacto	-.146
$R^2_{\text{ajustado}} =$.036*
	F (3,154) = 2.949

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Enquanto para as demais vertentes não se observaram efeitos da quantidade e qualidade do contacto (Anexo E).

4.12.2.2. Características da relação com os avós e ansiedade face ao envelhecimento.

A análise realizada permitiu apenas verificar efeitos significativos para a subescala “Medo de Pessoas Idosas” e “Preocupações Psicológicas”.

Neste prisma, ao examinar os resultados correspondentes à subescala “Medo de Pessoas Idosas”, o modelo alude que 16.3% da variação desta vertente é explicada por este conjunto de fatores ($R^2 = .163$), como também é significativo, o que reforça a presença de pelo menos uma característica da relação com os avós que explica significativamente esta dimensão ($F_{(4, 153)} = 8.625, p < .001$). Assim, é observável que tanto a identidade familiar, como a autorrevelação contribuem para a explicação desta subescala, sendo a autorrevelação a mais saliente ($\beta = -.261, t = -3.183, p = .002$), ou seja, quanto maior a partilha de autorrevelação entre os jovens adultos e seus avós, menor ansiedade sentida perante a subescala “Medo de Pessoas Idosas”.

Por sua vez, na subescala “Preocupações Psicológicas”, destaca-se mais uma vez o facto de o modelo ser significativo ($F_{(3, 154)} = 2.734, p = .046$), o que à partida pressuponha a existência de pelo menos uma característica da relação com os avós que explicasse significativamente esta vertente, porém o que se denota é que individualmente nenhuma variável parece explicar a variável em estudo. Adicionalmente, ao analisar os resultados, o modelo mostra que apenas 3.2% da variação das “Preocupações Psicológicas” é explicada por estas variáveis ($R^2 = .032$) (Quadro 4.9.).

Quadro 4.9. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar o Medo de Pessoas Idosas e Preocupações Psicológicas

Variáveis explicativas	Medo de Pessoas Idosas	Preocupações Psicológicas
	Beta	Beta
Idade	-.101	---
Identidade Familiar	-.212*	-.151
Autorrevelação	-.261**	-.105
Saliência de Idade	-.018	.038
$R^2_{ajustado} =$.163***	.032*
	$F(4, 153) = 8.625$	$F(3, 154) = 2.734$

Nota. O tracejado significa que para aquela variável dependente a variável sociodemográfica não revelou efeitos significativos.

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Não foram encontrados efeitos destas variáveis para a variável “Aparência Física” nem “Medo de Perdas” (Anexo E).

4.13. Mediações entre as variáveis

Por forma a testar a Hipótese 5, explorou-se um conjunto de modelos de mediação para compreender se a ansiedade face ao envelhecimento, tem capacidade para mediar a relação entre as facetas específicas da relação com os avós (variável independente) e as variáveis referentes ao idadismo (variável dependente). Assim, testou-se as mediações apenas nos casos em que existiam correlações significativas entre a variável mediadora (i.e., dimensões da ansiedade face ao envelhecimento), com a variável independente (i.e., dimensões da relação com os avós) e a variável dependente (i.e., dimensões de idadismo). Esta análise apenas permitiu identificar a existência de relações de mediação significativas para as dimensões “Medo de Pessoas Idosas” e “Preocupações Psicológicas” pertencentes ao construto “Ansiedade face ao Envelhecimento”. Por uma questão de parcimónia na apresentação dos resultados, reportou-se aqui apenas os modelos mais explicativos, sendo possível consultar as restantes análises realizadas no anexo (Anexo F). Elas apresentam resultados consistentes e na direção esperada, revelando a existência de um efeito de mediação de algumas dimensões da ansiedade face ao próprio envelhecimento entre as características da relação com os avós e o idadismo, no sentido em que uma relação no geral mais positiva com os avós se associa a menores níveis de idadismo face às outras pessoas idosas e este efeito é parcialmente mediado (ou em alguns casos totalmente explicado) pela ansiedade percebida em relação ao próprio envelhecimento.

4.13.1. O medo de pessoas idosas medeia a relação entre a identidade familiar e a emoção admiração

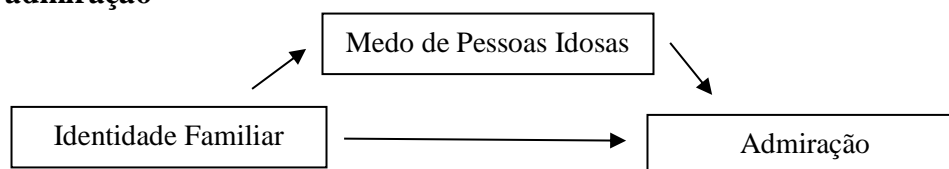


Figura 4.8. Efeito da Identidade Familiar na emoção Admiração mediado pelo Medo de Pessoas Idosas

No que diz respeito à adequabilidade deste modelo, é possível depreender que este é significativo ($F_{(2, 155)} = 22.852, p < .001$) e que explica 22.8% ($R^2 = .228$) da variação da emoção “Admiração” (Quadro 4.10.).

Neste sentido, a identidade familiar tem um efeito negativo e significativo na vertente “medo de pessoas idosas”, o que indica que quanto maior a identidade familiar compartilhada com os avós, menor a ansiedade que estes experienciam face a esta subescala ($B = -.627, t = -4.569, p < .001$). Para além disso, o medo de pessoas idosas também apresenta ter um efeito negativo e significativo sobre esta emoção, apontando que menor ansiedade nesta dimensão, propícia nos jovens adultos mais sentimentos de admiração para com as pessoas idosas ($B = -.347, t = -2.975, p = .003$).

No seguimento, segundo Baron e Kenny (1986), estes dados seriam suficientes para confirmar a presença de mediação, dado que o efeito da variável independente (identidade familiar) na mediadora (medo de pessoas idosas) é significativo, e por sua vez a variável mediadora exerce um efeito significativo na variável dependente (admiração) (Figura 4.8.).

Porém, outros autores, entre eles Hayes (2012), criticaram o facto de os passos formulados pelos autores supramencionados não permitirem testar diretamente o efeito indireto. Deste modo, para além de se ter testado o efeito da variável independente na mediadora (a) e da mediadora na variável dependente (b), testou-se ainda o efeito da variável independente na variável dependente (c’), tendo-se verificado um efeito direto positivo e significativo, que realça que quanto maior a identidade familiar compartilhada com os avós, maior a admiração dos jovens face às pessoas idosas ($B = .995, t = 4.679, p < .001$).

Para além disso, importa testar o efeito indireto (a*b), que neste caso é positivo e significativo ($B = .217, 95\% \text{ Boot IC} = .063, .501$), o que confirma então a existência de mediação, que neste caso é tida como parcial, uma vez que regista um valor inferior ao do efeito total que é positivo e significativo ($B = 1.212, t = 5.924, p < .001$).

Em suma, a identidade familiar tem um efeito direto na admiração, para além de que este efeito é ainda mediado pelo medo de pessoas idosas.

Quadro 4.10. Resultados de regressão na relação entre a Identidade Familiar e a emoção Admiração mediado pelo Medo de Pessoas Idosas

Variáveis predictoras	Medo de Pessoas Idosas		Admiração	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			.080	0.965
Identidade Familiar			1.212***	0.205
<i>Efeito direto</i>				
Constante	4.947***	0.647	1.796	1.105
Identidade Familiar	-.627***	0.137	.995***	0.213

Medo de Pessoas Idosas		-0.347**	0.117
<i>Efeito indireto</i>			
<i>Coef.</i>	<i>Erro-padrão</i>	95% Bootstrap IC	
.217	0.112	.063	.501
$R^2_{\text{ajustado}} =$.118***	.228***
		F (1, 156) = 20.873	F (2, 155) = 22.852

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

4.13.2. O medo de pessoas idosas medeia a relação entre a autorrevelação e a emoção admiração

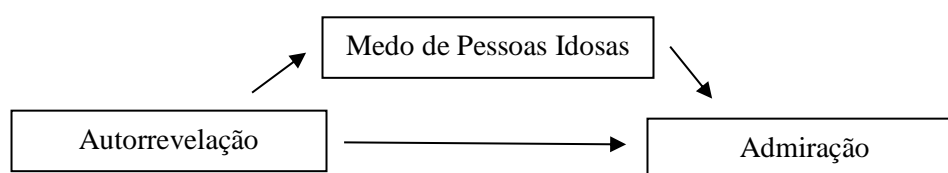


Figura 4.9. Efeito da Autorrevelação na emoção Admiração mediado pelo Medo de Pessoas Idosas

Tendo em consideração os resultados obtidos com este modelo (Quadro 4.11.), é possível constatar que o mesmo é significativo ($F_{(2, 155)} = 18.392, p < .001$) e que explica 19.2% ($R^2 = .192$) da variação da emoção “Admiração”.

No seguimento, a autorrevelação apresenta um efeito negativo e significativo no medo de pessoas idosas, indicando que uma maior autorrevelação entre avós e netos, proporciona menor ansiedade face a esta dimensão ($B = -.338, t = -4.882, p < .001$). Como também se apura que o medo de pessoas idosas tem um efeito negativo e significativo nesta emoção, o que por sua vez revela que menor ansiedade em relação a esta dimensão, possibilita aos jovens adultos ter mais sentimentos de admiração face às pessoas idosas ($B = -.370, t = -3.078, p = .002$).

Para além disso, a autorrevelação também tem um efeito direto e significativo sobre a admiração, mostrando que mais uma vez que uma maior autorrevelação conduz a que os jovens adquiram mais sentimentos de admiração pelas pessoas idosas ($B = .418, t = 3.746, p < .001$). Particularmente importante, é testar o efeito indireto, que neste caso é positivo e significativo ($B = .125, 95\% \text{ Boot IC} = .029, .280$), o que confere a existência então de mediação, que neste caso é tida como parcial, já que regista um valor inferior ao do efeito total que é positivo e significativo ($B = .543, t = 5.089, p < .001$).

Em suma, a autorrevelação tem um efeito direto na emoção admiração, para além de que este efeito é ainda mediado pela subescala medo de pessoas idosas (Figura 4.9.).

Quadro 4.11. Resultados de regressão na relação entre a Autorrevelação e a emoção Admiração mediado pelo Medo de Pessoas Idosas

Variáveis predictoras	Medo de Pessoas Idosas		Admiração	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			3.891***	0.382
Autorrevelação			.543***	0.107
<i>Efeito direto</i>				
Constante	3.175***	0.248	5.066***	0.533
Autorrevelação	-.338***	0.069	.418***	0.112
Medo de Pessoas Idosas			-.370**	0.120
<i>Efeito indireto</i>				
	<i>Coef.</i>	<i>Erro-padrão</i>	95% Bootstrap IC	
	.125	0.065	.029	.280
	$R^2_{ajustado} =$.133***	.192***
			F (1, 156) = 23.837	F (2, 155) = 18.392

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

4.13.3. As preocupações psicológicas medeiam a relação entre a identidade familiar e a percepção de competência

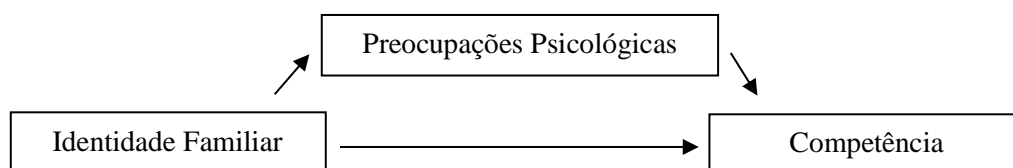


Figura 4.10. Efeito da Identidade Familiar na percepção de Competência mediado pelas Preocupações Psicológicas

Relativamente à adequabilidade do modelo, verifica-se que este é significativo ($F_{(2, 155)} = 9.977, p < .001$) e que explica 11.4% ($R^2 = .114$) da variação da percepção de competência (Quadro 4.12.).

Neste sentido, apura-se que a identidade familiar apresenta um efeito negativo e significativo quanto à dimensão preocupações psicológicas, o que revela que uma maior identidade familiar com os avós, leva os jovens a terem menos ansiedade em relação à subescala das preocupações psicológicas ($B = -.264, t = -2.538, p = .012$). Além disso, a mediadora também tem um efeito negativo e significativo sobre a percepção de competência, indicando que os jovens tendem a considerar as pessoas idosas mais competentes ao apresentarem menor ansiedade face a esta vertente ($B = -.376, t = -2.496, p = .014$).

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

Para além disso, também se observa um efeito direto e significativo entre a identidade familiar e a perceção de competência, o que revela novamente que quanto maior a identidade familiar compartilhada com os avós, mais competentes os jovens consideram as pessoas idosas ($B = .627$, $t = 3.134$, $p = .002$). Como supramencionado, é relevante ter em atenção o efeito indireto, que neste caso é positivo e significativo ($B = .099$, 95% Boot IC = .015, .276), o que confirma a existência então de mediação, que neste caso é considerada parcial, uma vez que regista um valor inferior ao do efeito total que é positivo e significativo ($B = .726$, $t = 3.644$, $p < .001$).

Em suma, a identidade familiar tem um efeito direto na perceção de competência, para além de que este efeito é ainda mediado pela subescala preocupações psicológicas (Figura 4.10.).

Quadro 4.12. Resultados de regressão na relação entre a Identidade Familiar e a perceção de Competência mediado pelas Preocupações Psicológicas

Variáveis predictoras	Preocupações Psicológicas		Competência	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			1.890*	0.940
Identidade Familiar			.726***	0.199
<i>Efeito direto</i>				
Constante	3.369***	0.491	3.157**	1.055
Identidade Familiar	-.264*	0.104	.627**	0.200
Preocupações Psicológicas			-.376*	0.151
<i>Efeito indireto</i>				
	<i>Coef.</i>	<i>Erro-padrão</i>	<i>95% Bootstrap IC</i>	
	.099	0.063	.015	.276
	$R^2_{ajustado} =$.040*	.114***
			F (1, 156) = 6.443	F (2, 155) = 9.977

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

4.13.4. As preocupações psicológicas medeiam a relação entre a autorrevelação e a emoção pena

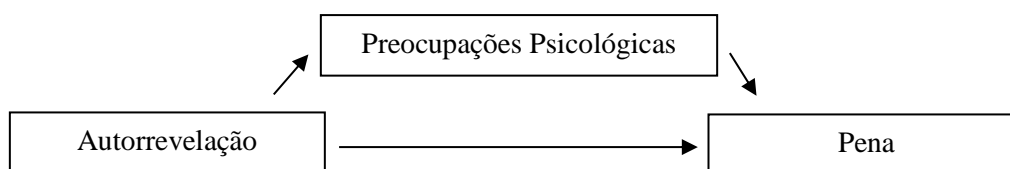


Figura 4.11. Efeito da Autorrevelação na emoção Pena mediado pelas Preocupações Psicológicas

Em relação à adequabilidade do modelo, é possível observar que este é significativo ($F_{(2, 155)} = 10.930, p < .001$) e que explica 12.4% ($R^2 = .124$) da variação da emoção “Pena” (Quadro 4.13.).

Face aos resultados deste modelo, apura-se que a autorrevelação apresenta um efeito negativo e significativo face às preocupações psicológicas, o que indica que uma maior autorrevelação entre avós e netos, pode levar a menor ansiedade face a esta subescala ($B = -.119, t = -2.230, p = .027$). Para além disso, encontra-se um efeito positivo e significativo entre as preocupações psicológicas e a emoção “pena”, salientando que quanto menor a ansiedade sentida face à subescala preocupações psicológicas, menos pena os jovens demonstram em relação às pessoas idosas ($B = .697, t = 3.304, p = .001$)

No seguimento, foi possível apurar também que a autorrevelação tem um efeito direto e significativo face a esta emoção ($B = -.381, t = -2.676, p = .008$), demonstrando mais uma vez o poder exercido da autorrevelação entre avós e netos, o que leva a que os jovens sintam menos pena em relação às pessoas idosas. Por sua vez, importa realçar que o efeito indireto é negativo e significativo ($B = -.083, 95\% \text{ Boot IC} = -.210, -.009$), o que confirma a existência de mediação, que neste caso é tida como parcial, pelo facto de apresentar um valor inferior ao do efeito total que é positivo e significativo ($B = -.464, t = -3.208, p = .002$).

Em suma, a autorrevelação tem um efeito direto na emoção pena, para além de que este efeito é ainda mediado pela subescala preocupações psicológicas (Figura 4.11.).

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

Quadro 4.13. Resultados de regressão na relação entre a Autorrevelação e a emoção Pena mediado pelas Preocupações Psicológicas

Variáveis predictoras	Preocupações Psicológicas		Pena	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			4.493***	0.517
Autorrevelação			-.464**	0.145
<i>Efeito direto</i>				
Constante	2.540***	0.190	2.722***	0.734
Autorrevelação	-.119*	0.053	-.381**	0.142
Preocupações Psicológicas			.697**	0.211
<i>Efeito indireto</i>				
	<i>Coef.</i>	<i>Erro-padrão</i>	95% Bootstrap IC	
	-.083	0.049	-0.210	-.009
	$R^2_{ajustado} =$.031*	.124***
			F (1, 156) = 4.974	F (2, 155) = 10.930

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

V. Discussão

O presente estudo pretendeu aferir, pela primeira vez, no contexto português, de que forma a relação entre os jovens adultos e os seus avós não só influencia o idadismo face às pessoas idosas no geral, como também influi na ansiedade face ao envelhecimento.

Mais concretamente, analisaram-se os efeitos da quantidade e qualidade do contacto e das características da relação com os avós sobre as variáveis correspondentes ao idadismo (i.e., percepção de competência e afetuosidade, indicadores de estereótipos positivos e negativos e as emoções relativas às pessoas idosas, neste caso a admiração e a pena), bem como sobre as vertentes pertencentes à ansiedade face ao envelhecimento (i.e., medo de pessoas idosas, preocupações psicológicas, aparência física e medo de perdas).

Iniciando pelo efeito do contacto intergrupar na redução do preconceito, diversas investigações têm sugerido que a primeira variável possibilita o aumento das atitudes positivas face às pessoas idosas, o que por sua vez resulta na diminuição do preconceito (e.g., Christian et al., 2014). Neste sentido, a teoria de contacto de Allport (1954) constatou que o contacto *per se* não era promissor da aquisição de resultados positivos. Pelo contrário, para que possa existir a diminuição do preconceito devem estar presentes certas condições, nomeadamente a incorporação de medidas de contacto que engloba tanto a quantidade, como a qualidade do contacto (Bousfield & Hutchison, 2010). Estas condições encontram-se presentes na relação entre os avós e os netos, o que pode conduzir ao desenvolvimento de atitudes mais positivas face às pessoas idosas (Soliz & Harwood, 2003).

Decorrente, a nossa hipótese 1 pretendia verificar se a quantidade e qualidade do contacto com os avós estavam associadas a menores níveis de idadismo face às pessoas idosas, o que apenas se confirmou parcialmente, já que a quantidade e qualidade do contacto com os avós apenas estão associadas a algumas componentes do preconceito etário.

De um modo mais concreto, a hipótese específica 1a apenas se revelou parcialmente sustentada. Esta hipótese especificava que a quantidade e qualidade do contacto com avós deveria estar relacionada com maiores percepções de competência e afetuosidade, maiores níveis de estereótipos positivos, bem como um aumento da emoção “admiração”, para além de levar a menores níveis de estereótipos negativos e uma diminuição na emoção “pena”. Assim, na presente investigação, as medidas de qualidade de contacto apenas revelaram efeitos significativos sobre a percepção de afetuosidade e sobre o aumento da emoção “admiração”, enquanto que as medidas associadas à quantidade de contacto apenas exerceram efeitos sobre a diminuição da emoção “pena”. Através destes resultados, salienta-se a qualidade do contacto enquanto tendo impacto num maior número de variáveis associadas ao idadismo, o que vai ao

encontro de diversos estudos que aferem a qualidade do contacto como mais relevante do que a quantidade de contacto, considerando-a como a condição essencial sob a qual as atitudes positivas se desenvolvem (Allan & Johnson, 2009; Bousfield & Hutchison, 2010; Schwartz & Simmons, 2001).

Especificamente, os resultados da presente investigação revelaram que quanto maior a qualidade do contacto com os avós, maior a percepção das pessoas idosas como sendo mais afetuosas. Assim, denota-se um efeito da qualidade do contacto sobre uma das vertentes do Modelo do Conteúdo Estereotípico (Fiske et al., 2002), contudo o mesmo efeito não foi verificado no que consta à variável competência, que completa o modelo. Isto poderá indicar que, para além das medidas de contacto, outro fator possa estar na base desta disparidade, o que implica que os resultados devam ser alvo de estudos futuros.

Por sua vez, e como referido anteriormente, não se observaram efeitos significativos para os indicadores de estereótipos negativos. Assim, para além dessa ausência de resultados se poder dever à forma de mediação utilizada (que recorre a apenas um item para medir tanto a frequência quanto a qualidade do contacto), uma outra explicação relacionada com a ausência de efeitos para os estereótipos negativos poderá estar articulada com o facto de os jovens adultos se manterem neutros na atribuição dos traços negativos (i.e., doentes e dependentes), visto que pode ser inadequado estereotipar negativamente as pessoas idosas, indo ao encontro do que se considera ser a desejabilidade social, onde existe a tendência de dar respostas socialmente aceitáveis. Por outro lado, no que diz respeito aos estereótipos positivos verifica-se que este apenas teve um efeito da variável sociodemográfica “Habilitações Literárias”, o que poderá ser explicado recorrendo ao conhecimento de envelhecimento, aferindo que um melhor conhecimento é preditivo de atitudes mais positivas em relação às pessoas idosas (Allan & Johnson, 2009). Neste sentido, quanto mais habilitações os jovens adultos possuem, maior a atribuição de estereótipos positivos em relação às pessoas idosas. Mais uma vez, a inexistência de efeitos da quantidade e qualidade do contacto neste indicador poderá estar relacionada com a metodologia empregue na presente investigação.

Finalmente, às dimensões de competência e afetuosidade correspondem determinadas emoções que podemos ter em relação a um grupo social. Segundo a literatura (Cuddy et al., 2005; Fiske et al., 2002), as emoções correspondentes ao grupo das pessoas idosas são a admiração e a pena. Os dados do presente estudo vão ao encontro do descrito na investigação, verificando-se que os jovens sentem admiração e pena pelas pessoas idosas. De acordo com os modelos efetuados, observou-se que a qualidade do contacto com os avós está associada a maior

admiração por parte dos jovens adultos, enquanto a quantidade do contacto prediz uma diminuição na pena.

Ainda relativamente ao idadismo, a literatura sugere que facetas específicas da relação com os avós estão articuladas a atitudes mais positivas em relação às pessoas idosas (Harwood et al., 2005; Soliz & Harwood, 2006). A análise dos resultados possibilitou verificar parcialmente a hipótese 2, refletindo que as características da relação com os avós estão associadas apenas a alguns componentes de idadismo face às pessoas idosas. Mais especificamente, a hipótese 2a previa que uma maior identidade familiar, maior autorrevelação e menor saliência de idade deveriam estar associadas a maiores perceções de competência e afetuosidade, mais estereótipos positivos, assim como um aumento da emoção “admiração”, enquanto estariam relacionadas a menores níveis de estereótipos negativos e uma diminuição na emoção “pena”.

Partindo deste ponto, é possível constatar através das análises efetuadas que apenas a identidade familiar e a autorrevelação originaram resultados para a perceção de competência e afetuosidade, estereótipos positivos e para as emoções “admiração” e “pena”, o que leva a que esta hipótese seja parcialmente sustentada. Tal como no estudo de Soliz e Harwood (2006), a saliência de idade não apresentou efeitos nas variáveis relativas ao idadismo, o que determina a necessidade de uma investigação mais aprofundada.

Apesar de terem sobressaído duas grandes dimensões, é, no entanto, a identidade familiar a que mais influencia as atitudes dos jovens em relação à população idosa, tendo em conta que esta variável está articulada ao facto de todos os membros compartilharem uma identidade coletiva comum que origina um forte vínculo, gerando, por sua vez, interações positivas que são essenciais para impedir atitudes idadistas e aumentar as atitudes positivas face às pessoas idosas (Soliz & Harwood, 2006). Seguindo este prisma, os resultados do presente estudo mostraram que quanto maior a identidade familiar partilhada com os avós, mais os jovens adultos percecionam as pessoas idosas como mais competentes e afetuosas.

No entanto, não se pode descurar a importância atribuída à autorrevelação, na medida em que estudos (Drury et al., 2016; Harwood et al., 2005) encontraram na sua essência efeitos positivos resultantes de uma partilha de informação mais íntima e pessoal, que pode ser fundamental para propiciar mudança de atitudes mais positivas em relação às pessoas idosas, diminuindo desta forma as atitudes idadistas. Neste sentido, os resultados expressos neste estudo vão ao encontro da fundamentação teórica (Anderson et al., 2005; Harwood et al., 2005), uma vez que revelaram que níveis elevados de autorrevelação entre os jovens adultos e seus avós conduzem a maior perceção de competência e afetuosidade nas pessoas idosas.

Nesta perspetiva, os resultados gerados pela identidade familiar e pela autorrevelação podem dissipar um pouco a noção de que as pessoas idosas apenas são vistas como mais afetuosas e menos competentes, segundo o Modelo de Conteúdo Estereotípico (Fiske et al., 2002). Deste modo, parece que estas características familiares conduzem a que a uma perceção dos seus avós, enquanto detentores de características positivas, se traduzem numa maior perceção de competência e afetuosidade, e que, por sua vez, acabam por serem generalizáveis à globalidade das pessoas idosas.

Em termos dos estereótipos positivos, apenas a identidade familiar apresentou efeitos sobre este indicador, demonstrando mais uma vez a clara influência que esta variável tem sobre as atitudes positivas face às pessoas idosas (Soliz & Harwood, 2006), pois a identidade familiar com os avós resultou na atribuição de mais estereótipos positivos face às pessoas idosas. Além disso, existe fundamento para constatar que a relação positiva com os avós facilita a mudança de estereótipos (Pecchioni & Croghan, 2002), porém os resultados deste estudo verificaram que esta relação não foi capaz de diminuir os estereótipos negativos. Uma possível explicação poderá dever-se mais uma vez às respostas neutras dos participantes a este indicador, por considerarem socialmente inadequado estereotipar o grupo das pessoas idosas de forma negativa.

Ainda referente a esta hipótese, ao verificar que as características dos avós forneceram uma maior perceção de competência e afetuosidade, está patente em maior grau a emoção “admiração”, sendo isto comprovado no estudo de Fiske et al. (2002). Os resultados do presente estudo revelam que quanto maior a identidade familiar e a autorrevelação com os avós, mais admiração os jovens sentem para com o grupo das pessoas idosas, enquanto, para a emoção “pena” era expectável uma diminuição. Dado o modelo no geral ser estatisticamente significativo, à partida considerar-se-ia que alguma variável fosse mais proeminente do que a outra, contudo individualmente nenhuma se revelou significativa.

Num outro cenário, os estudos desenvolvidos por Allan e Johnson (2009) e Brunton e Scott (2015) postularam que o contacto positivo com pessoas idosas estava conectado com menores níveis de ansiedade face ao próprio envelhecimento, sendo isto consistente para a maioria das vertentes da ansiedade face ao envelhecimento, à exceção do medo de perdas, o que é coerente, uma vez que uma maior ligação com indivíduos de referência pode desencadear num medo de perdê-los no futuro.

De um modo geral, a hipótese 3 permitiu verificar parcialmente que a quantidade e qualidade do contacto com os avós estava associada a menores níveis de ansiedade face ao envelhecimento. Mais especificamente, a hipótese 3a pretendia averiguar se as medidas de

contacto levariam a menores níveis de ansiedade para o medo de pessoas idosas, preocupações psicológicas e aparência física, à exceção do medo de perdas que poderia estar associado a maior ansiedade. Face à informação exposta, estes resultados confirmaram parcialmente esta hipótese, já que apenas se verificou um efeito significativo do modelo no caso da variável “Medo de Pessoas Idosas”, embora não se pudesse identificar em concreto qual a variável com maior influência. Reforçando, o facto de os resultados associados à dimensão do contacto não irem ao encontro da literatura (Allan & Johnson, 2009; Brunton & Scott, 2015), poder-se-á dever à metodologia utilizada que restringe a mediação das medidas de contacto a apenas um item.

A hipótese 4 centrava-se na averiguação da associação entre as características da relação com os avós e os níveis de ansiedade face ao envelhecimento, tendo sido parcialmente confirmada. Mais concretamente, a hipótese 4a pretendia constatar que a identidade familiar, a autorrevelação e menor saliência de idade estariam associadas a menores níveis de ansiedade para a maioria das suas dimensões, à exceção do medo de perdas. Contudo, os resultados levaram apenas parcialmente à confirmação desta hipótese.

Principalmente a autorrevelação, mas também a identidade familiar apresentam influência na ansiedade face ao envelhecimento, nomeadamente na dimensão “Medo de Pessoas Idosas”, indicando que quanto maior a partilha de informação pessoal e íntima entre avós e netos e maior a identidade familiar partilhada entre ambos, menor a ansiedade face a esta dimensão. Relativamente às “Preocupações Psicológicas”, apesar do modelo indicar um efeito significativo, não foi possível apurar as variáveis mais relevantes.

Com base na informação supramencionada, existem potenciais explicações que se assemelham tanto à hipótese 3a, como à hipótese 4a, para constatar a não total corroboração dos resultados da ansiedade face ao envelhecimento com a literatura. Denota-se que uma possível explicação pode estar ligada com o facto da escala da ansiedade face ao envelhecimento ainda não se encontrar validada para a população portuguesa, apesar de ter sido realizada uma tradução da mesma por juizes independentes, e de seguida uma retrotradução da versão acordada, com o intuito de verificar semelhanças com a versão original. Isto pode indicar que alguns itens, que são adequados para a população americana, possam não o ser para o contexto nacional, daí ser necessário validar esta escala de forma a obter resultados mais aprimorados. Além disso, outra explicação pode estar relacionada com o facto dos jovens, por se encontrarem distantes desta etapa, ainda não estarem preocupados com as consequências do seu próprio envelhecimento (McGuinn & Mosher-Ashley, 2002).

Por último, e de forma geral, a hipótese 5 pretendia averiguar se a ansiedade face ao envelhecimento mediava a relação entre as características dos avós e as variáveis referentes ao idadismo. Esta hipótese foi parcialmente confirmada, dado que as únicas facetas da ansiedade face ao envelhecimento que revelaram efeitos foram o “Medo de Pessoas Idosas” e “Preocupações Psicológicas”.

De acordo com a literatura, alguns estudos têm sugerido o potencial que a ansiedade face ao envelhecimento pode ter enquanto mediadora entre o contacto intergeracional, onde se inclui a relação entre avós e netos, e atitudes em relação às pessoas idosas no geral (e.g., Allan & Johnson, 2009). Deste modo, as análises de mediações realizadas neste estudo vieram comprovar novamente a importância que os avós têm para modificar as perceções dos netos em relação às pessoas idosas, quer seja de forma direta, quer sob a forma de mediação, ou seja, os jovens que têm maior relação com os avós podem tender a ser menos ansiosos, e por sua vez esta redução na ansiedade pode levar à diminuição das atitudes negativas face às pessoas idosas. No entanto, mais investigações são necessárias para determinar que características da relação com os avós afetam mais o nível de ansiedade.

5.1. Limitações do presente estudo e Sugestões futuras

Apesar dos resultados obtidos terem ido parcialmente ao encontro dos objetivos alusivos ao presente estudo, é possível constatar a existência de algumas limitações que são importantes de referir.

Neste sentido, umas das principais limitações que eventualmente poderá ter interferido com os resultados refere-se ao facto de algumas escalas utilizadas, nomeadamente as escalas referentes aos avós *Grandparent Relationship Questionnaire* (Soliz & Harwood, 2006) e a escala relacionada com a ansiedade face ao envelhecimento *Anxiety about Aging Scale* (Lasher & Faulkender, 1993 citados por Sargent-Cox et al., 2014) ainda não se encontrarem validadas para a população portuguesa, o que poderá indicar carência de alguma validade e/ou fidelidade. Principalmente, no que se refere a esta última escala, visto que foi empregue pela primeira vez, no contexto português, e que aquando a realização da Análise de Componentes Principais, não originou os quatro fatores expectáveis, o que indica a necessidade de algum aprofundamento.

Outra possível limitação poderá estar relacionada com a desejabilidade social, uma vez que este estudo, ao tratar de um tema ainda muito presente na sociedade portuguesa (Marques, 2011), poderá ter conduzido os participantes a responderem de forma neutra no que concerne às perguntas respeitantes às pessoas idosas. Deste modo, uma forma de evitar este acontecimento é através da utilização de testes de associação implícita, como é o caso do IAT

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

(Babcock et al., 2016), que oferecem um método adequado para medir estereótipos ou preconceitos automáticos que os indivíduos podem não indicar nas medidas explícitas.

Por outro lado, apesar de se terem evidenciado resultados interessantes, outros não foram totalmente ao encontro do que seria previsto. Neste sentido, investigações futuras devem-se concentrar em novas formas de melhorar esta investigação, de forma a que se verifiquem resultados mais relevantes tanto para a área do idadismo, bem como para a ansiedade face ao próprio envelhecimento. Para tal, em primeiro lugar, as escalas mencionadas anteriormente deverão ser validadas para a população portuguesa.

Tendo em consideração que a própria investigação salientou o facto de crianças com apenas 9 anos apresentarem já medos moderados relativamente à ansiedade face ao próprio envelhecimento (McGuinn & Mosher-Ashley, 2002), seria interessante que estudos futuros replicassem a presente investigação numa população de crianças, bem como de adolescentes, de modo a averiguar se a relação com os avós tem influência sobre as atitudes em relação às pessoas idosas, assim como na ansiedade face ao envelhecimento, por forma a observar se serão encontrados os mesmos padrões de comportamento, i.e., se mantêm ou diferem os resultados consoante a amostra em análise.

Por último, uma variável que não foi incluída neste estudo, mas que provavelmente pode ter impacto nos resultados em relação a estes dois conceitos, é a saúde percebida dos avós (Soliz & Harwood, 2006). Assim, seria adequado numa investigação futura incluir esta variável e investigar se a mesma é capaz de alterar as atitudes em relação às pessoas idosas, bem como a ansiedade face ao próprio envelhecimento. Além disso, seria igualmente interessante verificar se o conhecimento sobre o envelhecimento que os jovens adultos adquirem na relação com os avós pode ter este mesmo papel.

Conclusão

A presente investigação pretendeu analisar em contexto português de que forma a relação dos jovens adultos com os seus avós influencia o idadismo e a ansiedade face ao próprio envelhecimento. Mais concretamente, quisemos verificar o efeito de determinadas variáveis, nomeadamente a frequência de contacto, qualidade do contacto, identidade familiar, autorrevelação e saliência de idade nestas duas grandes áreas. Para tal, este estudo recorreu a diferentes metodologias por forma a obter uma melhor representação destes conceitos. Neste sentido, o idadismo foi avaliado através da percepção de competência e afetuosidade (Fiske et al., 2002), estereótipos positivos e negativos (Marques et al., 2006) e emoções face às pessoas idosas (Cuddy et al., 2005; Fiske et al., 2002), enquanto a ansiedade foi avaliada tendo em conta as suas quatro vertentes, sendo estas o medo de pessoas idosas, preocupações psicológicas, aparência física e medo de perdas (Lasher & Faulkender, 1993 citados por Sargent-Cox et al., 2014).

No seguimento, este estudo seguiu em parte a linha de investigação desenvolvida pelos autores Soliz e Harwood (2006), que tal como eles pretendia compreender como o contacto intergeracional no contexto familiar está relacionado com atitudes mais positivas em relação às pessoas idosas, bem como ao próprio envelhecimento. Também teve em consideração a investigação de Harwood et al. (2005), na medida em que estes aferiram que o contacto com um membro do exogrupo, neste caso os avós, pode despoletar atitudes mais positivas em relação ao grupo todo, e ainda, o paradigma presente nos estudos de Allan e Johnson (2009) e Brunton e Scott (2015) que postularam que um contacto positivo quer com indivíduos de referência, quer com outros indivíduos, conduz a menores níveis de ansiedade face ao próprio envelhecimento.

Tendo por base este conhecimento, por um lado, era expectável que tanto as medidas de contacto, como as facetas específicas da relação com os avós estivessem associadas de forma mais concreta a maiores percepções de competência e afetuosidade, maiores níveis de estereótipos positivos, bem como a um aumento da emoção “admiração”, enquanto estivessem relacionadas com menores níveis de estereótipos negativos, e ainda uma diminuição face à emoção “pena”; por outro lado, era esperado que tanto as medidas de contacto, bem como as características da relação com os avós estivessem relacionadas a menores níveis de ansiedade para o medo de pessoas idosas, preocupações psicológicas e aparência física, à exceção do medo de perdas que poderia estar articulado com maior ansiedade.

Neste sentido, nem todos os resultados foram ao encontro do que era expectável, como é o caso da ansiedade face ao próprio envelhecimento, visto não se terem revelado grandes

efeitos. Porém, apenas a faceta específica da relação com os avós (i.e., identidade familiar e autorrevelação) está associada a menores níveis de ansiedade para a dimensão “Medo de Pessoas Idosas”. Apesar disto, foi possível alcançar resultados importantes, nomeadamente para a área do idadismo que confirma mais uma vez a importância que é dada à relação com os avós, uma vez que esta possibilita a modificação das percepções que os jovens têm relativamente às pessoas idosas.

Apesar do envelhecimento da população ser considerado umas das maiores conquistas da humanidade (Cabral et al., 2013), é possível constatar que este também transporta algumas consequências que são nefastas para os indivíduos, como é o caso da discriminação etária, sendo, no entanto, mais prevalente para as pessoas idosas. No seguimento, o idadismo está presente de forma bastante acentuada na nossa sociedade, uma vez que se encontra expandido por diversos domínios (Marques, 2011).

A acompanhar este preconceito, surge a ansiedade face ao envelhecimento que também se encontra associada a algumas consequências, sendo que a mais prejudicial passa por incrementar cada vez mais o aumento da discriminação contra as pessoas idosas (Bergman & Bodner, 2015). Isto resulta do facto de muitos indivíduos abordarem a última etapa do ciclo de vida com algum medo ou ansiedade, sobretudo os jovens adultos. Assim, uma tentativa de se distanciarem deste acontecimento passa pela atribuição de atitudes e comentários depreciativos para com a população idosa (Berger, 2017), o que evidencia que de facto não estão preparados para encararem o seu próprio envelhecimento. Contudo, a sociedade ao produzir este tipo de comentários está a descurar que a maior parte da população também irá pertencer a esta fase do desenvolvimento. Face ao exposto, este conceito não pode ser ignorado, na medida em que a população está continuamente a envelhecer.

Assim, torna-se necessário consciencializar a sociedade para estes fenómenos, através da exploração e propagação de ações e formações que permitam amplificar o conhecimento destes conceitos, possibilitando a redução de atitudes e comportamentos idadistas (Marques, 2011), e ainda conceber intervenções adequadas para reduzir a ansiedade face ao próprio envelhecimento. Por um lado, é essencial apostar em iniciativas que promovam um envelhecimento ativo e saudável, com o intuito de proporcionar à população idosa uma vivência de melhor qualidade e bem-estar, apostando numa sociedade inclusiva para todos (Dias et al., 2013); por outro lado, é importante delinear estratégias que respondam às necessidades dos jovens adultos no que concerne ao envelhecimento, por exemplo através de formações e programas educacionais que abordem o conhecimento que os jovens possuem do mesmo, bem como atendem aos receios específicos que podem gerar ansiedade. Neste sentido, estas

formações não só permitem o esclarecimento de questões acerca do envelhecimento e da ansiedade face ao próprio envelhecimento, como ainda contribuem para a supressão de atitudes idadistas (Barnett & Adams, 2018). Além de que também é crucial através destas formações conscientizar os jovens para a existência de leis que configuram os direitos dos indivíduos de todas as idades, incentivando-os à sua aplicação e garantia do seu cumprimento, tendo em consideração que esta forma de preconceito atenta contra os direitos humanos fundamentais (Marques, 2011).

Para além disso, a alteração das crenças idadistas também passa por fomentar abordagens intergeracionais junto de crianças e/ou jovens, com o intuito de modelar as expectativas que estes têm face à população idosa. Neste seguimento, estes dois fenómenos são influenciados de forma semelhante pelo contacto, pelo que se torna relevante fornecer cada vez mais oportunidades de contacto positivo que permitem não só aumentar as atitudes positivas em relação às pessoas idosas, como reduzir a ansiedade face ao próprio envelhecimento, através da troca positiva de conhecimentos e aprendizagens entre ambos (Sánchez, 2007).

Adicionalmente, este contacto positivo pode resultar da ligação entre os netos e seus avós, que como já vimos são essenciais para o desenvolvimento dos netos e também para modificar as perceções destes face às pessoas idosas. Deste modo, é fundamental cada um de nós dar cada vez mais valor aos nossos avós, de forma a que este vínculo possa ser difundido para o contacto com outras pessoas idosas com o intuito de estabelecer laços afetivos mais fortes.

Concluindo, e apesar de supramencionado, importa reforçar que nem todos os resultados obtidos foram ao encontro das hipóteses postuladas. Contudo, o presente estudo foi relevante, uma vez que se assumiu como mais um contributo para novos conhecimentos que poderão de certa forma aprimorar a investigação alusiva à área do idadismo e da ansiedade face ao envelhecimento em contexto português, de forma a diminuir a lacuna existente acerca destas duas temáticas, para que assim possam ser realizadas novas investigações em contexto nacional, com o intuito de contribuir para um conhecimento mais amplo.

Referências

- Abrams, D., Russel, P. S., Vauclair, C. M., & Swift, H. (Eds.) (2011). *Ageism in Europe and the UK: Findings from the European Social Survey* (1ª Ed.). Londres: Age UK.
- Abramson, A., & Silverstein, M. (2006). *Images of aging in America 2004* [PDF]. Retirado de https://assets.aarp.org/rgcenter/general/images_aging.pdf
- Allan, L. J., & Johnson, J. A. (2009). Undergraduate attitudes toward the elderly: The role of knowledge, contact and aging anxiety. *Educational Gerontology, 35*, 1 – 14. doi: 10.1080/03601270802299780
- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Cambridge, MA: Addison-Wesley.
- Amaro, R. (2012). *Avaliação da discriminação social de pessoas idosas na sub-região Cova da Beira* (Dissertação de Mestrado). Universidade da beira interior, Covilhã, Portugal.
- Anderson, K., Harwood, J., & Hummert, M. L. (2005). The grandparent–grandchild relationship: Implications for models of intergenerational communication. *Human Communication Research, 31*, 268 – 294.
- Awale, A., Chan, C. S., & Ho, G. T. (2019). The influence of perceived warmth and competence on realistic threat and willingness for intergroup contact. *European Journal of Social Psychology, 49*, 857 – 870.
- Ayalon, L., & Tesch-Römer, C. (2017). Taking a closer look at ageism: Self- and other-directed ageist attitudes and discrimination. *European Journal of Ageing, 14*, 1 – 4. doi: 10.1007/s10433-016-0409-9
- Babcock, R. L., MaloneBeach, E. E., & Woodworth-Hou, B. (2016). Intergenerational intervention to mitigate children’s bias against the elderly. *Journal of Intergenerational Relationships, 14*, 274 – 287. doi: 10.1080/15350770.2016.1229542
- Bales, S. S., Eklund, S. J., & Siffin, C. F. (2000). Children's perceptions of elders before and after a school-based intergenerational program. *Educational Gerontology, 26*, 677 – 689. doi: 10.1080/03601270050200662
- Barnett, M. D., & Adams, C. M. (2018). Ageism and aging anxiety among young adults: Relationships with contact, knowledge, fear of death, and optimism. *Educational Gerontology, 44*, 693 – 700. doi: 10.1080/03601277.2018.1537163
- Baron, R. M., & Kenny, D. A. (1986). The moderator - mediator variable distinction in social psychological research: Conceptual, strategic, and statistical considerations. *Journal of Personality and Social Psychology, 51*, 1173 – 1182.
- Bengtson, V. L., & Roberts, R. E. L. (1991). Intergenerational solidarity in aging families: An example of formal theory construction. *Journal of Marriage and the Family, 53*, 856 – 870.
- Berger, R. (2017). Aging in America: Ageism and general attitudes toward growing old and the elderly. *Open Journal of Social Sciences, 5*, 183 – 198.
- Bergman, Y. S., & Bodner, E. (2015). Ageist attitudes block young adults’ ability for compassion toward incapacitated older adults. *International Psychogeriatrics, 27*, 1541 – 1550.
- Bodner, E., Shrira, A., Bergman, Y. S., & Cohen-Fridel, S. (2015). Anxieties about aging and death and psychological distress: The protective role of emotional complexity. *Personality and Individual Differences, 83*, 91-96.

- Bojanić, I. B., & Nedić, T. (2015). Age consciousness – opening our minds to ageism. In I. B. Bojanić & M. Lulić (Eds.), *Contemporary legal and economic issues V* (pp. 485 – 499). Croácia: Josip Juraj Strossmayer University of Osijek, Law Faculty Osijek.
- Bornstein, M. H. (Ed.) (2018). *The SAGE Encyclopedia of Lifespan Human Development*. Thousand Oaks: SAGE Publications, Inc.
- Bousfield, C., & Hutchison, P. (2010). Contact, anxiety, and young people's attitudes and behavioral intentions towards the elderly. *Educational Gerontology, 36*, 451 – 466. doi: 10.1080/03601270903324362
- Bratt, C., Abrams, D., Swift, H. J., Vauclair, C. M., & Marques, S. (2018). Perceived age discrimination across age in Europe: From an ageing society to a society for all ages. *Developmental Psychology, 54*, 167 – 180.
- Brunton, R. J., & Scott, G. (2015). Do we fear ageing? A multidimensional approach to ageing anxiety. *Educational Gerontology, 41*, 786 – 799. doi: 10.1080/03601277.2015.1050870
- Cabral, M. V., & Ferreira, P. M. (2014). *O envelhecimento ativo em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Cabral, M. V., Ferreira, P. M., Silva, P. A., Jerónimo, P., & Marques, T. (2013). *Processos de Envelhecimento em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Caldeira, S. C. P. (2010). *Contacto intergeracional e bem-estar psicológico dos avós* (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida (ISPA), Lisboa, Portugal.
- Chonody, J. M., Webb, S. N., Ranzijn, R., & Bryan, J. (2014). Working with older adults: Predictors of attitudes towards ageing in psychology and social work students, faculty, and practitioners. *Australian Psychologist, 49*, 374 – 383. doi:10.1111/ap.12056
- Christian, J., Turner, R., Holt, N., Larkin, M., & Cotler, J. H. (2014). Does intergenerational contact reduce ageism? When and how contact interventions actually work? *Journal of Arts and Humanities, 3*, 1 – 15.
- Coelho, C. (2013). *Idades apartadas: Pensar o idadismo e a intergeracionalidade* [PDF]. Retirado de https://www.academia.edu/7884619/Idades_apartadas_pensar_o_idadismo_e_a_intergeracionalidade
- Cuddy, A. J. C., Norton, M. I., & Fiske, S. T. (2005). This old stereotype: The pervasiveness and persistence of the elderly stereotype. *Journal of Social Issues, 61*, 265 – 283.
- Cunha, B., & Matos, P. M. (2010, Fevereiro). *Relações intergeracionais: Significados de adolescentes sobre avós e idosos*. Comunicação apresentada no VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Minho, Portugal.
- d'Araújo, M. A., Alpuim, M., Rivero, C., & Marujo, H. A. (2015). Possibilidades para envelhecer positivamente: Um estudo de caso com base na psicologia positiva. *Revista E-Psi, 5*, 40 – 75.
- Dias, C. M. S. B., Hora, F. F. A., & Aguiar, A. G. S. (2010). Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. *Psicologia: Teoria e Prática, 12*, 188 – 199.

- Dias, D. S. G., Carvalho, C. S., & Araújo, C. V. (2013). Comparação da percepção subjetiva de qualidade de vida e bem-estar de idosos que vivem sozinhos, com a família e institucionalizados. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, *16*, 127 – 138.
- Drago, S., & Martins, R. (2012). A depressão no idoso. *Millenium*, *43*, 79 – 94.
- Drury, L., Hutchison, P., & Abrams, D. (2016). Direct and extended intergenerational contact and young people’s attitudes towards older adults. *British Journal of Social Psychology*, *55*, 522 – 543. doi: 10.1111/bjso.12146
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS* (3ª ed.). London: SAGE Publications Ltd.
- Fiske, S. T., Cuddy, A. J. C., Glick, P., & Xu, J. (2002). A model of (often mixed) stereotype content: Competence and warmth respectively follow from perceived status and competition. *Journal of Personality and Social Psychology*, *82*, 878 – 902. doi: 10.1037/0022-3514.82.6.878
- Fundo de População das Nações Unidas (2012). *Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio* [PDF]. Retirado de https://www.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/Portuguese-Exec-Summary_0.pdf
- Gaertner, S. L., Dovidio, J. F., Anastasio, P. A., Bachman, B. A., & Rust, M. C. (1993). The common ingroup identity model: Recategorization and the reduction of intergroup bias. *European Review of Social Psychology*, *4*, 1 – 26. doi: 10.1080/14792779343000004
- García, C. N., & Veja, C. V. (2013). Relaciones abuelos-nietos: Una aproximación al rol del abuelo. *Revista de Ciencias Sociales*, *41*, 464 – 482.
- Geurts, T., & van Tilburg, T. (2015). Grandparent–grandchild relationships. *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, *10*, 336 – 340. doi: 10.1016/B978-0-08-097086-8.23219-4
- Giles, H., & Ogay, T. (2007). Communication Accommodation Theory. In B. B. Whaley & W. Samter (Eds.), *Explaining communication: Contemporary theories and exemplars* (pp. 293 – 310). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Glaser, K., Price, D., Montserrat, E. R., di Gessa, G., & Tinker, A. (2013). *A prestação de cuidados pelos avós na Europa: As políticas familiares e o papel dos avós na prestação de cuidados infantis*. London: Grandparents plus.
- Grefe, D. (2011). Combating ageism with narrative and intergroup contact: Possibilities of intergenerational connections. *Pastoral Psychology*, *60*, 99 – 105.
- Griggs, J., Tan, J. P., Buchanan, A., Attar-Schwartz, S., & Flouri, E. (2010). ‘They’ve always been there for me’: Grandparental involvement and child well-being. *Children & Society*, *24*, 200 – 214. doi: 10.1111/j.1099-0860.2009.00215.x
- Hagestad, G. O., & Uhlenberg, P. (2005). The social separation of old and young: A root of ageism. *Journal of Social Issues*, *61*, 343 – 360.
- Harwood, J. (2000a). Communication media use in the grandparent–grandchild relationship. *Journal of Communication*, *50*, 56 – 78.
- Harwood, J. (2000b). Communicative predictors of solidarity in the grandparent–grandchild relationship. *Journal of Social and Personal Relationships*, *17*, 743 – 766.
- Harwood, J., & Lin, M. C. (2000). Affiliation, pride, exchange, and distance in grandparents’ accounts of relationships with their College–aged grandchildren. *Journal of Communication*, *50*, 31 – 47.

- Harwood, J., Hewstone, M., Paolini, S., & Voci, A. (2005). Grandparent-grandchild contact and attitudes toward older adults: Moderator and mediator effects. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 31, 393 – 406. doi: 10.1177/0146167204271577
- Harwood, J., Raman, P., & Hewstone, M. (2006). The family and communication dynamics of group salience. *The Journal of Family Communication*, 6, 181 – 200. doi: 10.1207/s15327698jfc0603_2
- Hayes, A. F. (2012). *Process: A versatile computational tool for observed variable mediation, moderation, and conditional process modeling* [PDF]. Retirado de <http://www.afhayes.com/public/process2012.pdf>.
- Holladay, S. J., & Seipke, H. L. (2007). Communication between grandparents and grandchildren in geographically separated relationships. *Communication Studies*, 58, 281 – 297. doi: 10.1080/10510970701518371
- Instituto Nacional de Estatística (2002). *O envelhecimento em Portugal* [PDF]. Retirado de <http://www.app.com.pt/wp-content/uploads/2019/03/Envelhecimento-1.pdf>
- Instituto Nacional de Estatística (2012). *Censos 2011 Resultados Definitivos – Portugal* [PDF]. Retirado de https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_de_t&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=73212469&PUBLICACOESmodo=2&seITab=tab1&pcensos=61969554
- Instituto Nacional de Estatística (2017). *Projeções de População Residente: 2015 – 2080* [PDF]. Retirado de https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=289229688&att_display=n&att_download=y
- Kahrel, L. D. (2016). *A idade importa? Perceções das crianças face a pessoas jovens e idosas* (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE – IUL), Lisboa, Portugal.
- Kennison, S. M., & Ponce-Garcia, E. (2012). The role of childhood relationships with older adults in reducing risk-taking by young adults. *Journal of Intergenerational Relationships*, 10, 22 – 33. doi: 10.1080/15350770.2012.645739
- Kite, M. E., Stockdale, G. D., Whitley, B. E., & Johnson, B. T. (2005). Attitudes toward younger and older adults: An updated meta-analytic review. *Journal of Social Issues*, 61, 241 – 266.
- Levy, B. R. (2003). Mind matters: Cognitive and physical effects of aging self-stereotypes. *The Journals of Gerontology: Psychological Sciences and Social Sciences*, 58, 203 – 211.
- Levy, B. R., Slade, M. D., & Kasl, S. (2002). Longitudinal benefit of positive self-perceptions of aging on functional health. *The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 57, 409 – 417. doi: 10.1093/geronb/57.5.P409
- Lin, M. C., & Harwood, J. (2003). Accommodation predictors of grandparent–grandchild relational solidarity in Taiwan. *Journal of Social and Personal Relationships*, 20, 537 – 563.
- Lisboa, A., Miguel, D., Cabral, F., Pereira, M., & Carvalho, T. (2018). Como percebem os netos a qualidade da relação com os avós. *Revista Eletrónica de Educação e Psicologia*, 9, 29 – 35.

- Lynch, S. M. (2000). Measurement and prediction of aging anxiety. *Research on aging*, 22, 533 – 558.
- Mainetti, A. C., & Wanderbroocke, A. C. N. S. (2013). Avós que assumem criação dos netos. *Pensando Famílias*, 17, 87-98.
- Mansson, D. H. (2013). College students' mental health and their received affection from their grandparents. *Communication Research Reports*, 30, 157 – 168. doi: 10.1080/08824096.2012.763028
- Mansson, D. H. (2014). Grandparents' expressed affection for their grandchildren: Examining the grandparents' own psychological health. *Communication Research Reports*, 31, 329 – 338.
- Mansson, D. H. (2016). The joy of grandparenting: A qualitative analysis of grandparents. *Journal of Intergenerational Relationships*, 14, 135 – 145. doi: 10.1080/15350770.2016.1160738
- Mansson, D. H., & Booth-Butterfield, M. (2011). Grandparents' expressions of affection for their grandchildren: Examining grandchildren's relational attitudes and behaviors. *Southern Communication Journal*, 76, 424 – 442. doi: 10.1080/1041794x.2010.508554
- Mansson, D. H., Floyd, K., & Soliz, J. (2017). Affectionate communication is associated with emotional and relational resources in the grandparent-grandchild relationship. *Journal of Intergenerational Relationships*, 15, 85 – 103. doi: 10.1080/15350770.2017.1294007
- Marques, S. (2011). *Discriminação da Terceira Idade*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Marques, S., Batista, M., & Silva, P. A. (2012). A promoção do envelhecimento ativo em Portugal: Preditores da aceitação de um chefe mais velho. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 2, 53 – 73.
- Marques, S., Lima, M. L., & Novo, R. (2006). Traços estereotípicos associado a pessoas jovens e idosas em Portugal. *Laboratório de Psicologia*, 4, 91 – 108.
- Marques, S., Vauclair, C. M., Rodrigues, R., Mendonça, J., Gerardo, F., Cunha, F., Sena, C., & Leitão, E. (2015). *ImAGES – Programa de intervenção de promoção de imagens positivas de envelhecimento em crianças e adolescentes*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa & LEYA.
- Mateus, M. N., & Alves, T. (2018). Perceção dos idosos autónomos face ao seu próprio envelhecimento. *Revista de educação*, 10, 69 – 88.
- Mcconatha, J. T., Schnell, F., Volkwein, K., Riley, L., & Leach, E. (2003). Attitudes toward aging: a comparative analysis of young adults from the United States and Germany. *The International Journal of Aging and Human Development*, 57, 203 – 215. doi: 10.2190/K8Q8-5549-0Y4K-UGG0
- McGuinn, K. K., & Mosher-Ashley, P. M. (2002). Children's fears about personal aging. *Educational Gerontology*, 28, 561 – 575. doi: 10.1080/03601270290099769
- Nelson, T. D. (2005). Ageism: Prejudice against our feared future self. *Journal of Social Issues*, 61, 207 – 221.
- Nelson, T. D. (2011). Ageism: The strange case of prejudice against the older you. In R. L. Wiener & S. L. Willborn (Eds.), *Disability and aging discrimination: Perspectives in Law and Psychology* (pp. 37 – 47). New York: Springer.

- Nelson, T. D. (Ed.). (2004). *Ageism: Stereotyping and prejudice against older persons*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- North, M. S., & Fiske, S. T. (2012). An inconvenience youth? Ageism and its potential intergenerational roots. *Psychological Bulletin*, *138*, 982 – 997. doi: 10.1037/a0027843
- Oliveira, A. R. V., Gomes, L., Tavares, A. B., & Cárdenas, C. J. (2009). Relação entre avós e seus netos no período da infância. *Revista Kairós Gerontologia*, *12*, 149 – 158.
- Omarzu, J. (2000). A disclosure decision model: Determining how and when individuals will self-disclose. *Personality and Social Psychology Review*, *4*, 174 – 185.
- Organização Mundial de Saúde (2015). *Relatório mundial de envelhecimento e saúde* [PDF]. Retirado de https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/186468/WHO_FWC_ALC_15.01_por.pdf?sequence=6
- Pais, V. A. G. (2013). *O papel dos avós: como percebem os avós a sua importância na educação dos netos* (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Pecchioni, L. L., & Croghan, J. M. (2002). Young adults' stereotypes of older adults with their grandparents as the targets. *Journal of Communication*, *52*, 715 – 730.
- Pereira, D., Ponte, F., & Costa, E. (2018). Preditores das atitudes negativas face ao envelhecimento e face à sexualidade na terceira idade. *Análise Psicológica*, *1*, 31 – 46. doi: 10.14417/ap.1341
- Pinazo, S., & Montoro, J. (2004). La relación entre abuelos y nietos: Factores que predicen la calidad de la relación intergeneracional. *Revista Internacional de Sociología*, *38*, 147 – 168.
- Pocinho, R. F. S. (2014). *Mayores en contextos de aprendizaje: Caracterización y efectos psicológicos en los alumnos de las Universidades de Mayores en Portugal* (Dissertação de Doutoramento). Facultat de Psicologia, Universitat de València, Valencia, Espanha.
- Rodrigues, M. I. A. (2011). *Autoestima e qualidade de vida nas mulheres idosas institucionalizadas* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Filosofia de Braga, Universidade Católica Portuguesa, Braga, Portugal.
- Sánchez, M. (2007). *Intergenerational programmes: Towards a society for all ages*. Barcelona: The “la Caixa” Foundation.
- Santos, F. C. (2012). *Gerações Lx: Proposta de projeto piloto para diminuir o idadismo e promover um autoconceito positivo num grupo de seniores e jovens* (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE – IUL), Lisboa, Portugal.
- Sargent-Cox, K. A., Rippon, M., & Burns, R. A. (2014). Measuring anxiety about aging across the adult lifespan. *International Psychogeriatrics*, *26*, 13 – 145. doi: 10.1017/S1041610213001798
- Schwartz, L. K., & Simmons, J. P. (2001). Contact quality and attitudes toward the elderly. *Educational Gerontology*, *27*, 127 – 137. doi: 10.1080/03601270151075525
- Senior, E., & Green, J. (2017). Through the ages: Developing relationships between the young and the old. *Journal of Intergenerational Relationships*, *15*, 295 – 305. doi: 10.1080/15350770.2017.1329600

- Sequeira, A., & Silva, M. N. (2002). O bem-estar da pessoa idosa em meio rural. *Análise Psicológica*, 3, 505 – 516.
- Serviço Nacional de Saúde (2017). *Estratégia nacional para o envelhecimento ativo e saudável 2017 – 2025* [PDF]. Retirado de <https://www.sns.gov.pt/wp-content/uploads/2017/07/ENEAS.pdf>
- Smorti, M., Tschiesner, R., & Farneti, A. (2012). Grandparents–grandchildren relationship. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 46, 895 – 898. doi: 10.1016/j.sbspro.2012.05.219
- Soliz, J. (2007). Communicative predictors of a shared family identity: Comparison of grandchildren's perceptions of family-of-origin grandparents and stepgrandparents. *Journal of Family Communication*, 7, 177 – 194. doi: 10.1080/15267430701221636
- Soliz, J. (2008). Intergenerational support and the role of grandparents in post-divorce families: Retrospective accounts of young adult grandchildren. *Qualitative Research Reports in Communication*, 9, 72 – 80. doi: 10.1080/17459430802400373
- Soliz, J. E., Lin, M. C., Anderson, K., & Harwood, J. (2006). Friends and allies: Communication in grandparent–grandchild relationships. In K. Floyd & M. T. Morman (Eds.), *Widening the Family Circle: New Research on Family Communication* (pp. 65 – 80). Thousand Oaks, Califórnia: SAGE Publications Inc.
- Soliz, J., & Harwood, J. (2003). Perceptions of communication in a family relationship and the reduction of intergroup prejudice. *Journal of Applied Communication Research*, 31, 320 – 345. doi: 10.1080/1369681032000132582
- Soliz, J., & Harwood, J. (2006). Shared family identity, age salience, and intergroup contact: Investigation of the grandparent-grandchild relationship. *Communication Monographs*, 73, 87 – 107.
- Swift, H. J., Abrams, D., Drury, L., & Lamont, R. A. (2016). *The perception of ageing and age discrimination*. London: British Medical Association.
- Tam, T., Hewstone, M., Harwood, J., Voci, A., & Kenworthy, J. (2006). Intergroup contact and grandparent–grandchild communication: The effects of self-disclosure on implicit and explicit biases against older people. *Group Processes & Intergroup Relations*, 9, 413 – 429.
- Teater, B. (2016). How stereotypes and attitudes towards older adults are challenged through intergenerational contact: Young people explain the process. *Gerontology & Geriatrics Education*, 39, 1 – 27. doi: 10.1080/02701960.2015.1115985
- Vicente, F. P., & Afonso, R. M. L. B. M. (2012). Imagens do idoso e do envelhecimento em estudantes universitários. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 1, 87 – 94.
- Young-Bruehl, E. (2009). Childism: Prejudice against children. *Contemporary Psychoanalysis*, 45, 251 – 265. doi: 10.1080/00107530.2009.10745998

Anexos

Anexo A – Questionário

Para começar, gostaríamos de lhe colocar algumas questões que nos permite caracterizá-lo melhor.

1. Sexo

- Feminino
- Masculino

2. Indique as suas habilitações literárias? (Se escolher a opção “Outra”, por favor especifique qual?)

- Ensino Básico
- Ensino Secundário
- Licenciatura
- Pós-graduação
- Mestrado
- Doutoramento
- Outra. Qual? _____

3. Idade _____

4. Qual a sua nacionalidade? (Se escolher a opção “Outra”, por favor especifique qual?)

- Portuguesa
- Outra. Qual? _____

5. Qual o seu estado civil? (Se escolher a opção “Outra”, por favor especifique qual?)

- Solteiro
- Casado
- União de facto
- Divorciado
- Viúvo
- Outra. Qual? _____

6. Algum dos seus avós está presente na sua vida?

- Sim

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

- Não

7. Por favor, pense agora no(a) avô/avó com quem se dá melhor e diga a relação que este tem consigo? (Se escolher a opção “Outra”, por favor especifique qual?)

- Avó materna
- Avó paterna
- Avô materno
- Avô paterno
- Outra. Qual? _____

8. Este(a) avô/avó criou-o(a)?

- Sim
- Não

9. Se não tem avôs, quem é a pessoa com mais de 65 anos com quem se dá melhor? (Por favor, especifique qual?)

Por favor, responda a este questionário pensando sempre nesta pessoa.

10. Como descreve esse(a) avo/avó com quem se dá melhor? (e.g., simpático, disponível, amigo, divertido, etc...)

11. Com que frequência está com esse(a) avô/avó? Indique a sua resposta numa escala de 1 a 6, em que 1 significa “Todos os dias” e 6 “Menos de uma vez por ano”.

1 – Todos os dias	2 – Todas as semanas	3 – Todos os meses	4 – Algumas vezes por ano	5 – Um vez por ano	6 – Menos de uma vez por ano
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

12. Quão satisfeito está com o relacionamento com esse(a) avô/avó? Indique a sua resposta numa escala de 1 a 5, em que 1 significa “Muito Insatisfeito” e 5 “Muito Satisfeito”.

1 – Muito Insatisfeito	2 - Insatisfeito	3 – Nem satisfeito, nem insatisfeito	4 - Satisfeito	5 – Muito Satisfeito
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

13. Pense na relação e participação que tem com este(a) avô/avó e responda às seguintes perguntas, utilizando a seguinte escala de resposta, “Sim” e “Não”.

	Sim	Não
1 – Este(a) avô/avó pede-lhe ajuda com as tarefas que está a fazer?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2 – Ajuda este(a) avô/avó com os seus recados e tarefas domésticas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3 – Pede ajuda a este(a) avô/avó com tarefas que esteja a fazer?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4 – Quando era mais novo, foi educado por este(a) avô/avó?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5 – Discute os seus problemas com este(a) avô/avó?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6 – Este(a) avô/avó dá-lhe conselhos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

14. Pensando ainda na relação e participação que tem com este(a) avô/avó responda às seguintes perguntas, utilizando a seguinte escala de resposta, em que 1 significa “Muitas vezes” e 5 “Nunca”.

	1 – Muitas vezes	2 – Às vezes	3 - Raramente	4 – Uma ou duas vezes	5 - Nunca
7 – Com que frequência acha que os seus pais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

consultam este(a) avô/avó
quando querem tomar uma
decisão que o envolva?

8 – Com que frequência
este(a) avô/avó o corrige
quando faz alguma coisa
que ele(a) desaprove?

15. Pense agora na sua família e neste(a) avô/avó e indique em que medida concorda ou discorda das seguintes afirmações, utilizando a seguinte escala de resposta, em que 1 significa “Discordo Totalmente” e 5 “Concordo Totalmente”.

	1 – Discordo Totalmente	2 - Discordo	3 – Nem concordo, nem discordo	4 - Concordo	5 – Concordo Totalmente
1 – Tenho orgulho de pertencer à mesma família que este(a) avô/avó.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2 – A família que partilho com este(a) avô/avó não é assim tão importante para mim.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3 – Acima de tudo, penso neste(a) avô/avó como membro da minha família.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4 – Este(a) avô/avó é um membro importante da minha família.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5 – Sinto que somos membros de uma família.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

6 – Sinto que somos membros de famílias diferentes.

	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
--	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

7 – Os meus pais e este(a) avô/avó dão-se bem.

	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
--	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

8 – Em geral, os meus pais incentivam-me a ter uma relação com este(a) avô/avó.

	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
--	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

9 – Os meus pais lembram-me de telefonar, escrever e/ou enviar um e-mail a este(a) avô/avó.

	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
--	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

10 – Os meus pais pedem-me para ir com eles, quando vão visitar este(a) avô/avó.

	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
--	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

16. Pense numa conversa típica que tem com este(a) avô/avó e responda às seguintes afirmações, utilizando a seguinte escala de resposta, em que 1 significa “De modo nenhum” e 5 “Muito”.

	1 – De modo nenhum	2	3	4	5 - Muito
1 – Com que frequência expressa os seus sentimentos a este(a) avô/avó.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2 – Quanta informação pessoal fornece a este(a) avô/avó.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

3 – Quanto pessoal é a informação que fornece a este(a) avô/avó.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4 – Quanto dos seus sentimentos é que este(a) avô/avó partilha consigo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5 – Quanta informação pessoal é que este(a) avô/avó lhe fornece.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6 – Quanto pessoal é a informação que este(a) avô/avó lhe fornece.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

17. Considerando o relacionamento com este(a) avô/avó, responda às seguintes afirmações utilizando a seguinte escala de resposta, em que 1 significa “De modo nenhum” e 5 “Muito”.

	1 – De modo nenhum	2	3	4	5 - Muito
1 – Quanto consciente está da diferença de idades entre si e este(a) avô/avó?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2 – Quantas vezes pensa na idade deste(a) avô/avó quando comunica com ele(a)?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3 – A idade importa muito quando está a comunicar com este(a) avô/avó?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4 – Até que ponto este(a) avô/avó é típico(a) de adultos mais velhos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5 – Até que ponto pode contar com este(a) avô/avó para o ouvir quando estiver	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

mesmo zangado com outras pessoas?						
6 – Até que ponto pode pedir conselhos a este(a) avô/avó sobre problemas seus?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7 – Até que ponto pode contar com este(a) avô/avó para o distrair dos seus problemas quando estiver em situações de muito stress?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8 – Até que ponto pode contar com este(a) avô/avó para o ajudar a solucionar um problema?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9 – Até que ponto pode contar com este(a) avô/avó para o apoiar caso um familiar muito próximo de si falecesse?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10 – Até que ponto pode contar com este(a) avô/avó para lhe dar opiniões honestas, mesmo quando não as quer ouvir?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

18. Agora estamos interessados em saber a sua opinião em relação às pessoas idosas. Assim, pedimos para pensar em pessoas idosas com 65 anos ou mais e diga em que grau discorda ou concorda que as pessoas idosas são:

Utilize a seguinte escala de resposta, em que 1 significa “Discordo Totalmente” e 7 “Concordo Totalmente”.

	1 –						7 –
	Discordo	2	3	4	5	6	Concordo
	Totalmente						Totalmente

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

1 – Competentes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2 – Afetuosos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3 – Sábios	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4 – Dependentes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5 – Doentes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6 – Precipitados	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7 – Maduros	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8 – Criativos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9 – Saudáveis	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10 – Irresponsáveis	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

19. Pensando ainda nas pessoas idosas com 65 anos ou mais, diga o que sente acerca delas? Utilize a seguinte escala de resposta, em que 1 significa “Discordo Totalmente” e 7 “Concordo Totalmente”.

	1 – Discordo Totalmente	2	3	4	5	6	7 – Concordo Totalmente
1 – Inveja	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2 – Admiração	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3 – Pena	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4 – Desprezo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

20. Agora estamos interessados em saber a sua opinião em relação ao envelhecimento. Assim, pedimos para responder às seguintes afirmações, de forma a que indique em que medida concorda ou discorda das mesmas, utilizando a seguinte escala de resposta, em que 1 significa “Concordo Totalmente” e 5 “Discordo Totalmente”.

	1 – Concordo Totalmente	2 - Concordo	3 – Nem concordo, nem discordo	4 - Discordo	5 – Discordo totalmente
1 – Aprecio estar com pessoas idosas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2 – Gosto de ir visitar os meus familiares idosos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3 – Gosto de conversar com pessoas idosas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

4 – Sinto-me muito confortável quando estou perto de uma pessoa idosa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5 – Aprecio fazer coisas para as pessoas idosas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6 – Receio que vá ser muito difícil para mim encontrar felicidade quando for idoso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7 – Terei muito com que ocupar o meu tempo quando for idoso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8 – Espero sentir-me bem com a vida quando for idoso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9 – Acredito que ainda serei capaz de fazer a maioria das coisas para mim mesmo quando for idoso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10 – Espero sentir-me bem comigo próprio quando for idoso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11 – Nunca menti sobre a minha idade para parecer mais novo.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12 – Não me incomoda de forma alguma imaginar-me como sendo idoso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
13 – Nunca temi o dia em que me olharia no espelho e veria cabelos brancos.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

14 – Nunca temi aparentar ser mais velho.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
15 – Quando olho para o espelho, incomoda-me ver como a minha aparência mudou com a idade.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
16 – Tenho medo que quando for idoso, todos os meus amigos tenham partido.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
17 – Quanto mais velho me torno, mais me preocupo com a minha saúde.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
18 – Fico nervoso quando penso sobre outra pessoa a tomar decisões por mim.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
19 – Preocupa-me que as pessoas me ignorem quando for idoso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
20 – Tenho medo que a vida não tenha significado quando for idoso.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Anexo B – Resultados da Análise de Componentes Principais e da Consistência interna da Escala Ansiedade face ao Envelhecimento

Com base na medida de adaptação de amostragem de KMO e no teste de Esfericidade de Bartlett foram confirmadas as condições necessárias para a utilização do método da ACP, contudo, verificou-se a eliminação de dois itens originais (itens 16 e 17), por apresentarem valores inferiores a 0,5. Neste sentido, voltou-se a recorrer ao critério de KMO que indicou uma adequabilidade boa (KMO = .811) para os 18 itens em análise, como tal o teste de Esfericidade de Bartlett mostrou um $p < .001$ ($\chi^2_{(153)} = 1482.918$, $p < .001$), o que permite garantir que as variáveis estão significativamente correlacionadas. Porém, ao empregar novamente o método da ACP, com rotação ortogonal *Varimax* resultou na eliminação de mais dois itens originais (itens 9 e 15), por se encontrarem saturados em mais do que um fator resultante, ou seja, existia uma diferença inferior a 0.20 entre as saturações em ambos os fatores. Incidindo novamente no critério de Kaiser para os restantes 16 itens em análise, apurou-se uma adequabilidade boa dos dados (KMO = .807), enquanto que o teste de Esfericidade de Bartlett apresentou um $p < .001$ ($\chi^2_{(120)} = 1381.901$, $p < .001$), o que permite comprovar que as variáveis estão significativamente correlacionadas. Deste modo, aplicou-se novamente o método da ACP, com rotação ortogonal *Varimax*, aos 16 itens em análise, que verificou segundo o critério de Kaiser (eigenvalue > 1) e, em consonância com o critério de *Scree Test*, a extração de cinco componentes que explicam 74.727% da variância total, sendo estas o medo de pessoas idosas (itens 1, 2, 3, 4 e 5), preocupações psicológicas (itens 6 e 7), bem-estar pessoal (itens 8, 10 e 11), aparência física (itens 12, 13 e 14) e medo de perdas (itens 18, 19 e 20).

A nível da consistência interna, esta revelou consistência excelente para o medo de pessoas idosas ($\alpha = .933$), uma consistência boa para o bem-estar pessoal ($\alpha = .813$), uma boa consistência para a aparência física ($\alpha = .816$), uma consistência aceitável para a subescala medo de perdas ($\alpha = .667$) e, por fim, para a dimensão preocupações psicológicas avaliou-se a sua consistência através do coeficiente de Spearman-Brown o qual foi pobre ($r^s = .519$), dado integrar apenas dois itens e devido à sua natureza ordinal.

Anexo C – Consentimento Informado

O presente estudo enquadra-se no âmbito da dissertação do Mestrado de Psicologia Comunitária, Proteção de Crianças e Jovens em Risco, no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, e tem como objetivo conhecer a sua opinião acerca da relação que tem com os seus avós, bem como a sua opinião face às pessoas idosas e também em relação ao envelhecimento.

Deste modo, vimos pedir a sua colaboração no preenchimento deste questionário, sendo que é muito importante para alargar o conhecimento acerca deste fenómeno. Além disso, este questionário terá uma duração aproximada de 15 minutos.

De acordo com as normas da Comissão Nacional de Proteção dos Dados, as suas respostas serão anónimas, com o fim de assegurar a sua confidencialidade. De salientar que não existem respostas certas ou erradas, pois é a sua opinião sincera e espontânea que realmente importa. Realçamos que a sua participação é totalmente voluntária, podendo desistir a qualquer momento, se assim o entender e as suas respostas não serão gravadas.

Os dados recolhidos destinam-se única e exclusivamente para fins académicos da presente investigação. Caso pretenda obter informações adicionais e/ou esclarecimento de dúvidas relativas a este estudo, contacte através do seguinte e-mail: mfmaa@iscte-iul.pt

Agradecemos desde já a sua colaboração,
Marília Massa

Antes de iniciar, confirme que compreendeu a informação acima apresentada e que pretende participar no estudo, bem como ter uma idade compreendida entre os 18 e 35 anos e ser de nacionalidade portuguesa.

- Dou o meu consentimento, aceito participar.
- Não aceito participar.

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

Anexo D – Tabela de correlações

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
1. Habilitações Literárias	-																		
2. Idade	.385**	-																	
3. Frequência do Contacto	.066	.127	-																
4. Qualidade do Contacto	.081	.103	.065	-															
5. Identidade Familiar	.184*	.157*	.287**	.339**	-														
6. Autorrevelação	.172*	.104	.249**	.342**	.445**	-													
7. Saliência da Idade	-.048	.047	-.045	.010	-.022	-.084	-												
8. Competência	.074	.087	.151	.125	.280**	.274**	-.014	-											
9. Afetuosidade	.062	-.074	.087	.164*	.375**	.349**	.011	.530**	-										
10. Estereótipos Positivos	.195*	.111	.071	.148	.339**	.169*	-.048	.437**	.525**	-									
11. Estereótipos Negativos	-.018	.010	.086	-.066	-.89	-.128	.158*	-.042	-.068	-.024	-								
12. Inveja	-.109	-.048	-.036	.061	-.140	-.032	.124	-.001	-.022	.048	.048	-							
13. Admiração	.123	.116	.146	.164*	.429**	.377**	-.032	.405**	.525**	.512**	-.036	-.075	-						
14. Pena	-.182*	-.193*	-.240**	-.087	-.218**	-.249**	.149	-.202*	-.107	-.145	.259**	.106	-.134	-					
15. Desprezo	-.147	-.125	.105	.000	-.220**	-.117	.151	-.005	-.029	-.027	.253**	.385**	-.114	.293**	-				
16. Medo de Pessoas Idosas	-.100	-.162*	-.104	-.165*	-.344**	-.364**	.004	-.342**	-.300	-.362**	.087	.173*	-.344**	.259**	.222**	-			
17. Preocupações Psicológicas	-.101	-.087	-.059	-.064	-.199*	-.176*	.050	-.241**	-.198*	-.183*	.166*	.139	-.157*	.288**	.251**	.452**	-		
18. Aparência Física	-.072	-.124	-.014	-.082	-.115	-.004	-.018	-.091	-.066	-.134	.052	-.135	-.043	.218**	.059	.257**	.385**	-	
19. Medo de Perdas	.006	-.107	-.064	.014	.179*	.199*	.064	.181*	.198*	.079	.013	-.121	.179*	.038	-.043	-.327**	-.116	.163*	-

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Figura D.1 – Correlações entre as variáveis

Anexo E – Modelo de Regressão Linear Múltipla

Anexo E.1. Relação com os avós e idadismo

Anexo E.1.1. Quantidade e qualidade do contacto com os avós e idadismo.

Primeiramente, analisou-se o efeito da quantidade e qualidade do contacto com os avós na percepção de competência. Assim, é possível constatar que o modelo no seu global não é significativo, o que permite concluir a ausência de pelo menos uma medida de contacto que possa explicar significativamente esta dimensão ($F_{(2, 155)} = 2.889, p = .059$). Também partindo dos resultados, verifica-se que apenas 2.3% da variação da competência é explicada por estas variáveis ($R^2 = .023$) (Quadro E.1.).

Quadro E.1. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar a dimensão Competência

Variáveis explicativas	Competência
	Beta
Quantidade do contacto	.143
Qualidade do contacto	.115
$R^2_{\text{ajustado}} =$.023
$F(2, 155) =$	2.889

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Relativamente aos estereótipos positivos, observa-se que o modelo na sua totalidade é significativo ($F_{(3, 154)} = 3.181, p = .026$), o que à partida conclui-se que existem variáveis que podem explicar este indicador. Neste seguimento, apenas as habilitações literárias contribuem significativamente para a explicação dos estereótipos positivos ($\beta = .181, t = 2.308, p = .022$), indicando que quanto maior as habilitações literárias que os participantes apresentam, maior a atribuição de estereótipos positivos face às pessoas idosas. Além disso, os resultados salientam que apenas 4.0% da variação dos estereótipos positivos é explicada por este conjunto de variáveis ($R^2 = .040$) (Quadro E.2.).

Quadro E.2. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar os Estereótipos Positivos

Variáveis explicativas	Estereótipos Positivos
	Beta
Habilitações Literárias	.181*
Quantidade do contacto	.050
Qualidade do contacto	.130
$R^2_{\text{ajustado}} =$.040*
$F(3, 154) =$	3.181

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Ao avaliar os efeitos da quantidade e qualidade nos estereótipos negativos, observa-se que o modelo no seu global não é significativo ($F_{(2, 155)} = 0.989$, $p = .374$), o que assinala que nenhuma variável explica significativamente este indicador. O modelo indica que 0% da variação dos estereótipos negativos é explicada por estas variáveis ($R^2 = .000$) (Quadro E.3.).

Quadro E.3. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar os Estereótipos Negativos

Variáveis explicativas	Estereótipos Negativos
	Beta
Quantidade do contacto	.091
Qualidade do contacto	-.072
$R^2_{\text{ajustado}} =$.000
$F(2, 155) =$	0.989

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Anexo E.1.2. Características da relação com os avós e idadeismo. Em termos dos estereótipos negativos, o modelo no seu global não é significativo, o que permite concluir que nenhuma das características da relação com os avós permite explicar significativamente este indicador ($F_{(3, 154)} = 2.133$, $p = .098$). Como também é perceptível que o modelo indica que apenas 2.1% da variação dos estereótipos negativos é explicada por estas variáveis ($R^2 = .021$) (Quadro E.4.).

Quadro E.4. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar os Estereótipos Negativos

Variáveis explicativas	Estereótipos Negativos
	Beta
Identidade Familiar	-.043
Autorrevelação	-.097
Saliência de Idade	.149
$R^2_{\text{ajustado}} =$.021
$F(3, 154) =$	2.133

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Anexo E.2. Relação com os avós e ansiedade face ao envelhecimento

Anexo E.2.1. Quantidade e qualidade do contacto com os avós e ansiedade face ao envelhecimento. Face a esta vertente, é possível verificar que o modelo no seu global não é significativo, o que leva a concluir que as medidas de contacto não explicam a subescala “Preocupações Psicológicas” ($F(2, 155) = 0.548, p = .579$). Como também é visível a baixa capacidade explicativa do modelo, visto que apenas -.6% da variação é explicada por estas variáveis ($R^2 = -.006$) (Quadro E.5.).

Quadro E.5. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar as Preocupações Psicológicas

Variáveis explicativas	Preocupações Psicológicas
	Beta
Quantidade do contacto	-.055
Qualidade do contacto	-.060
$R^2_{\text{ajustado}} =$	-.006
$F(2, 155) =$	0.548

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Por sua vez, na subescala “Aparência Física” o modelo no global também não foi significativo, realçando desta forma que nenhuma das medidas de contacto tem efeito sobre esta vertente ($F(2, 155) = 0.532, p = .589$). Além do que o modelo indica que -.6% da variação da aparência física é explicada por estas variáveis ($R^2 = -.006$) (Quadro E.6.).

Quadro E.6. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar a Aparência Física

Variáveis explicativas	Aparência Física
	Beta
Quantidade do contacto	-.009
Qualidade do contacto	-.081
R ² ajustado =	-.006
F (2, 155) =	0.532

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Para a subescala “Medo de Perdas” o modelo mostrou ser significativo, registando que existe pelo menos uma variável que explica significativamente esta vertente ($F_{(3, 154)} = 2.983$, $p = .033$). Assim, destaca-se ser apenas o sexo a variável que contribui mais para explicar o “Medo de Perdas” ($\beta = -.225$, $t = -2.869$, $p = .005$), salientando que o sexo feminino demonstra sentir mais ansiedade perante o medo de perdas do que o sexo masculino. Além disso, o modelo aponta que 3,7% da variação do “Medo de Perdas” é explicada por estas variáveis ($R^2 = .037$) (Quadro E.7.).

Quadro E.7. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar o Medo de Perdas

Variáveis explicativas	Medo de Perdas
	Beta
Sexo	-.225**
Quantidade do contacto	-.067
Qualidade do contacto	.022
R ² ajustado =	.037*
F (3, 154) =	2.983

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Anexo E.2.2. Características da relação com os avós e ansiedade face ao envelhecimento. Relativamente à subescala “Aparência Física”, pode se apurar que o modelo no seu geral não é significativo, o que vem a assegurar de acordo com os resultados que não existe nenhuma característica da relação com os avós que explica significativamente esta

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

dimensão ($F_{(3, 154)} = 0.851, p = .468$). Como também é se salientar que -.3% da variação da aparência física é explicada por estas variáveis ($R^2 = -.003$) (Quadro E.8.).

Quadro E.8. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar a Aparência Física

Variáveis explicativas	Aparência Física
	Beta
Identidade Familiar	-.141
Autorrevelação	.057
Saliência de Idade	-.016
$R^2_{\text{ajustado}} =$	-.003
$F(3, 154) =$	0.851

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Por último, para a subescala “Medo de Perdas”, o modelo resultou ser significativo, o que afirma que existe pelo menos uma variável que pode explicar significativamente esta vertente ($F_{(4, 153)} = 4.382, p = .002$). De facto, verifica-se que somente o sexo apresenta ter efeitos significativos sobre esta dimensão ($\beta = -.217, t = -2.816, p = .005$), salientando mais uma vez que o sexo feminino demonstra sentir mais ansiedade para com esta subescala do que o sexo masculino. Adicionalmente, os resultados indicam que 7.9% da variação do “Medo de Perdas” é explicada por este conjunto de variáveis ($R^2 = .079$) (Quadro E.9.).

Quadro E.9. Resultados do modelo da regressão linear múltipla para explicar o Medo de Perdas

Variáveis explicativas	Medo de Perdas
	Beta
Sexo	-.217**
Identidade Familiar	.108
Autorrevelação	.144
Saliência de Idade	.096
$R^2_{\text{ajustado}} =$.079**
$F(4, 153) =$	4.382

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Anexo F – Mediações entre as variáveis

Anexo F.1. O medo de pessoas idosas medeia a relação entre a qualidade do contacto e a percepção de afetuosidade

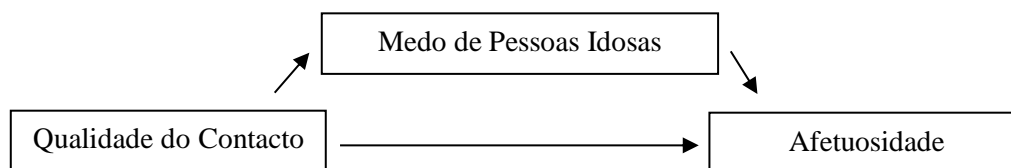


Figura F.1. Efeito da qualidade do contacto na percepção de afetuosidade mediado pelo medo de pessoas idosas

O modelo em observação refere-se ao efeito mediador do “Medo de Pessoas Idosas” na relação entre a “Qualidade do Contacto” e a percepção de “Afetuosidade” (Figura F.1.). Sendo perceptível através dos resultados expressos que este modelo é significativo ($F_{(2, 155)} = 8.962, p < .001$) e explica 10.4% ($R^2 = .104$) da variação da afetuosidade (Quadro F.1.).

Seguindo este prisma, a qualidade do contacto apresenta um efeito negativo e significativo na mediadora medo de pessoas idosas, evidenciando que quanto maior a qualidade do contacto com os avós, menos ansiedade os jovens têm em relação a esta dimensão ($B = -.136, t = -2.092, p = .038$). Por outro lado, também é visível que o medo de pessoas idosas mostra ter um efeito negativo e significativo sobre a percepção de afetuosidade, o que revela quanto menor a ansiedade face a esta subescala, mais afetuosas os jovens tendem a perceber as pessoas idosas ($B = -.350, t = -3.646, p < .001$).

No seguimento, verificou-se que a qualidade do contacto ostenta não ter um efeito direto e significativo quanto à percepção de afetuosidade ($B = .120, t = 1.521, p = .130$). Para além disso, é possível apurar que o efeito indireto (a^*b) é positivo e significativo ($B = .048, 95\% \text{ Boot IC} = .006, .129$), o que confirma a existência de mediação, que neste caso é tida como completa, tendo em conta que não existe efeito direto.

Em suma, é possível constatar que a qualidade do contacto tem efeito na percepção de afetuosidade apenas através da mediadora medo de pessoas idosas.

Quadro F.1. Resultados de regressão na relação entre a qualidade do contacto e a percepção de afetuosidade mediado pelo medo de pessoas idosas

Variáveis predictoras	Medo de Pessoas Idosas		Afetuosidade	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			5.157***	0.349
Qualidade do contacto			.168*	0.081
<i>Efeito direto</i>				
Constante	2.576***	0.281	6.058***	0.417
Qualidade do contacto	-.136*	0.065	.120	0.079
Medo de Pessoas Idosas			-.350***	0.096
<i>Efeito indireto</i>				
	<i>Coef.</i>	<i>Erro-padrão</i>	95% Bootstrap IC	
	.048	0.030	.006	.129
	$R^2_{ajustado} =$.027*	.104***
			F (1, 156) = 4.374	F (2, 155) = 8.962

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Anexo F.2. O medo de pessoas idosas medeia a relação entre a qualidade do contacto e a emoção admiração

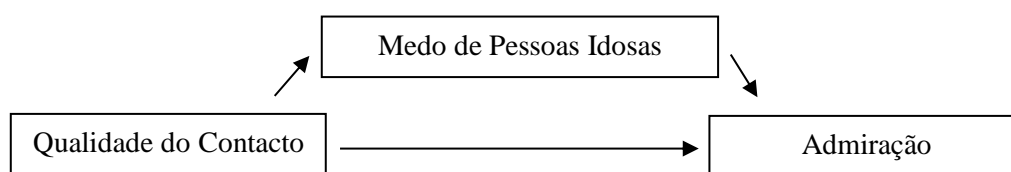


Figura F.2. Efeito da qualidade do contacto na emoção admiração mediado pelo medo de pessoas idosas

O modelo em análise refere-se ao efeito mediador do “Medo de Pessoas Idosas” na relação entre a “Qualidade do Contacto” e a emoção “Admiração” (Figura F.2.). Relativamente à adequabilidade do modelo, é possível depreender que este é significativo ($F_{(2, 155)} = 11.616$, $p < .001$) e explica 13.0% ($R^2 = .130$) da variação da admiração (Quadro F.2.).

Com base nos resultados, verifica-se que a qualidade do contacto tem um efeito negativo e significativo sobre o medo de pessoas idosas, o que reflete que quanto maior for a qualidade do contacto com os avós, menor a ansiedade os jovens apresentam face a esta vertente ($B = -.136$, $t = -2.092$, $p = .038$). Por outro lado, observa-se que o medo de pessoas idosas indica ter

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

um efeito negativo e significativo sobre a admiração, realçando que quanto mais os jovens sentem admiração pelas pessoas idosas, menor ansiedade têm em relação a esta dimensão ($B = -.506$, $t = -4.296$, $p < .001$).

No seguimento, verificou-se que a qualidade do contacto não tem um efeito direto e significativo quanto à emoção admiração ($B = .140$, $t = 1.446$, $p = .150$). Para além disso, é possível observar que o efeito indireto é positivo e significativo ($B = .069$, 95% Boot IC = .003, .192), o que afirma a existência de mediação, que neste caso é tida como completa, tendo em conta que não existe efeito direto.

Em suma, é possível atestar que a qualidade do contacto tem efeito na perceção de afetuosidade apenas através da mediadora.

Quadro F.2. Resultados de regressão na relação entre a qualidade do contacto e a emoção admiração mediado pelo medo de pessoas idosas

Variáveis predictoras	Medo de Pessoas Idosas		Admiração	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			4.895***	0.436
Qualidade do contacto			.209*	0.101
<i>Efeito direto</i>				
Constante	2.576***	0.281	6.198***	0.513
Qualidade do contacto	-.136*	0.065	.140	0.097
Medo de Pessoas Idosas			-.506***	0.118
<i>Efeito indireto</i>				
	<i>Coef.</i>	<i>Erro-padrão</i>	<i>95% Bootstrap IC</i>	
	.069	0.047	.003	.192
	$R^2_{ajustado} =$.027*	.130***
			F (1, 156) = 4.374	F (2, 155) = 11.616

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Anexo F.3. O medo de pessoas idosas medeia a relação entre a identidade familiar e a percepção de competência

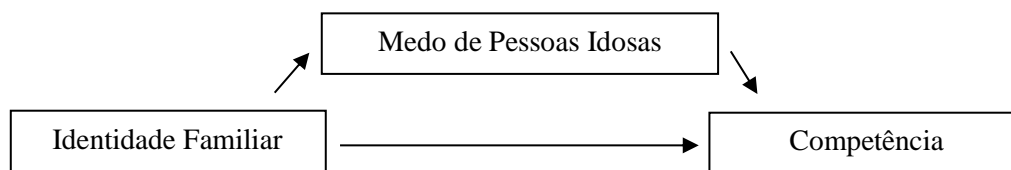


Figura F.3. Efeito da identidade familiar na percepção de competência mediado pelo medo de pessoas idosas

O modelo em questão diz respeito ao efeito mediador do “Medo de Pessoas Idosas” na relação entre a “Identidade Familiar” e a percepção de “Competência” (Figura F.3.). Assim, é visível através dos resultados apresentados que o modelo é significativo ($F_{(2, 155)} = 13.333, p < .001$) e explica 14.7% ($R^2 = .147$) da variação do traço “competentes” (Quadro F.3.).

Neste sentido, verifica-se que a identidade familiar tem um efeito negativo e significativo na mediadora medo de pessoas idosas, o que indica que quanto maior a identidade familiar compartilhada com os avós, menor ansiedade os jovens apresentam perante esta dimensão ($B = -.627, t = -4.569, p < .001$). Como também se observa que o medo de pessoas idosas exibe um efeito negativo e significativo face à percepção de competência, assinalando que menor ansiedade para com esta vertente permite aos jovens adultos encararem as pessoas idosas como mais competentes ($B = -.395, t = -3.523, p = .001$).

No seguimento, foi possível apurar também que a identidade familiar tem um efeito direto e significativo sobre a percepção de competência ($B = .478, t = 2.335, p = .021$), demonstrando que quanto maior a partilha de identidade familiar com os avós, mais competentes os jovens consideram as pessoas idosas. Importa também testar o efeito indireto, que neste caso é positivo e significativo ($B = .248, 95\% \text{ Boot IC} = .098, .493$), o que afere a existência de mediação, que neste caso é considerada como parcial, dado que regista um valor inferior ao do efeito total que é positivo e significativo ($B = .726, t = 3.644, p < .001$).

Em suma, a identidade familiar tem um efeito direto na percepção de competência, para além de que este efeito é ainda mediado pela subescala medo de pessoas idosas.

Quadro F.3. Resultados de regressão na relação entre a identidade familiar e a percepção de competência mediado pelo medo de pessoas idosas

Variáveis predictoras	Medo de Pessoas Idosas		Competência	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			1.890*	0.940
Identidade Familiar			.726***	0.199
<i>Efeito direto</i>				
Constante	4.947***	0.647	3.846***	1.063
Identidade Familiar	-.627***	0.137	.478*	0.205
Medo de Pessoas Idosas			-.395**	0.112
<i>Efeito indireto</i>				
	<i>Coef.</i>	<i>Erro-padrão</i>	95% Bootstrap IC	
	.248	0.100	.098	.493
	$R^2_{ajustado} =$.118***	.147***
			F (1, 156) = 20.873	F (2, 155) = 13.333

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Anexo F.4. O medo de pessoas idosas medeia a relação entre a identidade familiar e a percepção de afetuosidade

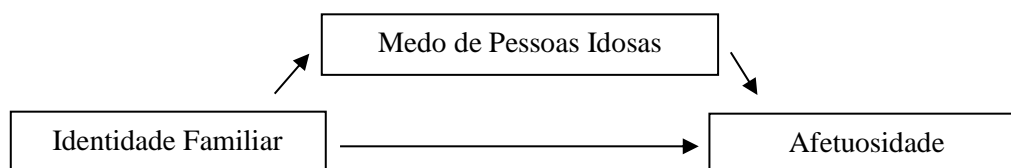


Figura F.4. Efeito da identidade familiar na percepção de afetuosidade mediado pelo medo de pessoas idosas

O modelo em análise concerne ao efeito mediador do “Medo de Pessoas Idosas” na relação entre a “Identidade Familiar” e a percepção de “Afetuosidade” (Figura F.4.). Deste modo, este modelo é significativo ($F_{(2, 155)} = 16.357, p < .001$) e explica 17.4% ($R^2 = .174$) da variação da percepção de afetuosidade (Quadro F.4.).

A partir dos resultados, observa-se que a identidade familiar tem um efeito negativo e significativo na mediadora medo de pessoas idosas, o que indica que quanto maior a identidade familiar compartilhada com os avós, menor ansiedade os jovens apresentam perante esta dimensão ($B = -.627, t = -4.569, p < .001$). Como também está patente que o medo de pessoas

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

idosas mostra ter um efeito sobre o traço “afetuosos”, indicando que menor ansiedade para com esta vertente possibilita aos jovens adultos olhar para as pessoas idosas como mais afetuosas ($B = -.242, t = -2.502, p = .013$).

No seguimento, foi ainda possível constatar que a identidade familiar apresenta ter um efeito direto e significativo sobre a percepção de afetuosidade ($B = .700, t = 3.971, p < .001$), registrando que quanto maior a partilha de identidade familiar com os avós, mais afetuosas os jovens adultos percebem as pessoas idosas. Além disso, é necessário reportar o efeito indireto que resultou ser positivo e significativo ($B = .152, 95\% \text{ Boot IC} = .049, .336$), o que comprova a existência de mediação, que neste caso é parcial, devido a registrar um valor inferior ao do efeito total que também é positivo e significativo ($B = .852, t = 5.059, p < .001$).

Em síntese, apesar da identidade familiar ter um efeito direto na percepção de afetuosidade, é ainda mediado pela subescala medo de pessoas idosas.

Quadro F.4. Resultados de regressão na relação entre a identidade familiar e a percepção de afetuosidade mediado pelo medo de pessoas idosas

Variáveis predictoras	Medo de Pessoas Idosas		Afetuosidade	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			1.862*	0.794
Identidade Familiar			.852***	0.168
<i>Efeito direto</i>				
Constante	4.947***	0.647	3.058**	0.916
Identidade Familiar	-.627***	0.137	.700***	0.176
Medo de Pessoas Idosas			-.242*	0.097
<i>Efeito indireto</i>				
	<i>Coef.</i>	<i>Erro-padrão</i>	<i>95% Bootstrap IC</i>	
	.152	0.070	.049	.336
	$R^2_{\text{ajustado}} =$.118***	.174***
			F (1, 156) = 20.873	F (2, 155) = 16.357

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Anexo F.5. O medo de pessoas idosas medeia a relação entre a identidade familiar e os estereótipos positivos

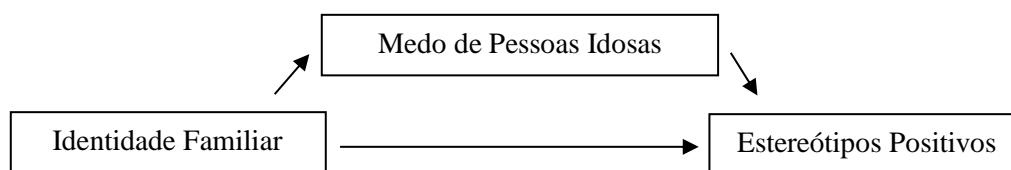


Figura F.5. Efeito da identidade familiar nos estereótipos positivos mediado pelo medo de pessoas idosas

Em relação a este modelo em análise, pretende-se verificar o efeito mediador “Medo de Pessoas Idosas” na relação entre a “Identidade Familiar” e os “Estereótipos Positivos” (Figura F.5.). Assim, este modelo é significativo ($F_{(2, 155)} = 17.409, p < .001$) como explica 18.3% ($R^2 = .183$) da variação dos estereótipos positivos (Quadro F.5.).

Do ponto de vista dos resultados, mais uma vez está expresso que a identidade familiar apresenta ter um efeito negativo e significativo sobre a subescala medo de pessoas idosas, o que reflete que quanto maior a partilha de identidade familiar existente com os avós, menos ansiedade os jovens adultos mostram para com esta vertente ($B = -.627, t = -4.569, p < .001$). Como também é perceptível que o medo de pessoas idosas tem um efeito negativo e significativo face aos estereótipos positivos, o que é de realçar mais uma vez que uma menor ansiedade por parte dos jovens adultos para com esta subescala leva a que os mesmos atribuem mais estereótipos positivos às pessoas idosas ($B = -.317, t = -3.603, p < .001$). Ainda no que concerne a este modelo, verifica-se que a identidade familiar também tem um efeito direto e significativo quanto aos estereótipos positivos ($B = .505, t = 3.150, p = .002$), evidenciando que a identidade familiar com os avós propicia nos jovens adultos uma maior atribuição de estereótipos positivos em relação às pessoas idosas. Adicionalmente, o efeito indireto revelou ser positivo e significativo ($B = .199, 95\% \text{ Boot IC} = .076, .412$), o que vai ao encontro da presença de mediação, que neste caso é tida como parcial, visto que assenta ter valor inferior ao do efeito total que é positivo e significativo ($B = .704, t = 4.503, p < .001$).

Em suma, a identidade familiar tem um efeito direto nos estereótipos positivos, para além de que este efeito é ainda mediado pelo medo de pessoas idosas.

Quadro F.5. Resultados de regressão na relação entre a identidade familiar e os estereótipos positivos mediado pelo medo de pessoas idosas

Variáveis predictoras	Medo de Pessoas Idosas		Estereótipos Positivos	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			2.609**	0.738
Identidade Familiar			.704***	0.156
<i>Efeito direto</i>				
Constante	4.947***	0.647	4.177***	0.833
Identidade Familiar	-.627***	0.137	.505**	0.160
Medo de Pessoas Idosas			-.317***	0.088
<i>Efeito indireto</i>				
	<i>Coef.</i>	<i>Erro-padrão</i>	<i>95% Bootstrap IC</i>	
	.199	0.086	.076	.412
	$R^2_{ajustado} =$.118***	.183***
			F (1, 156) = 20.873	F (2, 155) = 17.409

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Anexo F.6. O medo de pessoas idosas medeia a relação entre a identidade familiar e a emoção pena

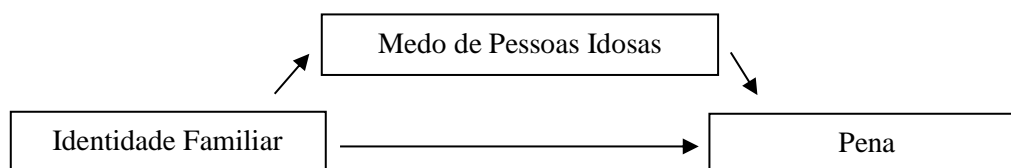


Figura F.6. Efeito da identidade familiar na emoção pena mediado pelo medo de pessoas idosas

O modelo em análise alude ao efeito mediador do “Medo de Pessoas Idosas” na relação entre a “Identidade Familiar” e a emoção “Pena” (Figura F.6.). Este modelo é significativo ($F_{(2, 155)} = 7.282, p = .001$) e explica 8.6% ($R^2 = .086$) da variação da emoção “pena”.

De acordo com os resultados apresentados (Quadro F. 6), a identidade familiar tem um efeito negativo e significativo na subescala medo de pessoas idosas, indicando mais uma vez que maior identidade familiar compartilhada com os avós pode propiciar menor ansiedade por parte dos jovens face a esta dimensão ($B = -.627, t = -4.569, p < .001$). Como também é observável que o medo de pessoas idosas mostra um efeito positivo e significativo sobre a

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

emoção pena, expondo que quanto menor a ansiedade face a esta subescala, menos pena os jovens adultos sentem das pessoas idosas ($B = .420$, $t = 2.554$, $p = .012$).

Para além disso, averiguou-se também que a identidade familiar com os avós não tem um efeito direto e significativo relativamente à emoção pena ($B = -.535$, $t = -1.786$, $p = .076$), pelo que ocorre uma mediação completa. Importa também testar o efeito indireto, que neste caso é negativo e significativo ($B = -.263$, 95% Boot IC = $-.541$, $-.043$).

Em suma, a identidade familiar tem um efeito direto na emoção pena, apenas através da mediadora medo de pessoas idosas.

Quadro F.6. Resultados de regressão na relação entre a identidade familiar e a emoção pena mediado pelo medo de pessoas idosas

Variáveis predictoras	Medo de Pessoas Idosas		Pena	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			6.633***	1.351
Identidade Familiar			-.798**	0.286
<i>Efeito direto</i>				
Constante	4.947***	0.647	4.557**	1.557
Identidade Familiar	-.627***	0.137	-.535	0.300
Medo de Pessoas Idosas			.420*	0.164
<i>Efeito indireto</i>				
	<i>Coef.</i>	<i>Erro-padrão</i>	<i>95% Bootstrap IC</i>	
	-.263	0.125	-.541	-.043
	$R^2_{ajustado} =$.118***	.086**
			F (1, 156) = 20.873	F (2, 155) = 7.282

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Anexo F.7. O medo de pessoas idosas medeia a relação entre a autorrevelação e a percepção de competência

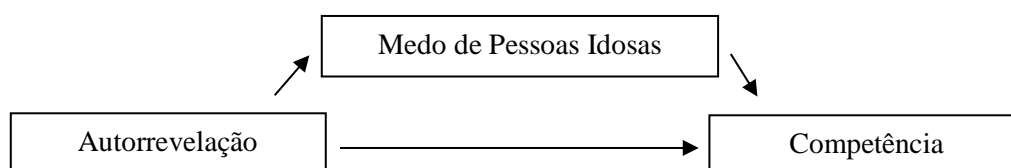


Figura F.7. Efeito da autorrevelação na percepção de competência mediado pelo medo de pessoas idosas

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

O modelo em análise refere-se ao efeito mediador do “Medo de Pessoas Idosas” na relação entre a “Autorrevelação” e a percepção de “Competência” (Figura F.7.). Deste modo, é visível de acordo com os resultados que este é significativo ($F_{(2, 155)} = 12.899, p < .001$), como explica 14.3% ($R^2 = .143$) da variação do traço “competentes” (Quadro F.7.).

No seguimento, verifica-se que a autorrevelação tem um efeito negativo e significativo na mediadora medo de pessoas idosas, o que assinala que quanto maior for a partilha de informação entre ambos, menor ansiedade os jovens demonstram face a esta subescala ($B = -.338, t = -4.882, p < .001$). Como também o medo de pessoas idosas apresenta um efeito negativo e significativo face a esta dimensão, mostrando que uma menor ansiedade para com esta vertente conduz a que os jovens encaram as pessoas idosas como mais competentes ($B = -.396, t = -3.491, p = .001$).

Além disso, verificou-se também que a autorrevelação tem um efeito direto e significativo quanto à percepção de competência ($B = .228, t = 2.165, p = .032$), evidenciando que uma autorrevelação positiva com os avós permite aos jovens adultos ter uma perspetiva das pessoas idosas como mais competentes. No que diz respeito ao efeito indireto, este é positivo e significativo ($B = .134, 95\% \text{ Boot IC} = .056, .275$), o que certifica a existência de mediação, que neste caso é tida como parcial, uma vez que regista um valor inferior ao do efeito total que é positivo e significativo ($B = .362, t = 3.564, p < .001$).

Em suma, a autorrevelação tem um efeito direto na percepção de competência, que é ainda mediado pelo medo de pessoas idosas.

Quadro F.7. Resultados de regressão na relação entre a autorrevelação e a percepção de competência mediado pelo medo de pessoas idosas

Variáveis predictoras	Medo de Pessoas Idosas		Competência	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			4.045***	0.363
Autorrevelação			.362***	0.102
<i>Efeito direto</i>				
Constante	3.175***	0.248	5.302***	0.503
Autorrevelação	-.338***	0.069	.228*	0.105
Medo de Pessoas Idosas			-.396**	0.113
<i>Efeito indireto</i>				
	<i>Coef.</i>	<i>Erro-padrão</i>	<i>95% Bootstrap IC</i>	
	.134	0.053	.056	.275

$R^2_{\text{ajustado}} =$	$.133^{***}$	$.143^{***}$
	$F(1, 156) = 23.837$	$F(2, 155) = 12.899$

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Anexo F.8. O medo de pessoas idosas medeia a relação entre a autorrevelação e a percepção de afetuosidade

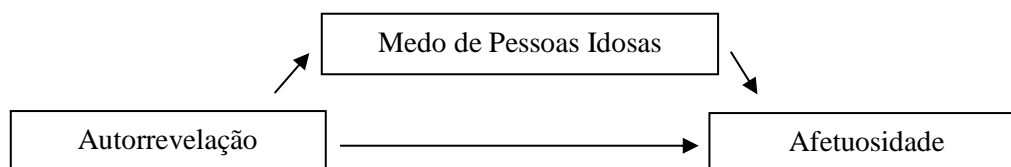


Figura F.8. Efeito da autorrevelação na percepção de afetuosidade mediado pelo medo de pessoas idosas

Este modelo em questão refere-se ao efeito mediador “Medo de Pessoas Idosas” na relação entre a “Autorrevelação” e a percepção de “Afetuosidade” (Figura F.8.), sendo que é significativo ($F(2, 155) = 14.380, p < .001$) e explica 15.7% ($R^2 = .157$) da variação da afetuosidade.

Neste sentido, os resultados indicam (Quadro F.8.) que a autorrevelação ostenta ter um efeito negativo e significativo na mediadora medo de pessoas idosas, o que mostra que maior partilha de informação pessoal e íntima entre os avós e os netos conduz a menor ansiedade dos jovens face a esta subescala ($B = -.338, t = -4.882, p < .001$). Sendo de que referir ainda que esta subescala tem um efeito negativo e significativo sobre a percepção de afetuosidade, evidenciado mais uma vez que uma menor ansiedade face a esta subescala possibilita aos jovens percecionarem as pessoas idosas como mais afetuosas ($B = -.249, t = -2.523, p = .013$).

Para além disso, observa-se também que a autorrevelação tem um efeito direto e significativo em relação aos traços “afetuosos” ($B = .319, t = 3.489, p = .001$), o que reflete que maior partilha de informação entre ambos leva os jovens a perspetivarem as pessoas idosas como mais afetuosas. Por sua vez, o efeito indireto ao ser positivo e significativo ($B = .084, 95\% \text{ Boot IC} = .015, .190$), certifica a presença de mediação, sendo considerada parcial, uma vez que marca um valor inferior ao do efeito total que é positivo e significativo ($B = .403, t = 4.653, p < .001$).

Em síntese, apesar da autorrevelação ter um efeito direto na percepção de afetuosidade, sendo parcialmente mediado pelo medo de pessoas idosas, também explica *per se* esta dimensão.

Quadro F.8. Resultados de regressão na relação entre a autorrevelação e a percepção de afetuosidade mediado pelo medo de pessoas idosas

Variáveis predictoras	Medo de Pessoas Idosas		Afetuosidade	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			4.465***	0.310
Autorrevelação			.403***	0.087
<i>Efeito direto</i>				
Constante	3.175***	0.248	5.254***	0.437
Autorrevelação	-.338***	0.069	.319**	0.091
Medo de Pessoas Idosas			-.249*	0.099
<i>Efeito indireto</i>				
	<i>Coef.</i>	<i>Erro-padrão</i>	<i>95% Bootstrap IC</i>	
	.084	0.043	.015	.190
	$R^2_{ajustado} =$.133***	.157***
			F (1, 156) = 23.837	F (2, 155) = 14.380

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Anexo F.9. O medo de pessoas idosas medeia a relação entre a autorrevelação e os estereótipos positivos

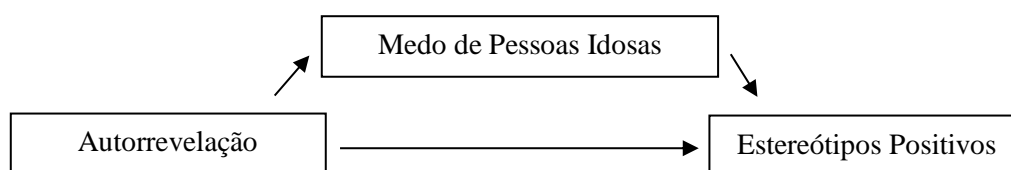


Figura F.9. Efeito da autorrevelação nos estereótipos positivos mediado pelo medo de pessoas idosas

O modelo em análise refere-se ao efeito mediador do “Medo de Pessoas Idosas” na relação entre a “Autorrevelação” e os “Estereótipos Positivos” (Figura F.9.). O modelo de mediação é significativo ($F_{(2, 155)} = 11.857, p < .001$) e explica 13.3% ($R^2 = .133$) da variação dos estereótipos positivos (Quadro F.9.).

Neste sentido, a autorrevelação tem um efeito negativo e significativo na mediadora medo de pessoa idosas, o que indica que quanto maior autorrevelação entre ambos, menor ansiedade os jovens apresentam em relação à dimensão ($B = -.338, t = -4.882, p < .001$). Como também é observável que o medo de pessoas idosas apresenta um efeito negativo e significativo

sobre os estereótipos positivos, mostrando que quanto menor a ansiedade na vertente representada, mais os jovens tendem a atribuir estereótipos positivos face às pessoas idosas ($B = -.395, t = -4.317, p < .001$).

Adicionalmente, apurou-se que a autorrevelação não tem um efeito direto sobre este indicador, pelo que ocorre uma mediação completa. Desta forma é importante verificar o efeito indireto que resultou ser positivo e significativo ($B = .113, 95\% \text{ Boot IC} = .057, .256$).

Em suma, a autorrevelação tem efeito nos estereótipos positivos apenas através da mediadora medo de pessoas idosas.

Quadro F.9. Resultados de regressão na relação entre a autorrevelação e os estereótipos positivos mediado pelo medo de pessoas idosas

Variáveis predictoras	Medo de Pessoas Idosas		Estereótipos Positivos	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			5.298***	0.298
Autorrevelação			.178*	0.083
<i>Efeito direto</i>				
Constante	3.175***	0.248	6.551***	0.405
Autorrevelação	-.338***	0.069	.045	0.085
Medo de Pessoas Idosas			-.395***	0.091
<i>Efeito indireto</i>				
	<i>Coef.</i>	<i>Erro-padrão</i>	<i>95% Bootstrap IC</i>	
	.133	0.051	.057	.256
	$R^2_{\text{ajustado}} =$.133***	.133***
			F (1, 156) = 23.837	F (2, 155) = 11.857

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Anexo F.10. O medo de pessoas idosas medeia a relação entre a autorrevelação e a emoção pena

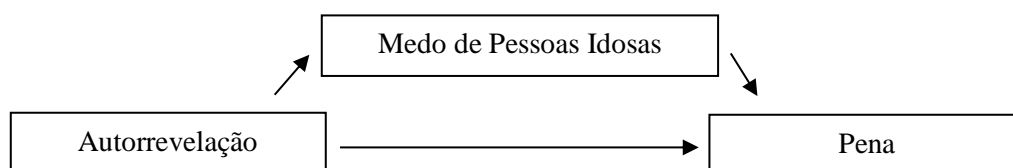


Figura F.10. Efeito da autorrevelação na emoção pena mediado pelo medo de pessoas idosas

A hipótese em análise alude ao efeito mediador do “Medo de Pessoas Idosas” na relação entre a “Autorrevelação” e a emoção “Pena” (Figura F.10.). O modelo de mediação é significativo ($F_{(2, 155)} = 8.098, p < .001$) e explica 9.5% ($R^2 = .095$) da variação da emoção “Pena”.

No que concerne aos resultados (Quadro F.10.), a autorrevelação mais uma vez salienta um efeito negativo e significativo na mediadora medo de pessoa idosas, o que aponta que maior autorrevelação entre ambos conduz a menor ansiedade dos jovens em relação à dimensão ($B = -.338, t = -4.882, p < .001$). Como também é perceptível que esta mesma dimensão apresenta um efeito positivo e significativo face a esta emoção, postulando que quanto menor a ansiedade face a esta dimensão, menos pena os jovens adultos sentem das pessoas idosas ($B = .390, t = 2.366, p = .019$).

Para além disso, verifica-se também que a autorrevelação tem um efeito direto e significativo relativamente à emoção pena ($B = -.332, t = -2.170, p = .032$), evidenciando que quanto maior a partilha de informação entre ambos, menos pena os jovens adultos sentem face às pessoas idosas. Importa também destacar o efeito indireto, que neste caso é negativo e significativo ($B = -.132, 95\% \text{ Boot IC} = -.294, -.023$), o que corrobora a existência de mediação, que neste caso é tida como parcial, tendo em conta que regista um valor inferior ao do efeito total que é negativo e significativo ($B = -.464, t = -3.208, p = .002$).

Em suma, a autorrevelação tem um efeito direto na emoção pena, para além de que este efeito é mediado pelo medo de pessoas idosas.

Quadro F.10. Resultados de regressão na relação entre a autorrevelação e a emoção pena mediado pelo medo de pessoas idosas

Variáveis predictoras	Medo de Pessoas Idosas		Pena	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			4.493***	0.517
Autorrevelação			-.464**	0.145
<i>Efeito direto</i>				
Constante	3.175***	0.248	3.254***	0.731
Autorrevelação	-.338***	0.069	-.332*	0.165
Medo de Pessoas Idosas			.390*	0.153
<i>Efeito indireto</i>				
	<i>Coef.</i>	<i>Erro-padrão</i>	<i>95% Bootstrap IC</i>	

-0.132	0.069	-0.294	-0.023
$R^2_{\text{ajustado}} =$.133***	.095***
		$F(1, 156) = 23.837$	$F(2, 155) = 8.098$

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Anexo F.11. As preocupações psicológicas medeiam a relação entre a identidade familiar e a emoção pena

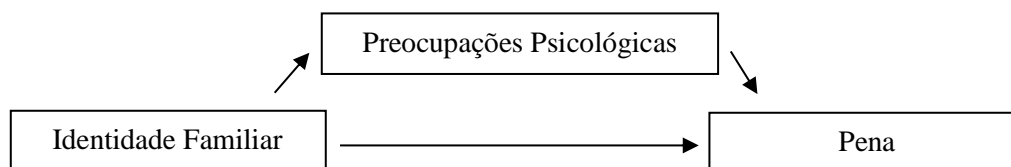


Figura F.11. Efeito da identidade familiar na emoção pena mediado pelas preocupações psicológicas

O modelo em análise refere-se ao efeito mediador das “Preocupações Psicológicas” na relação entre a “Identidade Familiar” e a emoção “Pena” (Figura F.11.). O modelo de mediação é significativo ($F(2, 155) = 9.566, p < .001$) e explica 11.0% ($R^2 = .110$) da variação da emoção “pena” (Quadro F.11.).

Neste sentido, verifica-se que a identidade familiar tem um efeito negativo e significativo na mediadora preocupações psicológicas, o que indica que quanto maior a identidade familiar compartilhada com os avós, menor ansiedade os jovens apresentam perante esta dimensão ($B = -.264, t = -2.538, p = .012$). Como também é observável que as preocupações psicológicas apresentam um efeito positivo e significativo sobre a emoção pena, mostrando que quanto menor a ansiedade face a esta subescala, menos pena os jovens adultos sentem das pessoas idosas ($B = .705, t = 3.298, p = .001$).

Para além disso, verificou-se também que a identidade familiar compartilhada com os avós tem um efeito direto e significativo relativamente à emoção pena ($B = -.612, t = -2.159, p = .032$), evidenciando que quanto maior a partilha de identidade familiar com os avós, menos pena os jovens adultos sentem face às pessoas idosas. Importa também testar o efeito indireto (a^*b), que neste caso é negativo e significativo ($B = -.186, 95\% \text{ Boot IC} = -.415, -.047$), o que confirma a existência de mediação, que neste caso é tida como parcial, uma vez que regista um valor inferior ao do efeito total que é negativo e significativo ($B = -.798, t = -2.787, p = .006$).

Em suma, apesar da identidade familiar ter um efeito direto na emoção pena, sendo parcialmente mediado pelas preocupações psicológicas, também a identidade familiar explica *per se* a emoção pena.

Quadro F.11. Resultados de regressão na relação entre a identidade familiar e a emoção pena mediado pelas preocupações psicológicas

Variáveis predictoras	Preocupações Psicológicas		Pena	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			6.633***	1.351
Identidade Familiar			-.798**	0.286
<i>Efeito direto</i>				
Constante	3.369***	0.491	4.258**	1.495
Identidade Familiar	-.264*	0.104	-.612**	0.283
Preocupações Psicológicas			.705**	0.214
<i>Efeito indireto</i>				
	<i>Coef.</i>	<i>Erro-padrão</i>	<i>95% Bootstrap IC</i>	
	-.186	0.090	-.415	-.047
	$R^2_{ajustado} =$.040*	.110***
			F (1, 156) = 6.443	F (2, 155) = 9.566

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Anexo F.12. As preocupações psicológicas medeiam a relação entre a autorrevelação e a percepção de competência

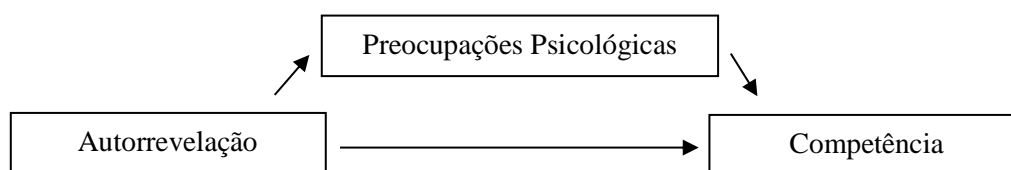


Figura F.12. Efeito da autorrevelação na percepção de competência mediado pelas preocupações psicológicas

A hipótese em análise alude ao efeito mediador das “Preocupações Psicológicas” na relação entre a “Autorrevelação” e a percepção de “Competência” (Figura F.12.). No seguimento, o modelo de mediação é significativo ($F_{(2, 155)} = 9.922, p < .001$) e explica 11.3% ($R^2 = .113$) da variação da percepção de “competência”.

De acordo com os resultados expressos (Quadro F.12.), a autorrevelação tem um efeito negativo e significativo na mediadora preocupações psicológicas, constatando que maior partilha de informação com os avós permite reduzir os níveis de ansiedade face a esta vertente ($B = -.119, t = -2.230, p = .027$). Como também é possível verificar que as preocupações psicológicas ostentam ter um efeito negativo e significativo em relação à percepção de

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

competência, salientando que quanto menores as preocupações psicológicas, mais competentes os jovens consideram as pessoas idosas ($B = -.388, t = -2.585, p = .011$).

Além disso, apura-se também que a autorrevelação entre ambos tem um efeito direto e significativo quanto à percepção de competência ($B = .316, t = 3.117, p = .002$), demonstrando que quanto mais há partilha de informação pessoal entre ambos, mais competentes os jovens percebem as pessoas idosas. Adicionalmente, também é necessário referir o efeito indireto, que resultou positivo e significativo ($B = .046, 95\% \text{ Boot IC} = .006, .128$), o que atesta a existência de mediação, sendo que esta é tida como parcial, dado que apresenta um valor inferior ao do efeito total que é positivo e significativo ($B = .362, t = 3.564, p < .001$).

É possível concluir que além da autorrevelação ter um efeito direto sobre a percepção de competência, sendo parcialmente mediado pelas preocupações psicológicas, também se pode explicar esta variável.

Quadro F.12. Resultados de regressão na relação entre a autorrevelação e a percepção de competência mediado pelas preocupações psicológicas

Variáveis predictoras	Preocupações Psicológicas		Competência	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			4.045***	0.363
Autorrevelação			.362***	0.102
<i>Efeito direto</i>				
Constante	2.540***	0.190		0.522
Autorrevelação	-.119*	0.053	5.030***	
Preocupações Psicológicas			.316**	0.101
			-.388*	0.150
<i>Efeito indireto</i>				
	<i>Coef.</i>	<i>Erro-padrão</i>	<i>95% Bootstrap IC</i>	
	.046	0.029	.006	.128
	$R^2_{\text{ajustado}} =$.031*	.113***
			F (1, 156) = 4.974	F (2, 155) = 9.922

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$

Anexo F.13. As preocupações psicológicas medeiam a relação entre a autorrevelação e os estereótipos positivos

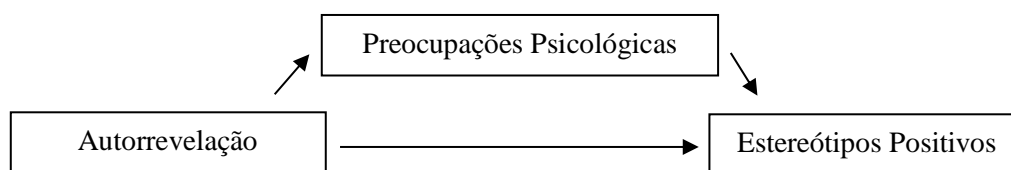


Figura F.13. Efeito da autorrevelação nos estereótipos positivos mediado pelas preocupações psicológicas

O modelo em análise permite determinar o efeito mediador das “Preocupações Psicológicas” na relação entre a “Autorrevelação” e os “Estereótipos Positivos” (Figura F.13.). Neste seguimento, é possível depreender que este modelo é significativo ($F_{(2, 155)} = 4.318, p = .015$) e que explica 5.3% ($R^2 = .053$) da variação dos “estereótipos positivos” (Quadro F.13.).

Deste modo, observa-se que a autorrevelação tem um efeito negativo e significativo na mediadora preocupações psicológicas, atestando que quanto maior a partilha de informação íntima e pessoal com os avós, menores os níveis de ansiedade face a esta vertente ($B = -.119, t = -2.230, p = .027$). Como também é possível apurar que as preocupações psicológicas têm um efeito negativo e significativo em relação aos estereótipos positivos, salientando que quanto menores as preocupações psicológicas, maior a atribuição de traços positivos face às pessoas idosas ($B = -.248, t = -1.997, p = .048$).

Adicionalmente, é observável que a autorrevelação com os avós não tem um efeito direto e significativo sobre os estereótipos positivos ($B = .149, t = 1.772, p = .078$), pelo que é possível aferir que ocorre uma mediação completa. Além disso, o efeito indireto é positivo e significativo ($B = .029, 95\% \text{ Boot IC} = .001, .094$).

Em suma, conclui-se que a autorrevelação tem efeito nos estereótipos positivos apenas através da mediadora preocupações psicológicas.

AVÓS-NETOS: IDADISMO E ANSIEDADE FACE AO ENVELHECIMENTO

Quadro F.13. Resultados de regressão na relação entre a autorrevelação e os estereótipos positivos mediado pelas preocupações psicológicas

Variáveis predictoras	Preocupações Psicológicas		Estereótipos Positivos	
	B	Erro-padrão	B	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			5.298***	0.298
Autorrevelação			.178*	0.083
<i>Efeito direto</i>				
Constante	2.540***	0.190	5.928***	0.432
Autorrevelação	-.119*	0.053	.149	0.084
Preocupações Psicológicas			-.248*	0.124
<i>Efeito indireto</i>				
	<i>Coef.</i>	<i>Erro-padrão</i>	<i>95% Bootstrap IC</i>	
	.029	0.022	.001	.094
	$R^2_{\text{ajustado}} =$.031*	.053*
			F (1, 156) = 4.974	F (2, 155) = 4.318

* $p < .05$ ** $p < .01$ *** $p < .001$